

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Brunna Luiza Lima de Sousa

**AS NARRATIVAS IMPLÍCITAS: Um estudo exploratório da construção de ideias
subentendidas na escrita criativa**

Porto Alegre

2022

Brunna Luiza Lima de Sousa

**AS NARRATIVAS IMPLÍCITAS: Um estudo exploratório da construção de ideias
subentendidas na escrita criativa**

Dissertação de Mestrado em Estudos Literários Aplicados apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Rui Vicente Oppermann

VICE-REITORA

Jane Tutikian

DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Claudia Wasserman

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Izabel Saraiva Noll

DIRETOR DO INSTITUTO DE LETRAS

Sérgio de Moura Menuzzi

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Beatriz Cerisara Gil

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Vladimir Luciano Pinto

CIP - Catalogação na Publicação

DE SOUSA, BRUNNA LUIZA LIMA

AS NARRATIVAS IMPLÍCITAS: Um estudo exploratório da construção de ideias subentendidas na escrita criativa / BRUNNA LUIZA LIMA DE SOUSA. -- 2022.

126 f.

Orientador: Carlos Leonardo Bonturim Antunes.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Narratologia. 2. Escrita Criativa. 3. Narrativas implícitas. 4. Literatura. 5. ficção. I. Antunes, Carlos Leonardo Bonturim, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Brunna Luiza Lima de Sousa

Dissertação de Mestrado em Estudos Literários Aplicados apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em:

Porto Alegre, 28 de janeiro de 2022

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a – Regina Zilberman - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a – Cinara Ferreira Pavani - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. – Jéferson dos Santos Assunção – Universidade de Brasília (UnB)

*A todos escritores e escritoras que li ao longo da vida
e que, mesmo sem saber, me trouxeram até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Existem várias pessoas às quais gostaria de agradecer pela oportunidade de escrever essa dissertação. A primeira de todas é o meu orientador, Carlos Leonardo, que me deu a chance de entrar no programa de pós-graduação em Letras. Sou muito grata a você por ter me escolhido como sua orientanda, mesmo sem me conhecer, apenas acreditando no meu trabalho. Foi uma feliz surpresa passar em um processo seletivo de mestrado de uma Universidade em que nunca estudei, com professores que não conheciam minha jornada acadêmica. A experiência de estudar na UFRGS e morar em Porto Alegre foi uma das que mais agregaram à minha vida com toda a certeza. Obrigada pela oportunidade, por todos os conselhos, por me acalmar nos momentos em que achei que não conseguiria escrever e por me guiar na finalização deste projeto.

Também gostaria de agradecer às minhas professoras da pós, que contribuíram e muito para a construção desse trabalho e que, não por coincidência, estão presentes na minha banca. Obrigada Regina Zilberman e Cinara Pavani pelas aulas incríveis e por todo o universo da literatura que me apresentaram. Foi uma honra ser aluna de vocês e levarei para sempre todas as referências e ensinamentos que aprendi em suas respectivas disciplinas.

Outra pessoa que não poderia deixar de agradecer é o meu professor de Escrita Criativa, Jéferson Assunção. Obrigada por tudo o que fez por mim como professor e amigo, por me orientar e me encorajar a tentar o processo seletivo do mestrado, por todas as aulas e conversas sobre criação literária que, inclusive, me ajudaram a ter a ideia de estudar narrativas implícitas.

Ao Leonardo Alves, que esteve comigo em todos os momentos bons e desafiadores do mestrado, que sempre acreditou que eu conseguiria tanto passar quanto finalizar a minha dissertação. Nunca vou esquecer de todos os perrengues que passamos juntos pra realização desse objetivo. E, por fim, aos meus pais, que me encorajam a seguir meus sonhos, independente de quais sejam. Obrigada por confiarem em mim sempre. Esse é o maior gesto de amor que vocês poderiam me dar.

“...de qualquer forma, as ideias nos surgem quando não as esperamos e não quando, sentados à nossa mesa de trabalho, cansamos o cérebro a procurá-las. Entretanto, é positivo que elas não nos ocorreriam se, anteriormente, não houéssemos refletido longamente em nossa mesa de estudos e se não houéssemos, com devoção entusiasmada, buscado uma resposta.”

Max Weber

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo explorar e analisar o conceito de narrativas implícitas, tendo por sua definição a construção de ideias subtendidas e com determinadas camadas de interpretação – a partir da teoria proposta pelo autor argentino Ricardo Piglia, que afirmou em seus estudos que um conto sempre tem duas histórias: a primeira é a que temos acesso e a segunda história é a narrativa mais profunda que subjaz à primeira. Além disso, como parte da pesquisa, foi desenvolvida uma novela ficcional autoral do qual se utilizaram os conceitos e teorias da narrativa implícita de forma aplicada. Para tal estudo, esse trabalho parte das teorias e estudos sobre estruturalismo, interpretação e superinterpretação, indústria cultural e Narratologia.

Palavras-chave: Narrativas implícitas. Escrita criativa. Narratologia. Ricardo Piglia. Literatura.

ABSTRACT

This work aims to explore and analyze the concept of implicit narratives, having as its definition the construction of subtended ideas and with certain layers of interpretation - from the theory proposed by the Argentine author Ricardo Piglia, who stated in his studies that a tale always has two stories: the first is the one we have access to, and the second story is the deeper narrative that underlies the first. In addition, as part of the research, I intend to write an authorial fictional novel and use the concepts and theories of implicit narrative in an applied way. For this study, this work starts from theories and studies on structuralism, interpretation and overinterpretation, cultural industry and Narratology.

Keywords: Implicit narratives. Creative writing. Narratology. Ricardo Piglia. Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O IMPLÍCITO E A SOCIEDADE	14
2.1 CULTURA DE MASSA E A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA	14
2.2 A DISTINÇÃO	17
3 O IMPLÍCITO E LEITOR	20
3.1 INTERPRETAÇÃO E SUPERINTERPRETAÇÃO	20
4 O IMPLÍCITO E O ESCRITOR	24
4.1 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE NARRATOLOGIA	24
4.2 NARRADORES FALÍVEIS E NÃO CONFIÁVEIS	26
4.3 TIPOS DE NARRATIVAS IMPLÍCITAS	29
4.3.1 O Implícito Social	30
4.3.2 O Implícito Subjetivo	31
4.3.3 O Implícito Cultural	32
5 A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS IMPLÍCITAS NA NOVELA NIARA	34
5.1 DIÁRIO DE ESCRITA	34
6 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
ANEXO 1 – Niara	45

1 INTRODUÇÃO

De onde surgiu a ideia de estudar narrativas implícitas? A primeira vez em que tive contato com esse tema foi em uma Oficina de Escrita Criativa ministrada pelo escritor e professor de escrita criativa Jéferson Assumção em 2018. Na época, em uma de suas aulas, ele comentou sobre as narrativas implícitas, dando a elas o sentido de narrativas complexas – ou seja: narrativas que não são simples de interpretar justamente pelas diversas camadas e possibilidades narrativas contidas nesse tipo de escrita. Mas o que mais me chamou atenção não foi o conceito em si, mas sim o que ele disse após a explicação das narrativas implícitas: nós, brasileiros, por inúmeros motivos, entre eles a alfabetização tardia em comparação a outros países e a falta de acesso a literatura em muitas classes sociais, em geral não temos costume e nem acesso a narrativas implícitas. Isso torna o nosso consumo de narrativas explícitas, isto é, narrativas fáceis de absorver, muito maior. Como consequência, livros e histórias com narrativas explícitas são mais aceitos e desejados comercialmente e, por fim, temos um ciclo que se retroalimenta.

É evidente que existem inúmeros fatores que podem ser questionados dentro dessas afirmações e que, inclusive, devem ser questionados para que tenhamos uma ideia mais concreta do que realmente significa essas narrativas dentro de um contexto social. Será mesmo que a maioria dos brasileiros lê narrativas explícitas? O que caracteriza esse tipo de narrativa em primeiro lugar? Somente o fato de ela ser mais simples de ser compreendida? E, se for, será que isso em algum grau nos prejudica enquanto leitores/consumidores? Quando falamos de narrativas implícitas, falamos apenas de literatura? Ou falamos também de narrativas de filmes, teatro, séries, quadrinhos, desenhos?

A partir desse dia, nasceu o meu primeiro interesse em estudar as narrativas implícitas, pois, ao ter contato com o significado dessas narrativas, inúmeros questionamentos como esses surgiram em minha cabeça, inclusive lembranças de várias experiências pessoais que também me fizeram ter ainda mais interesse em estudar esse tema.

Uma dessas experiências aconteceu por volta dos meus 16 anos quando decidi ler o livro **Leite Derramado** (2009), do autor Chico Buarque. Sempre fui uma leitora assídua e, na adolescência, me arriscava a ler alguns livros em tese mais avançados

para a minha idade. **Leite Derramado** foi um desses livros que senti que era avançado demais para mim, mas só fui ter certeza disso já mais velha, quando finalmente entendi um dos objetivos da narrativa.

O livro de Chico Buarque conta a história de um senhor muito velho, em um leito de hospital, que começa a falar sobre sua vida para as enfermeiras, médicos, filha e quem mais quisesse ouvir a sua história, a história da sua família, dos seus antepassados e dos seus herdeiros. Nascido em uma família tradicional e bastante rica do Rio de Janeiro, o narrador é o próprio personagem, que conta acontecimentos em forma de monólogo, sem ordem lógica ou cronológica, pois trata-se de um senhor que já está com a memória bastante embaralhada por causa da idade.

Mas o mais interessante da história que Chico Buarque construiu não é a vida do personagem principal, e sim o fato de que, ao contar a sua própria história, o personagem também conta a história do Brasil nos últimos dois séculos, passando por conflitos históricos, sociais e políticos. Dessa forma, o foco principal do livro, além da história ficcional do personagem principal, também é o que ele conta nas entrelinhas – a narrativa implícita.

Porém, essa narrativa implícita não foi acessada por uma adolescente de 16 anos que ainda não tinha o conhecimento histórico necessário para conseguir compreender com clareza o que Chico Buarque propôs em seu livro. Naquela época, eu só compreendi a primeira camada da história, a história do personagem principal e sua vida íntima, com suas questões familiares, amorosas e sua vivência. O que nos leva também à seguinte constatação: a narrativa implícita está relacionada com a bagagem cultural do leitor, pois, mesmo que o autor tenha escrito uma narrativa implícita, dependendo do assunto o qual ele quis abordar em sua história, se for um assunto que necessita um conhecimento prévio para ser compreendido, não serão todos os leitores que conseguirão compreendê-lo em sua totalidade.

Outro exemplo interessante são as histórias infanto-juvenis. A maioria das histórias desse gênero trazem narrativas implícitas, mas, ao contrário de narrativas como o do Chico Buarque, o objetivo das histórias infanto-juvenil é abordar certos temas importantes para o desenvolvimento de um jovem; como sexualidade, escolha profissional, racismo, abusos e vários outros temas que geralmente são abordados em histórias desse gênero. Durante minha adolescência, eu li dezenas de livros do gênero e só depois de alguns anos fui perceber as histórias implícitas por trás dos enredos desses livros.

E, com isso, mais um questionamento se forma: será que existem histórias apenas explícitas ou elas sempre são uma mistura de implícito com explícito? Ou será que todas as narrativas, em algum grau, têm camadas implícitas?

Ao lembrar dessas e de outras histórias que li ao longo da minha trajetória com a literatura, a necessidade de pesquisar esse tema ficou ainda mais evidente e foi inevitável defini-lo como meu projeto de pesquisa. No entanto, após explorar esse assunto antes e durante a minha caminhada acadêmica no mestrado, cheguei à conclusão de que esse é um tema com inúmeras possibilidades de caminhos a se seguir. Logo, precisei delimitar o estudo de narrativas implícitas em três caminhos diferentes, que busquei investigar ao longo deste trabalho.

O primeiro caminho, abordado no capítulo dois da pesquisa, visa entender as narrativas implícitas através do ponto de vista social, para compreender o que significa implícito e explícito do ponto de vista cultural, visto que dependendo da classe social e econômica em que estamos inseridos podemos ler mais ou menos, ter acesso a determinados conhecimentos e, inclusive, ter uma definição distinta de implícito ou explícito, conforme a nossa formação cultural. Para esta parte, foram utilizadas as obras dos autores Theodor Adorno em **A Indústria cultural** (2002), Walter Benjamin em **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica** (2014) e Pierre Bourdieu em **A Distinção** (2007).

O segundo caminho, abordado no capítulo três, é o estudo sobre implícito do ponto de vista do leitor. Ou seja, qual o papel do leitor na construção de sentido do texto? Como a interpretação é construída e como ela impacta essa definição de implícito, dependendo de quem está fazendo a leitura? Para essa parte, vali-me do autor Umberto Eco em suas obras **Interpretação e Superinterpretação** (1992) e **Obra Aberta** (1971).

O terceiro caminho, abordado no capítulo quatro, é o estudo sobre Narratologia, partindo da Teoria Estruturalista que aborda a ideia de sistemas de linguagem e as teorias sobre interpretação. Para essa parte, o referencial teórico escolhido são os autores Umberto Eco e seu livro **Seis passeios pelos bosques da ficção** (1994); Michael Peters em **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença (uma introdução)** (2000); Greta Olson em **Reconsidering Unreliability: Fallible and Untrustworthy Narrators** (2003) e Ricardo Piglia em **Formas Breves** (2004). Nesse caminho, busquei entender de forma mais técnica e estrutural a construção de ideias subtendidas: como escrever uma narrativa implícita? É algo passível de

planejamento? Quais foram os primeiros estudos sobre narrativas implícitas e a quais conclusões chegaram sobre essa técnica? Como podemos visualizar o implícito em algumas narrativas? A partir das respostas de cada um dos caminhos estudados, proponho uma indagação final: qual a importância de estudar as narrativas implícitas dentro do ambiente acadêmico? E de que forma contribuirei para a academia com este trabalho?

Ademais, como forma de estudo aplicado, além da pesquisa comparativa utilizada para entender mais profundamente o conceito de narrativas implícitas e seus impactos na literatura, foi desenvolvido um trabalho autoral do gênero novela, onde pretendi aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa teórica em um trabalho de escrita criativa. A novela trata da história de uma personagem que deseja muito ser uma dançarina reconhecida, mas que, por causa de um acidente, quebra seu tornozelo e vê seu objetivo interrompido. Ao longo da novela, exploro questões implícitas que são expostas no capítulo cinco dessa pesquisa, onde explico o meu processo criativo, como inseri as narrativas implícitas e quais as técnicas utilizadas.

Por fim, acredito que a literatura sempre foi um instrumento de registro histórico, de resistência e de construção cultural de uma sociedade. Estudar as narrativas implícitas significa estudar como podemos usar a arte literária em sua máxima possibilidade. Afinal, como poderíamos falar de temas complexos com jovens e adolescentes em livros juvenis se não fosse de maneira implícita? Como poderíamos falar sobre temas delicados e poucos aceitos socialmente se não fosse através do implícito? Como teria sido a resistência em épocas turbulentas se não pudéssemos usar as ideias subtendidas em livros, músicas ou filmes? As narrativas implícitas desempenham um papel importante na literatura e acredito que esse trabalho abrirá caminhos para futuros leitores e escritores olharem com mais atenção para esse tema e enxergar a sua relevância dentro de suas respectivas intenções e objetivos acadêmicos ou literários.

2 O IMPLÍCITO E A SOCIEDADE

2.1 CULTURA DE MASSA E A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA

Uma das primeiras questões que a pesquisa sobre narrativas nos leva a tentar entender é a relação da obra com o indivíduo e sua classe social. Se temos um tipo de literatura que pressupõe que sua leitura deve ser mais atenta e complexa que o normal, é preciso compreender o ambiente em que essa leitura é feita e por qual tipo de leitor ela é feita. Por isso, neste capítulo, vamos ver o implícito partindo do ponto de vista social, com o objetivo de entender como a indústria cultural, a cultura de massa e outras teorias relacionadas à tecnologia de produção afetam a criação de narrativas implícitas e também a sua relação com o leitor.

Theodor W. Adorno, filósofo alemão, considerado um dos representantes da Escola de Frankfurt, em sua obra **A Indústria Cultural – o Iluminismo como Mistificação das massas**, publicada em 1944, juntamente com Max Horkheimer, aborda com muita clareza como a indústria de massa se configura na nossa sociedade, criando padrões que se repetem com a intenção de formar uma estética ou recepção comum voltada para o consumo. Nessa teoria, ele diz que as necessidades dos indivíduos são criadas pela própria indústria, que, através de filmes, livros, rádios, teatro etc., cria um sistema que se harmoniza entre si. Esse sistema, muitas vezes, transforma a arte em negócio, onde o objetivo é a criação e a difusão de produtos culturais que são consumidos por um curto período de tempo e logo substituídos por outros.

Segundo Adorno:

Na realidade, é neste círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema se restringe sempre mais. Mas não se diz que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade do próprio domínio, é o caráter repressivo da sociedade que se autoaliena. (ADORNO, 2002, p. 3).

Dentro dessa percepção de indústria cultural, portanto, as narrativas implícitas se encontram no caminho oposto, pois uma história, para ser devidamente comercializada dentro dos padrões industriais que agradem à grande massa de pessoas já acostumada com esse mesmo sistema, ela precisa ser de consumo rápido, prazeroso e fácil. Por outro lado, as narrativas implícitas, procuram, com a sua intenção, ser exatamente o tipo de obra que vai na contramão dessa abordagem.

Então, como criar e comercializar histórias implícitas dentro de um sistema de cultura de massa que prioriza, na maioria das vezes, histórias explícitas? Além dessa questão, bastante relevante para começarmos a discussão sobre a difusão das narrativas implícitas e onde ela se encontra no sistema cultural, não podemos deixar de ressaltar que a cultura de massa só existe e funciona do jeito que funciona por causa da reprodução em massa de obras.

O que nos leva ao estudo do autor Walter Benjamin, em seu livro **A Obra de Arte na época de sua reprodutibilidade técnica**, publicada em 1989, na qual aborda as tendências do desenvolvimento da arte sob as condições atuais de produção. Ele explica como a obra de arte acaba se modificando no processo de reprodução desde que foi descoberto que era possível replicar textos, imagens, sons e, mais recentemente, vídeos. Adicionalmente, discute o quanto essa reprodução – essencial para o funcionamento da indústria cultural – afeta a obra em si.

Benjamin escreve:

Além disso, em segundo lugar, a reprodutibilidade técnica pode colocar a cópia do original em situações que são inatingíveis ao próprio original. Sobretudo, torna possível ir ao encontro daquele que a recebe, seja na forma da fotografia, seja na do disco. A catedral abandona seu lugar para encontrar sua recepção no estúdio de um amante das artes; o coral que foi executado em uma sala ou a céu aberto se deixa ouvir em um quarto. (BENJAMIN, 2012, p. 21).

O autor explica que a obra de arte sempre foi, por princípio, reproduzível. O que os homens fizeram sempre pôde ser reproduzido por homens, de forma verbal, através de contagem de histórias, passando de gerações em gerações. No entanto, a reprodutibilidade técnica da obra, ou seja, através de gráficas e outros equipamentos que hoje facilitam o processo de replicação, é algo que inevitavelmente transforma a própria obra em algo novo. Segundo o autor, é impossível que a mesma obra que foi criada em sua forma original, após sofrer tantas interferências externas por conta da replicação em massa, não se modifique nesse processo.

A técnica de reprodução, assim se pode formular de modo geral, destaca o reproduzido da esfera da tradição. Na medida em que se multiplica a reprodução, coloca no lugar de sua ocorrência única sua ocorrência em massa. E, na medida em que permite à reprodução ir ao encontro daquele que a recebe em sua respectiva situação, atualiza o que é reproduzido. (BENJAMIN, 2012, p. 23).

Podemos inferir, então, através dos estudos dos autores acima, que uma obra de arte sofre essas interferências causadas pelo sistema de reprodução de massa e

que isso deve ser levado em consideração quando falamos de criação literária. Afinal, quando a obra chega até nós, ela já passou por tantas modificações e influências externas que isso impreterivelmente influencia a nossa interpretação enquanto leitores. E, além da própria obra sofrer modificações até o momento de sua leitura, o tipo de leitor também contribui para que haja uma diferenciação de interpretações.

Adorno, em **A Indústria Cultural**, explica que a indústria se constrói em diferentes níveis. Segundo ele, não existe apenas um tipo de consumidor para um tipo de produto: existem vários. E eles são classificados justamente pela sua classe social. Em suma, o nível social, acesso a educação e origem de uma pessoa, determina o tipo de produto cultural que ela vai consumir.

Distinções enfáticas, como entre filmes de classe A e B, ou entre histórias em revistas a preços diversificados, não são tão fundadas na realidade, quanto, antes, servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los [...] O fato de oferecer ao público uma hierarquia de qualidades em serie serve somente à quantificação mais completa. Cada um deve-se portar, por assim dizer, espontaneamente, segundo o seu nível, determinado a priori por índices estatísticos, e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para o seu tipo. (ADORNO, 2002, p. 4).

Na Comunicação Social, essa ideia de categorizar as pessoas e as informações, entretenimentos e discursos com base na classe social é um dos princípios básicos da profissão. É impossível para um publicitário que precisa fazer uma propaganda de um determinado produto criar uma comunicação sem saber exatamente qual o seu público, em qual nível social ele está, o que ele gosta de consumir, com qual tipo de linguagem ele vai se atrair e se identificar. O mesmo processo se aplica ao jornalista que vai fazer uma reportagem para uma revista, portal ou jornal lido majoritariamente por um público de elite (e, por isso, as matérias, assuntos e temas são específicos para esse público) ou fazer uma reportagem para um jornal de uma classe social mais baixa. Cada classe social tem seus hábitos de consumo próprios e a comunicação utiliza isso para vender produtos com mais assertividade.

Para Adorno, essa diferença serve apenas para padronizar ainda mais cada grupo de pessoas e oferecer produtos de massa mais específicos e de acordo com o seu tipo. A indústria cultural sobrevive através dessa repetição constante de necessidades criadas:

Não obstante, a indústria cultural permanece a indústria do divertimento. O seu poder sobre os consumidores é mediatizado pelo *amusement* que, afinal,

é eliminado não por um mero diktat, mas sim pela hostilidade, inerente ao próprio princípio do divertimento diante de tudo que poderia ser mais do que divertimento. Uma que a encarnação de todas as tendências da indústria cultural na carne e no sangue do público se faz mediante o processo social inteiro, a sobrevivência do mercado, neste setor, opera no sentido de intensificar aquelas tendências. (ADORNO, 2002, p. 12).

2.2 A DISTINÇÃO

Essa questão de a cultura estar vinculada a classe social e vice-versa foi investigada ainda mais a fundo pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que, em sua obra **A distinção – Crítica social do julgamento**, publicada em 1979, abordou sobre a distinção da cultura em diferentes classes sociais e o motivo de esse fenômeno acontecer. Para Bourdieu, a percepção de cultura muda conforme a classe social em que o indivíduo está inserido. E não só a percepção de cultura, como também o gosto e a preferência por determinados tipos de obra e de consumo estão intrinsecamente ligados ao nível social e escolar em que a pessoa se enquadra.

Para Bourdieu:

Contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as políticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, a origem social. (BOURDIEU, 2007, p. 9).

A noção de que as preferências culturais estão associadas ao nível de instrução do indivíduo pode não ser novidade, apesar de ser questionável. Quanto mais acesso a educação, livros e conhecimento nós temos, mais as nossas preferências e gostos pessoais vão se modificando, através das influências dos conhecimentos que recebemos.

Se somos acostumados a ler livros, ver filmes, séries e ouvir músicas populares, nosso gosto por esse tipo de cultura vai se tornar cada vez maior e mais natural, pelas influências que recebemos. Da mesma forma acontece se estamos dentro de um ambiente mais intelectual, onde nosso consumo de livros, filmes e música tem relação com nosso grau de instrução. Se aprendemos que música clássica é melhor, literatura inglesa é uma obra prima, tendemos a buscar gostar desse tipo de cultura para nos enquadrarmos em um certo nível social. Ou seja,

usamos a cultura como forma de pertencer a um determinado grupo. Nosso gosto se modifica a partir do momento que queremos estar ou já estamos em um nível social, ou buscamos aceitação de um certo grupo de pessoas.

Por outro lado, como Bourdieu também afirma em seu texto, pessoas que não tiveram acesso a um grau maior de escolaridade, tendem a se opor a certos tipos de cultura, repudiando-as e até mesmo criticando exatamente essa distinção que é feita da cultura para letrados e não letrados:

[...] A definição dominante do modo de apropriação legítima da cultura e da obra de arte favorece, inclusive, no campo escolar, aqueles que, bem cedo, tiveram acesso a cultura legítima, em uma família culta, fora das disciplinas escolares; de fato, ela desvaloriza o saber e a interpretação erudita, marcada como "escolar", até mesmo, "pedante", em proveito da experiência direta e do simples deleite. (BOURDIEU, 2007, p. 9-10).

Assim, como o próprio livro fala, essa distinção é feita: em teoria, o que uma pessoa de origem mais humilde vai consumir e gostar e o que uma pessoa mais letrada e instruída vai gostar de consumir em termos de cultura é construído e, até mesmo como vimos nas obras de Adorno e Walter Benjamin, planejado para ser assim. Mas, na realidade, sabemos que não é regra. Temos inúmeros exemplos de pessoas e até mesmo artistas que vieram de origem mais humilde e ultrapassaram essa linha que o autor cita em sua obra sobre a distinção da cultura pela classe social; como, por exemplo, a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus e o músico e compositor brasileiro Cartola.

A cultura de massa é específica. Ela aceita um tipo de produto fácil de absorver, histórias que precisam ser simples e descartáveis, que são do momento e que daqui a pouco tempo você vai esquecer, pois outras histórias, músicas igualmente parecidas vão aparecer no lugar. Os filmes de comédia romântica e de super-heróis americanos que têm sempre o mesmo roteiro, as músicas de carnaval que todo ano se repetem com a mesma batida, o funk brasileiro que tem sempre a mesma letra e que, mesmo assim, consegue satisfazer bastante pessoas todos os dias, anos e décadas. Isso é cultura de massa: um tipo de produto muito comercial feito para agradar momentaneamente um grupo de pessoas. Já histórias que fogem dessa estrutura, que independem do tempo (ou seja, não são descartáveis ou momentâneas), que propõem um tipo de diálogo mais profundo do que as obras de cultura de massa, são automaticamente considerados produtos de uma classe social alta, porque não

conseguem ser comercializados e difundidos da mesma maneira que produtos de massa.

Portanto, a reflexão que gostaria de propor com esse capítulo é se as narrativas implícitas são um produto da indústria cultural feito para as massas ou se é um produto mais consumido, lido e aceito fora desse sistema. Ou, ainda, se elas são um produto de cultura de massa, porém direcionada para um tipo de classe social, como Adorno já previu anteriormente em seus estudos.

Onde as narrativas implícitas se encontram dentro de todos esses estudos de obra de arte e cultura? Onde podemos encontrá-las? E, mais do que isso, será que o objetivo é, mais uma vez, categorizar um determinado tipo de obra dentro de uma classe social, sem levar em consideração as dialéticas existentes em todas as classes sociais, obras e artistas que formam esse sistema de indústria cultural?

Quando falamos de cultura de massa, temos a tendência de dar uma conotação negativa, como se determinados tipos de obras, músicas e filmes servissem apenas para alienar a população e alimentar mais ainda um sistema industrial de negócios. E, por esse motivo, não poderiam ser considerados obras de arte. No entanto, ao fazermos isso, sem levar em consideração todos outros fatores que estão inseridos nesse sistema, como o próprio autor, a origem da criação da sua obra e a sua reprodução, podemos acabar acreditando que as únicas obras que devem ser consideradas artes são as que um pequeno grupo de intelectuais ditam ser, e nesse processo, corremos o risco de continuar disseminando essa distinção de cultura por classe social, alimentando um outro sistema, diferente do da cultura de massa.

A intenção pura do artista e a de um produtor que pretende ser autônomo, ou seja, inteiramente dono do seu produto, que tende a recusar não só os "programas" impostos *a priori* pelos intelectuais e letrados, mas também, com a velha hierarquia do fazer e do dizer, as interpretações acrescentadas *a posteriori* sobre sua obra: a produção de uma "obra aberta", intrínseca e deliberadamente polissêmica, pode ser assim compreendida como o último estágio da conquista da autonomia artística pelos poetas e - sem dúvida, a sua imagem - pelos pintores que, durante muito tempo, permaneceram tributários dos escritores e de seu trabalho de "fazer-ver" e de "fazer-valer". (BOURDIEU, 2007, p. 11).

3 O IMPLÍCITO E LEITOR

3.1 INTERPRETAÇÃO E SUPERINTERPRETAÇÃO

Ao estudar a definição de narrativa implícita, percebe-se que ela está diretamente ligada à noção que esse conceito tem a depender de quem está interpretando. Dentro da Universidade, podemos utilizar esse conceito para falar sobre determinado tipo de literatura; já, por exemplo, em ambientes menos intelectuais, é possível que as narrativas implícitas sejam designadas para se referirem a outro tipo de literatura. O mesmo se aplica quando falamos de literatura infantil e juvenil e por aí vai. Ou seja, como podemos definir se uma história tem uma narrativa implícita ou explícita se não partimos da interpretação do leitor? É ela quem vai nos guiar para um entendimento mais consistente do objeto de estudo proposto. Portanto, nesse capítulo, iremos entender antes de tudo como funciona o processo de interpretação de textos literários – fundamental para seguirmos adiante com o estudo das narrativas implícitas.

O escritor Umberto Eco, em seu livro **Interpretação e Superinterpretação** (1992), escrito a partir de um seminário, realizado em 1990, que originou a criação do livro, disserta sobre o conceito de interpretação a partir da dialética entre os direitos dos textos e o direito dos intérpretes. Eco estuda a interpretação enquanto característica básica da semiótica – a teoria das representações. E, por ser sua característica básica, tem o potencial de ser ilimitada. No entanto, ele afirma que o fato de ela ter esse potencial não significa que ela não tenha objeto e que ocorra por contra própria. Eco escreve que não é todo ato de interpretação que não tem fim. Com isso, ele nos leva a entender melhor como funciona a teoria da interpretação, de onde ela surgiu e qual a sua importância.

Eco sobre a interpretação de textos:

Algumas teorias da crítica contemporânea afirmam que a única leitura confiável de um texto é uma leitura equivocada, que a existência de um texto só é dada pela cadeia de respostas que evoca e que, como Todorov sugeriu maliciosamente (citando Lichtenberg a propósito de Boehme), um texto é apenas um piquenique onde o autor entra com as palavras e os leitores com o sentido. (ECO, 2005, p. 28).

Mesmo com a citação acima, Eco também afirma que não podemos ignorar o escritor no processo de interpretação, já que as palavras trazidas pelo autor são um conjunto de evidências pelas quais o leitor não pode deixar passar em branco. Em

suma, o leitor não pode simplesmente ignorar a intenção do autor e interpretar por conta própria. Para Eco, interpretar um texto significa explicar por que essas palavras podem fazer várias coisas (e não outras) através do modo pelo qual são interpretadas. Ou seja, a interpretação, por mais que seja ampla, não é ilimitada. Porém, ao mesmo tempo em que se debate essa relação entre a interpretação do leitor e a intenção do autor, também existe uma terceira possibilidade: a intenção do texto.

Segundo Eco:

Poderíamos objetar que a única alternativa a uma teoria radical da interpretação voltada para o leitor é aquela celebrada pelos que dizem que a única interpretação válida tem por objetivo descobrir a intenção original do autor. Em alguns dos meus escritos recentes, sugeri que entre a intenção do autor (muito difícil de descobrir e frequentemente irrelevante para a interpretação de um texto) e a intenção do intérprete que (para citar Richard Rorty) simplesmente "desbasta texto até chegar a uma forma que sirva a seu propósito" exista uma terceira possibilidade. Existe a intenção do texto. (ECO, 2005, p. 29).

A partir daí, o autor inicia uma análise sobre o racionalismo grego, partindo de teorias filosóficas de autores como Platão, Aristóteles e outros para entender o significado de causa. Para ele, compreender antes de tudo como os gregos e os latinos pensaram a ideia de causa, lógica e verdade nos levaria a compreender de fato como hoje nós conseguimos atribuir significado às coisas, inclusive interpretar algo de forma certa ou errada, verdadeira ou falsa; quais os critérios que hoje utilizamos para fazer essa distinção e como eles foram criados pelos nossos antepassados até os dias atuais.

Passando por registros históricos e exemplos que validam sua teoria, Eco entra em uma questão interessante sobre como a civilização grega buscava pela verdade através dos livros. Como a civilização era composta por várias identidades, cada uma com sua raça e crença, o conhecimento vindo dos livros era facilmente questionável e muitas vezes contraditório. Para isso, ele relembra a lenda do Califa que ordenou a destruição da biblioteca de Alexandria, argumentando que ou os livros diziam o mesmo que o Alcorão, e neste caso eram supérfluos, ou então diziam algo diferente, e neste caso eram errados e perniciosos (ECO, 2005).

O Califa possuía a verdade e julgava os livros baseado nessa verdade. Por outro lado, tudo o que o povo tinha eram os livros e se os próprios livros não podiam dizer a verdade, era necessário procurar uma revelação além da fala humana, uma revelação que viria anunciada pela própria divindade. O conhecimento torna-se então algo secreto e divino:

[...] O conhecimento secreto é o conhecimento profundo (porque só o que se encontra sob a superfície pode se manter desconhecido por muito tempo). Assim a verdade passa a identificar-se com o que não é dito ou com o que é dito de forma obscura e deve ser compreendido além ou sob a superfície de um texto. (ECO, 2005, p. 35).

Além disso, Eco também fala que o autor Jung explicou como, depois que uma imagem divina se torna familiar demais para nós, ela perde o seu mistério; temos a necessidade de nos voltar para imagens de outras civilizações, porque só os símbolos exóticos são capazes de manter uma aura de sacralidade. Ou, por assim dizer, uma aura de desconhecido. Isso nos mostra o quanto o conceito de verdade já nasceu indefinido, pois, como é o caso desses povos antigos, que preferiam acreditar mais no que era desconhecido e não-palpável do que no real, a ideia de procurar o não-dito e o obscuro em textos e livros se tornou costume em nossa maneira de interpretar textos.

Consequentemente, a interpretação é indefinida. A tentativa de procurar um significado final inatingível leva à aceitação de uma interminável oscilação ou deslocamento do significado. Uma planta não é definida em termos de suas características morfológicas e funcionais, mas com base em sua semelhança, embora apenas parcial, com outro elemento do cosmos. (ECO, 2005, p. 41).

A crítica de Eco nesse livro é falar que muitas vezes a ideia de uma interpretação infinita ultrapassa as barreiras argumentativas lógicas e, justamente por isso, falha em elaborar um discurso razoável sobre a obra. Não que o leitor precise interpretar uma obra de apenas um jeito, ou tentar saber o que o escritor estava pensando na hora de escrever, mas sim que é necessário um olhar mais atento a uma produção que, entre suas funções, se destina a formar um diálogo coerente entre autor, obra e leitor. Para enfatizar ainda mais seu argumento, Eco coloca uma série de exemplos onde um fato, quando multiplamente interpretado, perde totalmente o seu objetivo e prejudica todos os envolvidos que estão dialogando entre si. Ao nunca entrar em um consenso, o princípio de identidade entra em colapso:

O pensamento hermético afirma que nossa língua, quanto mais é ambígua e polivalente, e quanto mais usa símbolos e metáforas, tanto mais é particularmente adequada para nomear a Unidade onde ocorre a coincidência dos opostos. Mas, onde a coincidência dos opostos triunfa, o princípio de identidade entra em colapso. (ECO, 2005, p. 41).

Em suma, o que Eco enfatiza com sua teoria é que existem critérios e limites para uma interpretação. Caso contrário, correríamos risco de nos ver diante de um paradoxo meramente linguístico (ECO, 2005), onde nunca chegaríamos a uma mesma conclusão ou ao menos próxima a ela. Para o estudo de narrativas implícitas,

essa teoria é interessante porque exclui a possibilidade de que as narrativas implícitas dependem exclusivamente da interpretação do leitor.

Ou seja, se a interpretação do leitor chegar à conclusão do implícito que o autor determinou no texto, ele existe; se ele não chegar, ele ainda continua existindo, só não acessado pelo leitor. Segundo a teoria de Eco, ainda que existam muitas potencialidades no ato de interpretar, existe um limite o qual o leitor, mesmo com o seu nível cultural, seu conhecimento ou instrução, não pode ignorar. A obra não deixa de ter elementos implícitos porque o leitor não conseguiu acessá-los.

Para Eco, pode-se dizer que o texto, após separado do autor e das circunstâncias concretas de sua criação – como vimos no capítulo anterior, na obra de Walter Benjamin – tem um leque de possibilidades infinitas de interpretações possíveis. Ainda sim, não podemos ignorar que a obra tem a sua intenção, construída previamente, e ainda que ela passe por inúmeras modificações e interpretações, ela continua tendo a sua devida intenção.

O livro **Leite Derramado** de Chico Buarque continua tendo suas camadas implícitas sobre a sociedade brasileira nos últimos dois séculos, ainda que alguns autores possam não ter acessado essas camadas. Os livros juvenis que abordam sexualidade para os jovens continuam tendo esse tipo de implícito em suas narrativas, ainda que alguns adolescentes, seja por não terem ainda acesso a esse tipo de conhecimento ou leitura, não tenham acessado essas questões na primeira leitura.

No entanto, é inegável que o exercício de interpretação é extremamente importante para que as narrativas implícitas, de fato, cheguem ao seu objetivo final. Se todo leitor ignorar o processo de interpretação atento que esse tipo de história exige, o implícito deixa de existir pelo fato de ninguém, além do criador da obra, conseguir entender.

Finalmente, acredito na importância das narrativas implícitas dentro de um contexto social. Quanto mais criamos, procuramos interpretar, discutir e incluir no meio mercadológico narrativas implícitas, mais temos a possibilidade de construir leitores com maior capacidade de interpretação, e, conseqüentemente, com um maior pensamento crítico literário, social e cultural.

4 O IMPLÍCITO E O ESCRITOR

4.1 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE NARRATOLOGIA

Quando escrevemos uma história, costumamos aprender e estudar os componentes de uma narrativa. Personagens, diálogo, narração, digressão e conflitos. Definimos o ponto de vista da narrativa, se é em primeira ou em terceira pessoa e o narrador – personagem ou onipresente. Mesmo sem entender, na maioria das vezes, a origem por trás dessas definições, sabemos que existe e como funciona por conta do sistema de linguagem e de estrutura narrativa que estamos acostumados a consumir e reproduzir.

No entanto, o objetivo deste capítulo é entender a construção de narrativas implícitas e, para tal estudo, é pertinente entender antes de tudo o funcionamento de uma narrativa e sua origem. Entraremos então, a princípio, no campo da Narratologia, a ciência que estuda os textos narrativos.

Primeiramente, é importante diferenciar o conceito de Narratologia e o de narrativa. A primeira é considerada uma ciência; portanto utiliza metodologias e conteúdos submetidos à comunidade acadêmica e ao debate em revistas específicas, congressos e seminários, além de propor teorias que explicam um determinado fenômeno – os textos narrativos. Já a narrativa são textos que contam uma história de uma determinada maneira e que se oferecem à interpretação daqueles que as lerão de acordo com sua época. As narrativas literárias não têm o compromisso de refletir a realidade. Elas criam uma realidade através dos fatos dentro do enredo, por meio de estratégias narrativas.

A Narratologia é uma vertente do estruturalismo francês, nascido na década de 60 e perdurando até a década de 70, que por sua vez tem sua origem na linguística estrutural, desenvolvida por Ferdinand de Saussure e por Roman Jakobson, na virada do século. O estruturalismo francês teve como seu objetivo estudar como os elementos se relacionam, formando assim, um sistema. O estruturalista toma seu objeto de estudo, seja ele qual for, como sistema, ou seja, é predominância do sistema sobre os elementos. Michael Peters, em seu livro **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença (uma introdução)**, escreve sobre o estruturalismo:

Uma das características que distingue a linguística de Saussure, constituindo um avanço em relação à gramática comparativa da época, é a sua ênfase na autonomia do sistema, visto como um todo que compreende e organiza

elementos fônicos e semânticos não diretamente acessíveis à experiência sensoria. (PETERS, 2000, p. 20).

Keven Fongaro, em sua monografia: **Uma introdução aos fundamentos da Narratologia**, defendida em 2019, explica como a teoria do estruturalismo se aplica na nossa linguagem:

Neste caso, diria um estruturalista, não é de surpreender que nenhum de nós tenha ouvido todas as frases do mundo: na verdade, todos os dias ouvimos ou lemos frases que nunca tínhamos nos deparado antes e, ainda sim, nós a compreendemos. É que os elementos se relacionam formando um sistema que nós já conhecemos, e é por conhecer esse sistema que os elementos tornam-se também assimiláveis. (FONGARO, 2019, p. 15).

O termo Narratologia foi inventado pelo teórico búlgaro-francês Todorov quando destacou em 1969 a manifestação de narrativas em diversos contos, filmes, romances e até sonhos. Todorov percebeu que estudar apenas narrativas literárias, como vinha fazendo com outras disciplinas já estabelecidas como a Linguística ou a Teoria da Literatura, significava deixar de lado um fenômeno anterior que fugia do propósito de atuação dessas áreas: a narrativa propriamente dita. Por outro lado, em 1966, o autor Roland Barthes também já havia percebido que a área da linguística atuava até o nível da *frase* – a última unidade da qual a linguística se julga com direito de tratar –, mas que, acima do nível da frase, existia ainda uma outra unidade, o *discurso* (um conjunto de *frases*), que também demandava um estudo o qual a linguística, até então, não era capaz de realizar. Foi então que Todorov e Barthes desenvolveram o estudo da Narratologia, considerada uma sequência dos estudos linguísticos.

Portanto, o que a Narratologia fez em seu início, em conformidade com a preocupação de dar continuidade ao que vinha sendo feito na linguística, foi estudar os textos narrativos como sistemas, ou seja, tomá-los como sistemas para fins de estudos e análises. Portanto, a Narratologia é a ciência que engloba todos os estudos sobre narrativa, narradores, seus formatos e discussões.

O estudo da Narratologia propiciou diversas vertentes, estudos e pesquisas científicas, como é caso da autora Greta Olson – professora de Literatura Inglesa e Americana, com boa parte de suas pesquisas voltadas para o Direito e a Literatura, Narratologia cultural crítica, pós-humanismo e estudos feministas e de gênero – sobre a noção de narradores não confiáveis.

4.2 NARRADORES FALÍVEIS E NÃO CONFIÁVEIS

Greta Olson estuda a Narratologia do narrador e sua confiabilidade. Ela parte do princípio que, em uma narrativa, o narrador pode ser um sujeito não confiável pelo leitor, isto é, causando dúvidas e questionamentos ao leitor ao longo da obra. Em seu texto **Reconsidering Unreliability: Fallible and Untrustworthy Narrators** (*Reconsiderando a confiabilidade: Narradores falíveis e não confiáveis*), publicado em 2003 nos EUA, são levantadas as discussões acerca do conceito de narrador falível e não confiável e quais as características de cada um. Olson utiliza as definições e estudos de Wayne Booth e Ansgar Nünning para construir seu argumento e pautar a discussão sobre o tema. Ela explica que existe um fenômeno em algumas histórias que faz com que os leitores deixem de confiar nos narradores ou sintam de alguma forma que o narrador que conta a história está incompleto. Isso acontece quando o leitor tem a sensação de que existe uma discrepância entre as declarações e percepções do narrador e as informações do texto.

De acordo com Olson, Booth acredita que o narrador não confiável é aquele que articula valores e percepções diferentes daqueles do autor implícito – conceito empregado por Wayne Booth em seu estudo da ficção literária, e que significa a entidade intermediária e ficcional posta entre o autor real e o narrador. (DE SOUSA, 2011). Para ele, é através da diferença de valores que se cria essa desconfiança do leitor com o autor implícito. Já Nünning enumera uma série de marcadores textuais que sinalizam tipos de falta de confiabilidade, como: contradições explícitas do narrador e outras discrepâncias no discurso; contradições entre os comentários explícitos do narrador sobre outros personagens; contradições entre o relato do narrador de eventos e suas explicações e interpretações do mesmo, bem como contradições entre a história e o discurso; um acúmulo de tentativas conscientes de dirigir a simpatia do leitor, entre outros.

Tanto Booth quanto Nünning pensam na falta de confiabilidade em três pontos de vista: o primeiro é o narrador, o segundo o autor implícito e terceiro o leitor. Nos três casos, somente um narrador pode ser identificado como não confiável se o leitor perceber divergências de opinião. A diferença entre esses modelos é que, para Booth, as questões de confiabilidade podem ser abordadas e formam base a partir da construção do autor implícito, enquanto o modelo de Nünning assume a validade na resposta subjetiva do leitor (se ele é capaz de observar essas discrepâncias ou não).

Olson, por sua vez, distingue a diferença entre narrador falível e narrador não confiável. Segundo ela, a principal diferença entre os dois é que um narrador não confiável, a partir do momento que é identificado como não confiável, enfrenta o ceticismo dos leitores até o fim; já os narradores falíveis (este segundo é considerado um tipo de narrador que comete erros individuais e abre lacunas na história; que suas ações são diferentes de suas falas, por exemplo; que no início cita uma coisa, mas no decorrer cita outra) tem mais probabilidade de serem desculpados por suas falhas em entregar as informações.

E agora eis aqui a pergunta que fazemos: como a ideia de narradores falíveis e não confiáveis se relaciona com a ideia das narrativas implícitas? A princípio, a questão da colaboração do texto. Ao entendermos que existem narradores criados e construídos para aproximar a obra do leitor, fazendo-o questionar os erros, as ideias incongruentes dos personagens, narrativas falhas e todos os estranhamentos que um narrador não confiável causa ao que leitor, podemos inferir que as narrativas implícitas partem do mesmo princípio.

Essa ideia de autores implícitos e leitores implícitos/modelos – leitores que participam ativamente da construção do texto, também já foi abordado pelo escritor e autor Umberto Eco, que, em seu livro **Seis passeios pelo bosque da ficção** (1994), explica os conceitos de autor implícito, definido como o autor que conta a história – diferente do próprio autor da obra. O mesmo conceito utilizado por Wayne Booth. Eco defende a ideia da importância do leitor, argumentando que na narrativa escrita existem poucos recursos para transportar o leitor para o mundo que o autor criou. Por isso, é importante que o leitor seja um Leitor Modelo: um leitor ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar; o qual deve ser pelo menos uma pessoa disposta a aceitar algo que extrapole o sensato e o razoável (ECO, 1994).

Para Eco, o leitor é fundamental no processo de contar uma história, pois, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e personagens, não se pode dizer tudo sobre esse mundo; é preciso que o leitor preencha várias lacunas. Nesse sentido, as narrativas implícitas seriam apenas pequenas lacunas que o leitor preenche com sua interpretação, compreensão de mundo e bagagem cultural e que, não necessariamente, foram pensadas previamente pelo escritor.

Já Ricardo Piglia, escritor argentino, escrevia, em **Teses sobre o conto**, publicado no livro **Formas Breves** (2004), que um conto sempre tem duas histórias. A primeira é a que temos acesso, e a segunda história é a narrativa mais profunda

que subjaz à primeira; quanto mais abertura um texto tem, maior a quantidade de possibilidades para a segunda história. Para ele, um conto é um relato que encerra um relato secreto, e o conto segredo é a chave da forma do conto e suas variantes.

Segundo Piglia:

A arte de narrar é a arte da percepção errada e da distorção. O relato avança segundo um plano férreo e incompreensível, e perto do final surge no horizonte a visão de uma realidade desconhecida: o final faz ver um sentido secreto que estava cifrado e como que ausente na sucessão clara dos fatos. (PIGLIA, 2004, p. 103).

Piglia escreveu que uma história pode ser contada de maneiras distintas, mas que sempre há um duplo movimento, algo incompreensível que acontece e está oculto. E cabe ao leitor descobrir o relato oculto dessas histórias. Usando a teoria de Piglia, a primeira história pode ser entendida como a narrativa explícita e a história oculta como a narrativa implícita. Nesse sentido, a narrativa implícita já é uma ideia proposta pelo escritor e que não fica só ao critério do leitor criar, mas sim, descobrir, através das dicas e sinais que o autor dá dentro da narrativa.

Outro ponto importante a ser destacado é que a literatura por si só é implícita. Quando lemos um livro, precisamos imaginar as cenas que saem dos textos. Não estão explícitas para o leitor as ações, imagens e sons, como no cinema ou no teatro. O leitor abre um livro e precisa imaginar, através dos significados, o que está sendo mostrado. Fazemos parte da história, pois a nossa bagagem cultural e visão de mundo vão completar as imagens e lacunas que lemos no texto. Quando uma pessoa lê a descrição de um jardim, ela imagina de acordo com a sua referência de jardim, que pode ser bem diferente da referência de jardim de outros leitores. E é essa diferença que faz com que a interpretação de um mesmo texto varie de pessoa para pessoa.

O escritor e professor de escrita criativa americano Robert McKee, em seu livro **Diálogo – a arte da ação verbal na página, no palco e na tela** (2018), aborda a diferença existente da literatura para outros tipos de narrativa:

A prosa é um meio mental. Enquanto histórias executadas no palco ou na tela miram direto nos olhos e nas orelhas do público, a literatura percorre um caminho indireto pela mente dos leitores. O leitor deve primeiro interpretar a linguagem e depois imaginar os sons e imagens descritos (cada leitor imagina do seu jeito) para só então, reagir ao que foi imaginado. (MCKEE, 2018, p. 27).

Então, existem duas possibilidades de construção de narrativa implícita. A primeira, a mais natural e provável de todas e a que Eco explica em seus estudos: que o implícito é, também, inevitável quando falamos de literatura. Se considerarmos o implícito como toda e qualquer participação do leitor para complementar a história, seria impossível imaginar que existem em algum grau narrativas explícitas – uma narrativa que não precise da imaginação do leitor para complementar as lacunas e os não-ditos.

Porém, se partimos dos estudos de Piglia, entendemos as narrativas implícitas como uma ideia construída pelo escritor; como narrativas pensadas previamente para o maior aprofundamento da história. Assim como a construção de narradores não confiáveis e falíveis propostas pelas teorias de Booth e Nünning em seus estudos de Narratologia. Essa é a segunda possibilidade de construção narrativa.

4.3 TIPOS DE NARRATIVAS IMPLÍCITAS

Uma das formas que eu encontrei para o aprofundamento do estudo de narrativas implícitas foi analisar obras literárias a fim de encontrar aspectos dentro da narrativa que evidencie tal fenômeno. Durante a leitura atenta, é possível perceber que o ato implícito pode aparecer de maneiras diferentes, dependendo do objetivo do autor e da sua história. Existem enredos onde o implícito é uma crítica social e aborda temas como racismo, machismo e outros problemas estruturais da sociedade. Existem enredos onde o objetivo é criar um implícito subjetivo, que force o leitor a entrar dentro dos pensamentos da personagem através de longas digressões que levam a vários tipos de interpretações e questões implícitas, variando de leitor para leitor. E existem enredos onde o implícito é cultural, pois depende de um conhecimento prévio do leitor para que o implícito seja acessado e compreendido totalmente.

Iremos ver essas diferenças nos exemplos de livros e contos literários a seguir. Porém, é importante ressaltar que as tipologias utilizadas não são categorizadas pela comunidade acadêmica e servem apenas para fins de análise didática, contribuindo para a organização e aprofundamento teórico desta pesquisa.

4.3.1 O implícito social

Maria Firmina dos Reis é a autora da obra **Úrsula**, um romance brasileiro considerado o primeiro romance de autoria feminina e negra no Brasil. Filha de pai negro e mãe branca, Maria Firmina nasceu em São Luis do Maranhão em 1822 e foi professora de escola primária. Mesmo nascida livre, vivenciou as atrocidades do período e, por abordar questões de cunho abolicionista, publicou a obra, a princípio, com o pseudônimo de “Uma Maranhense”.

Publicado em 1859, a obra **Úrsula** conta a história de amor da personagem Úrsula e Tancredo, mas que termina com um final trágico, muito comum em romances escritos na segunda geração do romantismo. No entanto, o aspecto principal do romance não é a história de amor do casal e sim as histórias dos personagens escravizados. A autora, através dos personagens, relata as experiências de homens e mulheres negros que foram trazidos da África para o Brasil em navios negreiros:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos e de falta absoluta de tudo o quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. (REIS, 2018, p. 181).

Nesta obra, é possível enxergar que o objetivo da autora, além de escrever uma história de romance, também era de mostrar os aspectos sociais da época. Esse tipo de narrativa implícita pode ser definido como um tipo de narrativa que visa abordar assuntos relacionados a realidade social que o autor vive. Conta-se a história de um ou mais personagens, que vivem conflitos e são afetados pela realidade de onde vivem, da sua etnia ou condição social.

Durante a narrativa, podemos observar, ainda que de forma bastante implícita, a sociedade da época e as problemáticas sociais, econômicas e políticas através da personagem Preta Susana, uma mulher ainda escrava e mais velha que durante várias passagens se encarrega de contar as suas experiências dentro de um navio negreiro:

Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé, e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa: davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimentos e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim, e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos. (REIS, 2018, p. 181).

Maria Firmina, ao fazer isso, traz aos negros escravos uma nova configuração estética, apresentando-os como seres distintos, detentores de sentimentos, memória e alma, e não como simples objeto, fora que a ideia de mostrar como eles são capturados e levados através de navios para o Brasil reforça que há muito mais história no contexto da escravidão; e que esses homens e mulheres tinham uma vida livre na África e que nem sempre foram escravos.

A obra também é marcada pela linearidade narrativa, que se dá em terceira pessoa. O enredo contém elementos românticos, com as cenas no cemitério e morte. Contudo, percebe-se que a narrativa é contextualizada em um período próximo ao da publicação do livro, cerca de trinta anos antes da promulgação da Lei Áurea em 1888. A autora escreveu um romance de importante relevância histórica, pois, como já citado, denunciou as injustiças naquele tempo e naquele contexto. Portanto, neste tipo de romance, obra ou enredo, o implícito tem uma característica predominante: sua camada é sempre com objetivo de problematizações sociais.

4.3.2 O implícito subjetivo

Já Clarice Lispector, autora brasileira, em sua obra **A paixão segundo G.H.**, publicada em 1964, conta a história de uma mulher que, após despedir a sua empregada, vai fazer uma faxina em casa e encontra uma barata. Após matá-la, em uma espécie de epifania, decide comê-la. O interessante da narrativa de Clarice é que a personagem principal está em um estado de reflexão profunda, quase subjetiva, sobre a vida, alma e seu papel no mundo. A narração em primeira pessoa é marcada pela não linearidade dos fatos e dos pensamentos, evidenciando os conflitos internos e subjetivos da personagem.

Estou desorganizada porque perdi o que não precisava? Nesta minha nova covardia - a covardia é o que de mais novo já me aconteceu, é a minha maior aventura, essa minha covardia é um campo tão amplo que só a grande coragem me leva a aceitá-la -, na minha nova covardia, que é como acordar de manhã na casa de um estrangeiro, não sei se terei coragem de simplesmente ir. É difícil perder-se. É tão difícil que provavelmente arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo. Até agora achar-me era já ter uma ideia de pessoa e nela me engastar: nessa pessoa organizada eu me encarnava, e nem mesmo sentia o grande esforço de construção que era viver. (LISPECTOR, 1964, p. 6).

Com um texto bastante digressivo, Clarice escreve um romance de uma personagem que, por trás do ato surpreendente de comer uma barata, causando estranhamento ao leitor, está refletindo sobre os diferentes aspectos do que é ser e viver. Neste caso, a narrativa implícita que encontramos em narrativas digressivas como a de Clarice é um implícito subjetivo. Um tipo de camada mais profundamente ligada aos pensamentos, sem ação externa ou palpável. Diferente do implícito social, que tem como característica a realidade dos fatos, o tipo de narrativa implícita que se encontra em obras escritas como a da Clarice é uma narrativa que depende de visão de mundo própria do leitor ao construir o não-dito na história, para entender o personagem carrega através das suas digressões e devaneios, como é o caso desse trecho:

Terá sido o amor o que vi? Mas que amor é esse tão cego como o de uma célula-ovo? foi isso? aquele horror, isso era amor? amor tão neutro que - não, não quero ainda me falar, falar agora seria precipitar um sentido como quem depressa se imobiliza na segurança paralisadora de uma terceira perna. Ou estarei apenas adiando o começar a falar? por que não digo nada e apenas ganho tempo? Por medo. (LISPECTOR, 1964, p. 13).

É bastante comum nesse tipo de histórias as interpretações serem diferentes e únicas, pois cada leitor acessa o implícito de acordo com a sua visão de mundo, seus valores e crenças.

4.3.3 O implícito cultural

Jorge Luis Borges, escritor argentino, é bastante conhecido pelos seus contos de realismo fantástico. Seu livro de conto **Ficções** (1944) foi considerado pela crítica especializada uma das obras-primas da literatura latino-americana do século XX, além de obter em 1961 o Prêmio Internacional de Literatura. Borges é um autor que, assim como Piglia, acredita que todo conto tem duas histórias. Por isso, em quase todos os seus contos é possível perceber que existe uma camada implícita e não-dita, que fica por conta de o leitor desvendá-la.

Diferente dos autores analisados anteriormente, Borges não tem um implícito muito característico. O seu conto “Pierre Menard, autor do Quixote”, publicado no livro **Ficções**, apresenta a história de um personagem chamado Pierre Menard que diz ter deixado, além de uma obra conhecida, outra mais interessante e “subterrânea”, escondida e sem concluir ainda. Dentre esses textos, ele seria o autor de partes do livro Dom Quixote. Porém, Pierre teria vivido entre o final do século XIX e início do XX,

o que não fazia sentido, já que a obra Dom Quixote, de Cervantes, foi escrita há mais de 300 anos.

A narrativa de Borges não é nada simples e curta. Complexa e difícil de decifrar, leva-se um tempo para entender a ironia presente no texto. No conto, apesar do personagem ter reescrito Dom Quixote de forma idêntica ao original, ele defende sua releitura como uma melhoria do texto de Cervantes. A ideia central do conto é afirmar que mesmo que a obra do Dom Quixote tenha sido reescrita de forma idêntica, ele é outro livro, pois a época é outra, ou seja, a releitura é um apanhado de novas reações. No entanto, o conto é passível de mais interpretações e pode ser interpretado também como se o propósito do autor não fosse copiar ou escrever um novo Quixote, mas o *original* e, para isso, Menard deveria se transformar no próprio Cervantes, de 300 anos atrás. Segundo o texto:

A essas travas artificiais é preciso somar outra, congênita. Compor o *Quixote* em princípios do século VII era uma empreitada razoável, necessária, quem sabe fatal; em princípios do século XX, é quase impossível. Trezentos anos não transcorreram em vão, carregados como foram de complexíssimos fatos. Entre eles, para apenas mencionar um: o próprio *Quixote*. (BORGES, 1970, p. 41).

Ou seja, por ter diferentes interpretações, não existe uma interpretação certa ou uma moral da história definida. Borges utiliza referências complexas e até mesmo inventadas, por isso seus contos são considerados um realismo fantástico. Ele mexe com o real e o irreal, criando uma narrativa inédita:

Por que precisamente o Quixote? – dirá nosso leitor. Essa preferência, num espanhol, não seria inexplicável; mas o é, sem dúvida, num simbolista de Nime, essencialmente devoto de Poe, que gerou Baudelaire, que gerou Mallarmé, que gerou Valéry, que gerou Edmond Teste. A carta acima mencionada elucida a questão. ‘O Quixote’, esclarece Menard, ‘interessa-me profundamente, mas não me parece – como direi? – inevitável’. Não posso imaginar o universo sem a interjeição de Poe: *Ah, bear in mind this garden was enchanted!* (BORGES, 1970, p. 40).

No conto, o implícito de Borges é um implícito que exige um certo grau de conhecimento e bagagem cultural. Por exemplo, caso o leitor não tenha lido a referida obra (*O Dom Quixote* original), é bem possível que não consiga acessar algumas das inúmeras referências da obra que o autor disponibiliza no texto, deixando-o mais difícil ainda. As histórias implícitas de Borges são propositalmente complexas de serem acessadas.

5 A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS IMPLÍCITAS NA NOVELA NIARA

5.1 DIÁRIO DE ESCRITA

Desde o início, minha intenção foi produzir uma história ficcional acompanhada de um estudo teórico e analítico sobre narrativas implícitas. Essa história autoral, por sua vez, tinha como objetivo ser uma história com narrativas implícitas para que houvesse de fato um estudo aplicado. No entanto, a sinopse dela só apareceu depois, quando cursei uma disciplina do professor Assis Brasil, na PUC-RS, chamada Oficina de Criação Narrativa, onde o objetivo da matéria era construir o planejamento de uma novela autoral. Foi neste momento que tive a oportunidade de criar a história da Niara e trazer para minha dissertação.

A Niara é uma história de personagem, ou seja, uma história onde todos os acontecimentos, conflitos e situações surgem por causa da questão essencial do personagem principal. Portanto, a primeira fase do planejamento do enredo foi definir a minha personagem, a sua história, trajetória e questão essencial.

Não foi difícil criar a Niara, pois eu já tinha escrito um conto sobre uma mulher que, durante um ensaio de dança, tropeçava e torcia o pé. Porém, sua angústia e desespero de imaginar que poderia ter quebrado o osso e, por consequência, colocar toda a sua carreira em risco, foi o suficiente para preencher sua cabeça de memórias, dores e sofrimentos que são interrompidos quando, ao final do conto, o médico lhe avisa que ela sofreu apenas uma torção.

A ideia desse conto surgiu quando uma vez eu torci o meu próprio pé em um baile de dança de salão e fiquei imaginando o quão desesperador seria para um dançarino profissional, que vivia daquela atividade, quebrar seu próprio pé. Na época, a dança de salão era um hobby pra mim, mas eu tinha bastante conhecimento sobre esse universo, conhecia pessoas próximas que dançavam, eram professores e monitores de academias de dança e, após esse acidente fiquei com a ideia na cabeça até decidir transformá-la em um conto e, posteriormente, no ponto de partida inicial da minha novela. Os detalhes, trama, narrativa e personagens desenvolvi na disciplina do professor Assis Brasil, que também orientou que o universo da história fosse, ao menos, familiar para o escritor, justamente para dar mais veracidade e consistência aos fatos da história, lugares, características e descrições.

Foi assim que a Niara nasceu: uma dançarina que, prestes a realizar uma das maiores apresentações de sua carreira, sofre um acidente em um ensaio de dança e fratura um osso raro do seu tornozelo, ficando impedida de dançar até fazer uma cirurgia. O meu conhecimento do mundo da dança de salão foi imprescindível para que eu conseguisse criar a história dessa personagem e todo o universo em que se construiu em volta dela.

Uma das primeiras partes do planejamento da história, de acordo com o professor Assis Brasil, é definir uma sinopse. Essa sinopse é a essência da história em poucas palavras e precisa revelar o fim dela, como uma forma de guiar o escritor para que ele não se perca no seu objetivo final. A seguir, a sinopse da novela Niara:

“Na véspera do seu maior espetáculo de dança, Niara, uma mulher orgulhosa e determinada, sofre um acidente e sua carreira chega ao fim por conta de uma lesão no tornozelo. Após diversas dificuldades, percebe o motivo de ter cortado o contato com seus pais ao seguir a carreira de dançarina e decide, ao final, recuperar esses laços.”

Essa sinopse já mostra duas de suas características mais marcantes e que se tornaram sua questão essencial: orgulhosa e determinada. Essas características da personagem é o que faz com que ela tome certas decisões que são cruciais para o desenvolvimento da narrativa. Além disso, na sinopse também revela o fim da história, que é a reconciliação dela com os pais. Outro ponto importante da trama.

A segunda parte do planejamento da novela é desenvolver uma pré-história. Uma história que antecede a história que será contada e que explique os conflitos, questões essenciais e personalidades da personagem principal e dos personagens secundários. Essa pré-história não é necessariamente revelada durante a história para o leitor. Na verdade, ela é, assim como a sinopse, um guia para o escritor construir seus personagens com mais profundidade, sabendo o que eles já passaram, quais são suas experiências de vida, quais fatos aconteceram para os tornar o que são atualmente etc. A seguir, a pré-história:

“Ricardo e Carmem são um casal de negros que cresceram em uma favela do Rio de Janeiro e ascenderam na vida através de suas respectivas carreiras. Ricardo se tornou um médico cirurgião e Carmen uma advogada penal. Os dois lutaram muito para conquistar o status de um casal bem-sucedido, tanto financeiramente como

profissionalmente e acreditam na importância de conquistar um espaço que não é geralmente ocupado pelos negros através de uma carreira conceituada. Após conseguirem isso, cortaram suas poucas relações na favela e nunca mais foram vistos lá. Ao terem a sua única filha, Niara, queriam que ela também seguisse os mesmos passos e tivesse uma carreira promissora. No entanto, Niara cresceu com interesses voltados para as artes. Ela chegou a começar duas faculdades, a primeira de direito e a segunda de engenharia, mas largou por não conseguir levar nenhuma até o final. Pelo seu temperamento forte, conforme ia crescendo não ia mais se adequando a nenhuma norma imposta pelos seus pais. O resultado disso foi uma relação turbulenta e cheia de brigas, discussões e mágoas.

Sua maior paixão desde pequena era dança e quando começou a dançar, escondida dos pais, nunca mais parou. Quando seus pais descobriram, obrigaram-na a largar essa atividade, mas Niara, orgulhosa e determinada, decidiu ir embora de casa e seguir seu sonho de trabalhar como dançarina. Ao tomar essa decisão, cortou a relação com os pais, que, apesar de sofrerem muito com a decisão da filha, não conseguiram impedi-la. Para eles, Niara sofreria muito e jamais conseguiria ter sucesso sendo uma mulher negra dançarina. Negros dificilmente conseguiam ascender socialmente e, na opinião de Ricardo e Carmen, a única forma de romper isso era se especializando em profissões renomadas. Para eles, profissões consideradas menos importantes já eram historicamente ocupadas pelos negros e só serviam para rebaixá-los ainda mais.

Niara, com 22 anos, sai de casa para trabalhar como professora de dança de salão em uma academia de dança onde frequentava já fazia um ano no centro do Rio de Janeiro. Lá aprendeu a dançar, tornou-se monitora voluntária de várias turmas de outros professores e foi conquistando espaço e respeito, chegando a ter suas próprias turmas de dança e ganhando dinheiro razoável para alugar um apartamento perto da academia, o que o fez assim que saiu de casa. Pouco tempo depois, fez um teste para entrar em uma companhia de dança de Samba de Gafieira e passou com facilidade no teste e lá conheceu Alexandre, um dançarino que estava à procura de uma parceira para ir em apresentações e congressos de dança de salão com ele. Niara se aproxima de Alexandre e se torna a sua nova parceira. Os dois têm uma relação apenas profissional, porém a dança dele é muito egoísta e focada em sua própria performance, o que atrapalha Niara.”

Essa é a pré-história do universo da novela Niara e, somente o fato de escrevê-la, já me deu bastante segurança para escrever a história, pois, assim, conheci melhor meus personagens, suas motivações, interesses, desafios, seu passado e seus traumas e isso automaticamente fez a história surgir na minha cabeça e facilitou meu processo de escrita.

A terceira e quarta parte do planejamento é, enfim, o resumo e o resumo expandido da novela a ser escrita. É nessa parte que eu desenvolvo realmente a história, quais são as cenas do início, os conflitos, as cenas do meio, os personagens, quais diálogos irão acontecer e como será o final da história. Essa parte do resumo e do resumo expandido foi a que mais me ajudou a escrever, pois, toda vez em que eu tinha um bloqueio ou não sabia para onde ir, eu olhava esse planejamento e conseguia seguir adiante.

Niara é uma novela que conta a trajetória de uma jovem mulher brasileira, nascida e criada no Rio de Janeiro e filha de um casal de negros que conseguiu ascender na vida e ganhar bastante dinheiro e respeito em suas profissões. Ao criar a Niara e seu contexto social, tive a intenção de abordar um assunto sobre o qual estudo faz tempo, que se chama *a solidão da mulher negra*, um conceito utilizado para discutir sobre o sofrimento das mulheres negras que, historicamente, são tratadas como seres indignos de receberem amor e, portanto, sofrem de uma solidão durante a vida, em suas relações afetivas.

A autora Bell hooks, autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense, aborda em seus estudos sobre feminismo negro, a construção da imagem das mulheres negras enquanto corpos femininos e associados apenas ao trabalho doméstico ou a erotização:

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas 'só corpo, sem mente'. a utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as 'mulheres desregradas' deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (hooks, 1995, p. 469)¹.

¹ Citação retirada do livro **Mulher Negra: Afetividade e Solidão**, da autora Ana Cláudia Lemos Pacheco, publicada através da Editora da Universidade Federal da Bahia. Ano: 2013.

Essas representações sociais sobre a sexualidade das mulheres negras foram disseminadas e até hoje estão muito presentes no imaginário brasileiro através de discursos, novelas, propagandas e diversas narrativas que, ao enfatizar esse tipo de estereótipo, ao mesmo tempo, constrói uma barreira para a afetividade dessas mulheres, já que elas são vistas como seres apenas voltados para o prazer ou para as tarefas domésticas (outro estereótipo também enfatizado no discurso midiático, mas que também é reflexo da origem e ascensão histórico-social de pessoas negras). Para Leila Gonzáles, teórica feminista brasileira, as imagens das mulheres negras estão vinculadas quase sempre ao estereótipo sexual, da mesma forma que hooks afirmava. Segundo Gonzalez:

[...] a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação 'profissional': doméstica e mulata. a profissão de 'mulata' é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de 'mercado de trabalho' [...] produto de exportação. (GONZALEZ, 1979, p. 13).

As mulheres negras, além do gênero, também enfrentam a barreira racial. E essa ideia de solidão não está restrita apenas ao aspecto amoroso, mas também a outros tipos de relações afetivas: relacionamentos em ambientes profissionais e sociais. A dificuldade que Niara tem em criar vínculos fortes com pessoas que fazem parte do seu convívio está relacionado ao fato dela ser uma mulher negra dentro desse contexto social.

A solidão da mulher negra, portanto, é uma das questões que abordo nas camadas implícitas. Ao longo da história, o leitor pode perceber o quanto a personagem sofre de uma solidão por não ter ninguém ao seu lado em momentos de dificuldades.:

[...] Quebrar o seu tornozelo era um pesadelo, mas passar por isso sozinha era pior ainda. Alexandre não estava lá, mesmo sendo o seu parceiro de dança e também um dos responsáveis pelo acidente. Não tinha ninguém que confiasse o suficiente para ligar nesse momento. Ninguém a tinha procurado, mesmo ela passando quase 12h no hospital. (p. 58).

Por ser extremamente orgulhosa, a personagem não tem coragem de pedir ajuda financeira para os seus pais, mesmo que precise passar por situações desafiadoras e difíceis durante a trama. Nessa parte, quis mostrar as dificuldades dela em um hospital público, sozinha no pronto socorro. Com isso, a camada implícita fica ainda mais implícita quando eu coloco a questão essencial do orgulho. Niara, por ser

orgulhosa, não pede ajuda a ninguém. Essa é a primeira interpretação que se tem de acordo com os elementos que eu dou para o leitor.

Apesar do orgulho e da determinação serem a questão essencial, a existência dessas características são frutos de questões mais profundas, como o relacionamento conturbado dos pais, a sensação constante de rejeição e abandono, a falta de incentivo aos seus talentos e interesses, a falta de amigos em várias fases da vida, junto com a falta de parceiros amorosos. Todos esses fatos moldaram a personagem até ela se tornar uma pessoa com essas características principais, os quais o leitor pode enxergar claramente através das suas ações. Se ela não fosse orgulhosa, não teria saído da casa dos pais tão cedo, não teria ficado em um hospital público sozinha por tanto tempo sem pedir ajuda a ninguém ou ligar para ninguém, não teria desistido de fazer a cirurgia e perdido de vez a possibilidade de investir na sua carreira como dançarina e várias outras atitudes que a personagem tem durante a trama. Esses pontos eu tentei inserir de forma implícita na história. Em nenhum momento a Niara fala que não quis pedir ajuda para os pais porque é orgulhosa, mas fica implícito para o leitor ao perceber a forma como ela age no processo.

Já o par romântico da personagem principal, Liam, é um homem negro com uma trajetória oposta à de Niara. Ele também é artista, mas com uma experiência de vida, de carreira e familiar muito diferente da de Niara. O objetivo com esse relacionamento é Niara entender melhor seu relacionamento com seus pais, entender mais sobre a sua própria história e origem e iniciar um processo de autoconhecimento. Todo esse processo citado está de forma implícita na história. Essa é mais uma das camadas implícitas que decidi deixar para o leitor decifrar a partir de cenas como essa:

Estava cada vez mais próxima dele e de sua família que, apesar de acolhê-la desde o primeiro momento que a viu, lhe causava um certo estranhamento. A sua mãe era muito diferente de dona Maria. Seu pai, então, nem se fala: era completamente oposto de seu Odilon. [...] A cada dia que passava com eles, a cada gargalhada estridente de dona Maria, a cada abraço caloroso e discussões amigáveis de família, Niara sentia-se acuada e desadequada, como se estivesse indo com frequência a restaurantes finos e não soubesse se comportar com nenhuma das regras de etiqueta. (p. 91)

Na Oficina de Criação Narrativa do professor Assis Brasil, uma das coisas que ele menciona sobre a construção de uma história longa é que ela, em geral, precisa ter altos e baixos para o leitor não se cansar. Isso significa ter momentos tristes, intercalados com momentos felizes; momentos de tensão, intercalados com momentos de humor e assim por diante.

Durante a novela, procurei criar esse movimento. A primeira cena da história é o acidente de Niara e logo em seguida o seu sofrimento no hospital e em casa. Essa parte é melancólica, pois traduz a tristeza da personagem principal em seu processo de luto ao abandonar seu sonho de apresentar um número de dança, sozinha, sem emprego e sem saber o que fazer. Em seguida, procuro intercalar com cenas mais alegres e divertidas, quando a sua colega de trabalho vai até o seu apartamento procurá-la. Essa cena é interessante, pois enfatiza ainda mais o quanto Niara queria que alguém a procurasse, sentisse sua falta ou ao menos se preocupasse com ela.

Após essa cena, mostro as consequências do fato de Niara ter ficado sem emprego (também consequência do seu orgulho e vergonha por ter sumido após o seu acidente), que é o seu aluguel atrasado e a possível chance de ser despejada do lugar onde mora – além, é claro, do seu dinheiro estar acabando. Nessa parte, introduzo algumas questões familiares passadas dela para que o leitor comece a entender melhor a relação conturbada que ela tinha com os pais. Porém, o capítulo seguinte, seguindo o movimento proposto, é ela em um baile de dança tradicional do Rio de Janeiro e conhecendo Liam, seu par romântico. Essa parte é um alívio para o leitor que finalmente percebe que a personagem está feliz, após o acidente.

Esse movimento de altos e baixos procuro fazer ao longo de todo o romance, com a intenção de não cansar o leitor. E, apesar do planejamento ter me orientado para que eu, como escritora iniciante, estruturasse a história do início ao fim, ela acabou tomando vida própria e eu precisei fazer várias alterações no decorrer da escrita que não estavam previstas no planejamento. Por exemplo: o romance da Niara e do Liam, que, a princípio, não estava previsto ficarem juntos. O planejamento inicial da história era que ele aparecesse apenas para ajudá-la em um determinado momento, mas que cada um seguisse sua vida depois. No entanto, enquanto escrevia, percebi que o Liam era muito essencial para a história e não fazia sentido separá-los. O personagem começou a tomar uma proporção maior do que eu tinha imaginado a princípio e não fez mais sentido colocá-lo em segundo plano.

Outra questão importante que foi retirada do planejamento inicial era que Niara teria uma briga com os pais assim que os reencontrasse – o que culminaria também no fim do relacionamento dela com o Liam, pois, na tentativa de protegê-la da situação difícil que era a relação dela familiar, Liam tentaria impedir Niara de continuar falando com os pais e isso a faria brigar com ele e terminar o relacionamento. Mas, durante a escrita, percebi que não tinha necessidade de fazer mais um conflito perturbante na

vida da personagem que já tinha passado por vários desafios ao longo da narrativa e que, se eu colocasse mais uma cena dessas, estaria fazendo o movimento contrário do que o próprio professor Assis Brasil orientou: deixando a história muito mais melancólica e conflituosa do que o normal.

Ao invés dessa briga, fiz com que o reencontro dela com a família fosse positivo e aproveitei para construir uma narrativa em volta disso: a personagem principal teve uma percepção equivocada do seu relacionamento com os pais, colocando-os como os principais responsáveis pelo seu sofrimento. Niara sempre foi muito negativa com o que os pais pensavam dela e eu quis enfatizar bastante isso no final para que o leitor percebesse o quanto a característica dela (orgulhosa e determinada) não só a fez tomar atitudes prejudiciais para si mesma, como também moldou a sua visão de mundo e a forma como ela enxergava a própria história de vida.

Por fim, escrever a história da Niara, com todos esses conflitos familiares, românticos e raciais foi bastante difícil. Por vezes, achei que não iria conseguir ou que estava exagerando em algumas descrições ou fatos, sensação que acredito que sempre sentirei enquanto criar minhas próprias ficções. Mas sinto-me também realizada por ter conseguido finalizar o objetivo proposto por essa pesquisa e por ter, enfim, escrito uma novela de minha autoria, algo que sempre foi um desejo antigo.

6 CONCLUSÃO

Um dos primeiros ensinamentos que eu tive quando comecei a estudar escrita criativa e que sempre foi enfatizado em todos os livros, cursos e aulas que li e assisti, foi: Não explique, mostre. Hoje consigo compreender que essa é a base para começarmos a pensar em narrativas implícitas e, na verdade, qualquer tipo de narrativa literária; não temos que explicar para o leitor tudo o que pensamos, afinal, ele também faz parte da construção da história. E, se ele faz parte dessa construção, é indelicado não deixar espaço para que ele preencha com as devidas lacunas de sua interpretação.

Porém, o processo de escrever uma narrativa implícita não significa apenas escrever e deixar que o leitor entenda de forma aleatória. É importante que exista uma estratégia de construção previamente estruturada, ainda que a interpretação seja um caminho tortuoso, onde a intenção do autor, na grande maioria das vezes, não é significativa para o entendimento do texto. Mas, quando falamos de narrativa implícita, é justamente a intenção do texto que está em questão. Quando construímos uma narrativa implícita, ela deixa de ser uma ideia do autor e se torna uma ideia da obra. A própria obra contém os elementos necessários que o fazem ser ou conter narrativas implícitas por si só. E é partir da intenção do texto que o intérprete procura construir sentido, juntamente com suas bagagens, nível social e visões de mundo.

Ao escrever a minha primeira narrativa longa, tive bastante contato esse desafio e acredito que sempre terei na minha caminhada como escritora. Escrever uma narrativa com intenção de deixar assuntos implícitos é uma experiência desafiadora por si só. No entanto, posso dizer que fazer esse trabalho foi imprescindível para mim tanto como pesquisadora como escritora.

Como pesquisadora porque tive a oportunidade de pesquisar, ler, entender as teorias e botar em prática o que estudei através da escrita da minha novela. E, como escritora, porque é engrandecedor escrever uma ficção com início, meio e fim dentro de um ambiente acadêmico que me proporcionou tantas reflexões, conhecimento e base sobre construção narrativa, literatura e sociedade.

Algumas pessoas costumam dizer escrever ficção ou qualquer outro tipo de literatura não é algo a ser ensinado. Mas, eu, pessoalmente, sempre fui contra esse pensamento. Desde muito jovem eu tenho o desejo forte de ser escritora, mas apesar de ler muito, nunca senti que o ato de escrever fosse natural. Eu sabia de alguma

forma que, além da leitura e da prática, eu precisava também aprender sobre escrita criativa; conhecer técnicas, estruturas, planejamentos e tudo que pudesse deixar esse caminho da ficção um pouco menos obscuro do que era para mim. E eu encontrei isso e muito mais na linha de pesquisa em Escrita Criativa.

Além disso, enquanto escrevia esse trabalho, vários caminhos novos surgiam. O estudo de narrativas implícitas, de longe, é um estudo que cabe em algumas páginas e isso foi perceptível para mim durante o processo de construção da dissertação. Várias possibilidades se abriam, pedindo mais aprofundamento, mas que não seriam viáveis para o objetivo deste trabalho.

No entanto, ao mesmo tempo que a ansiedade por desbravar cada caminho diferente que se abria me inquietava, lembrei de um conselho que recebi do meu orientador da monografia da graduação, na Faculdade de Comunicação. Meu orientador, Pedro David Russi, quando viu a minha proposta de pesquisa, me disse que eu já sabia onde eu queria chegar e, por isso, não poderia aceitar que aquela fosse a minha pesquisa. Quando questionei ele sobre isso, ele apenas me disse: “Não vamos constatar nada, Brunna. Vamos descobrir”, e, a partir desse dia, entendi o real sentido do trabalho científico: não é sobre constatar nada, mas sim abrir caminhos para novas possibilidades de pensamentos.

Não gostaria e nem poderia, com a minha pesquisa, dizer tudo sobre as narrativas implícitas. Mas o objetivo é justamente esse: mostrar que é uma análise digna de ser aprofundada nas mais diferentes instâncias e áreas, que tem relevância acadêmica e que pode contribuir para diversos estudos sobre literatura, escrita criativa, narrativas e interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Trad. Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre, RS: Editora Zouk, 2014.

BLOOM, P. **How Pleasure Works**. W. W. Norton & Company, Inc., 500 Fifth Avenue, New York, NY, 1963.

BORGES, J. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.

BOURDIEU, P. **A distinção – crítica social e julgamento**. Trad. Daniela Kern; Guilherme F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BUARQUE, C. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ECO, U. **Interpretação e Superinterpretação**. Trad. Mônica Stahel. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

ECO, U. **Os seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ECO, U. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Trad. Giovanni Cutolo. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FONGARO, K. **Uma introdução aos fundamentos da Narratologia**. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2019.

GARDNER, J. **A arte da ficção**. Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo, 1983.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1964.

LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1960.

OLSON, G. **Reconsidering Unreliability: Fallible and Untrustworthy Narrators**. NARRATIVE, v. I, n. I, The Ohio State University, 2003.

PACHECO, A. **Mulher Negra: Afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA. Coleção Temas Afro. 2013.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença (uma introdução)**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIGLIA, R. **Formas breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REIS, M. **Úrsula**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2018.

ANEXO 1 – Niara

NIARA

BRUNNA LUIZA LIMA DE SOUSA

Prólogo

*Cê vai sair dessa prisão
Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do sol,
entendeu?
Faz isso por nóiz
Faz essa por nóiz
Te vejo no pódio
(Emicida – AmarElo)*

O auditório enchia cada vez mais, reparou. Olhava de um lado para o outro os vários bonequinhos de papel que preenchiam o local. Aos poucos, os bonequinhos de papel iam tomando forma humana e revelando em seu lugar crianças, adolescentes, adultos e idosos. Pessoas de várias idades e tamanhos – mas da mesma classe social – iam se acomodando pouco ao pouco para prestigiar a formatura da turma de medicina da UFRJ do segundo semestre.

Carmem estava sozinha, sentada em um banco na lateral do palco. Preferiu não se acomodar na frente, para não sair sem querer em uma das fotos dos álbuns de formatura. Com bastante cuidado, escolheu a quinta cadeira da terceira fileira da esquerda e sentou-se, com a sua bolsa dourada e descascada nas laterais em seu colo. Seu coração batia acelerado e não entendia muito bem o motivo. Afinal, era a formatura do seu namorado. Por que estava tão nervosa? Não seria ela que iria aparecer ali, andando na frente de todos os convidados, alunos e corpo docente da Universidade. Com certeza não seria ela que iria finalmente pegar o canudo verde escuro com seu nome e sobrenome finalmente a reconhecendo como médica.

Mas era como se fosse.

Murmúrios, gritos, vozes, risadas ao fundo. Famílias entravam com balões, cartazes e um monte de bugigangas desnecessárias, pensou, rolando os olhos. Não tinha levado nada do tipo para Ricardo. Se brincar, ele mal conseguiria vê-la na plateia e tudo bem. Depois iam comemorar juntos em algum lugar, só os dois. Ele preferia assim. Nunca gostou de chamar atenção e detestava esse tipo de cerimônia festiva. Carmem que o convenceu a participar. Caso contrário, ele teria optado por pegar seu diploma em uma sala fechada apenas com seu orientador e ela do lado insistindo para tirar foto.

Após vários minutos de espera, ouviu estalos de um microfone sendo testado e olhou para o palco. A cerimônia estava prestes a começar. Um cerimonialista, vestido de terno, com cabelos brancos encharcados de gel, estava sorrindo de frente para o microfone. Carmem olhou mais uma vez ao redor e assustou-se com a quantidade de pessoas que agora ocupavam seus lugares. Os bonequinhos de papel tinham se tornado seres humanos sentados e ansiosos.

Não sabia explicar a sensação que sentia toda vez que se via cercada por tantas pessoas brancas assim. Era uma mistura de aflição com receio. No entanto, sempre que se via no meio de uma multidão dessas, automaticamente o rosto de sua mãe aparecia como uma névoa em sua cabeça. Nunca entendeu exatamente o motivo disso, mas se sentia melhor toda vez que acontecia.

O cerimonialista começou com os discursos típicos de formatura. Enquanto ele falava, Carmem se lembrava dos últimos 6 anos que antecederam esse momento. Conheceu Ricardo ainda na escola, quando os dois tinham um sonho distante de passar em uma Universidade Federal. No ano em que Ricardo conseguiu aprovação para medicina, os dois nem acreditavam que tinham chegado tão longe, mas era só o começo do inferno que se seguiu nos anos seguintes. Ao lembrar tudo o que tiveram que fazer nos anos de faculdade, Carmem tinha vontade de chorar, mas segurou as lágrimas. Aquele definitivamente não era momento de ficar triste.

Os formandos foram chamados um por um, acompanhados de gritos, palmas e barulhos. As pessoas se levantavam de suas cadeiras e pulavam, se abraçavam e faziam festa. Os balões de gás hélio tremiam nas mãos inquietas de quem os segurava. Quando chamaram o nome de Ricardo para entregar-lhe o diploma, o coração de Carmem bateu mais forte. Conseguia enxergá-lo com bastante clareza, mesmo distante do palco. Ricardo andou devagar, mas firme. Carmem imaginou se ele iria chorar quando pegasse o seu diploma, mas ele não fez isso. Permaneceu sério do início ao fim. A beca esverdeada lhe caía bem, o capelo tampava só metade da sua cabeça e Carmem podia ver os fios de cabelo preto crespo crescendo perto da sua orelha, mas que em breve não estariam mais ali. Ao contrário dos seus irmãos, Ricardo nunca gostou de usar seu cabelo alto, cacheado ou *black power*. Sempre que os fios começaram a crescer ele raspava o mais curto possível.

Quando ele caminhou até o pódio para receber o seu canudo, ninguém fez nenhum barulho escandaloso como com os outros formandos. No auditório ouvia-se apenas as palmas educadas dos convidados e de alguns colegas de curso. Carmem

não bateu palma e não fez barulho. Queria fazer e quase o fez, por impulso, mas sabia que todos os olhares se voltariam para ela. Por isso, continuou sentada, na quinta cadeira da terceira fileira da esquerda e apenas o observou pegar o tão sonhado diploma e depois caminhar calmamente para o seu lugar.

“Porra, Rick, você conseguiu!” pensou, segurando a bolsa dourada e descascada com força em seus braços. Como se Ricardo pudesse ouvir os pensamentos de Carmem em gritos altos e claros, ele a achou no meio da multidão do auditório.

Seus olhos se encontraram e, pela primeira vez desde que tinha segurado o seu diploma, ele sorriu.

1.

“*Putá que pariu*”, pensou desanimada, enquanto observava seu parceiro de dança andando ao redor da sala mais uma vez. Era praticamente um ritual: ele parava, tirava o cabelo da testa suada e tomava água em sua garrafinha de metal roxo desbotado. Repetia a mesma sequência 2 vezes. Niara ficou observando por alguns segundos, mas em seguida virou o olhar para o seu próprio pé dolorido, cansado e avermelhado de tanto dançar.

Respirou fundo uma, duas, três vezes; trocou de lado o peso do corpo e prendeu de volta as mexas do seu cabelo preto encaracolado que insistiam em cair. Precisava urgentemente comprar uma sandália nova ou a que estava usando um dia arrebetaria bem no meio de uma apresentação de dança. Enquanto pensava em tudo isso, Alexandre a puxou de repente, colocou o braço em volta da cintura de Niara e segurou a mão direita dela com a sua mão esquerda, conduzindo-a em um movimento desconhecido. Niara, desprevenida, tentou acompanhá-lo na dança, encaixando-se às pressas em seu abraço. Apesar de saber todos os passos da coreografia que estavam ensaiando há meses, toda vez que Alexandre a puxava sem avisar, mal dando o tempo de encaixar seu corpo no dele para dançar, ela errava o tempo da música, o passo, tropeçava e se desequilibrava. E toda vez ele se irritava com o erro, parando de dançar e afastando-se dela com desânimo.

Niara tinha vontade de jogar seu salto na cara dele toda vez que isso acontecia, mas escolhia ficar calada. Estava tão ansiosa que aguentaria Alexandre o quanto fosse preciso para dar esse passo tão grande na sua carreira. Em 7 dias eles iriam se apresentar no *Samba Mundo*, uma competição de dança de salão em São Paulo. Porém, o que mais empolgava Niara era a ideia de ser classificada para o congresso mundial de samba de gafieira em Miami. Sonhava todos os dias com a possibilidade de ir para fora do Brasil se apresentar, poder conhecer profissionais do mundo inteiro, ter seu nome reconhecido lá fora. Só de pensar se arrepiava toda e seu coração batia mais forte. Era para isso que estudava todos os dias a quase 4 anos, sem parar, sem descanso.

Quando decidi ser parceira de Alexandre, sabia que ele poderia levá-la para lugares assim – lugares que antes só eram possíveis em seus sonhos; e por isso não podia jogar seu sapato na cara dele quando queria.

Sentiu seus pés ardendo dentro do salto. Estavam há horas na sala de ensaio sem almoçar e sem pausar. Os únicos momentos de descanso era quando ela errava e ele parava pensar, rodeando a sala e tomando água várias vezes.

– De novo! Vamos lá! 5, 6, 7 e 8... – Alexandre bateu duas palmas e, de novo, abraçou Niara para reiniciar a dança.

Os dois circularam pela sala de ensaio, rodeada por vidros. O chão de madeira marrom refletia nos espelhos, deixando o ambiente inteiro com a mesma cor, ainda que as poucas paredes nuas fossem brancas. Niara fechou os olhos e tentou conectar seu corpo com o de Alexandre. O corpo dele, bastante magro, com os ossos da costela sobressaindo, não combinava com o dela. Seu rosto batia na altura do pescoço longo e branco, de veias saltadas. Às vezes tentava encontrar o seu olhar, mas Alexandre nunca olhava para ela enquanto dançavam. Ele estava sempre olhando para frente ou para baixo, garantindo que nenhum passo saísse mal feito.

As cinturas dos dois batiam como se estivessem em uma guerra fria. Apesar do desconforto, alguém que observasse a dança deles de fora poderia jurar que estavam em sintonia e conectados, de tão perfeitos que os movimentos eram executados. Alexandre era um dançarino nato. Ele conseguia fazer qualquer dama dançar com perfeição, da mais inexperiente até a profissional. Com Niara não era diferente. Ela sabia que por fora estava executando os passos com maestria e, se brincar, até com suavidade. Ninguém iria imaginar que por dentro a luta que travava com o corpo de Alexandre era a mais exaustiva de todas. Suas costas suavam de tanta tensão e sua mão doía com o aperto sufocante da mão dele.

Abriu os olhos e observou o rosto de Alexandre. Os olhos dele miravam o reflexo no espelho. Ela seguiu o olhar dele com atenção e percebeu que seus olhos só enxergavam os pés e pernas dele mesmo. Conforme iam acertando a coreografia, Alexandre aumentava velocidade e a frequência dos passos. Niara se assustou com a rapidez, mas tentou acompanhar. Prendeu a sua respiração ao ver que a sua sandália apertava cada vez mais e seus pés estavam ardendo de tanta pressão, mas não iria parar a dança. Escutou Alexandre repassar os passos em voz alta, no ritmo da música que estava tocando:

– Puladinho com gancho, agora eu vou girar e 1, 2 3, na escovinha vou entrar e marquei o 1, marquei o 2 dois e vou entrar...

Treck.

Niara sentiu seu tornozelo partindo ao meio.

A dor biológica demorou poucos segundos a ser compreendida e ela perdeu equilíbrio. Nos braços de Alexandre, gritou e, sem lutar contra a gravidade, caiu. A dor emocional levou um minuto para chegar, mas, quando chegou, superou qualquer dor fisiológica que seu sistema nervoso pudesse enviar para seu cérebro. Assim que a dor a preencheu por completo, sentiu seus lábios se curvando em uma expressão de profundo sofrimento.

Alexandre segurou Niara para que não ela caísse de forma brusca no chão e se sentou junto dela. Observava com muita apreensão sua parceira que estava em seu abraço há poucos segundos gritando de dor. Assustou-se mais ainda quando viu o pé dela, antes intacto e ágil, agora quebrado, torto e inerte no piso de madeira liso que cobria a sala de ensaio.

– Niara? Tudo bem? Seu pé... Será que... Você... – Suas palavras não acompanham mais seu pensamento. Levantou-se do chão e correu para pegar seu celular e chamar uma ambulância. Atrás dele, Niara continuava gritando de dor. Com os olhos cheios de lágrimas involuntárias, ela tirou com cuidado o sapato de salto alto preto que praticamente tinha se fundido com seu pé escuro, ferido e rachado de tanto usá-lo. A dor continuava pulsando por todo o seu corpo cada vez mais forte. Teve uma sensação fantasiosa de que seu sangue borbulhava em volta do seu osso trincado, atordoado por ter o seu caminho natural fora de curso. Lágrimas quentes desciam pela sua bochecha. A dor e a tristeza se misturavam a uma angústia que Niara não sabia quando iria passar. A música que tocava no fundo foi ficando cada vez mais distante. Sua mente silenciou por completo.

Não escutava mais nada, somente sua pulsação.

O cheiro e o barulho inconfundível do hospital público a tirou do silêncio da mente de Niara. Estava em um local pequeno, abafado, todo branco com cadeiras metálicas de estofado marrom. Não se lembrava de nada. Percebeu que a colocaram em uma cadeira de rodas com um varão prateado de soro ao lado, um fio de plástico descendo até a metade de seu braço e inserido em sua veia através de uma agulha.

Imobilizaram o seu pé com uma faixa amarelada e sua dor começou a cessar aos poucos, provavelmente por conta do remédio que estava recebendo na veia. Observou Alexandre adiante, apoiado em um balcão de atendimento e sentiu um alívio ao ver alguém conhecido.

Enquanto esperava, a ansiedade crescia. Revivia a cena do acidente, quase improvável para um casal de dançarinos com tanta experiência como eles tinham. A memória era tão vívida que sentia dor só de lembrar do momento em que entrou no passo da dança e seu pé escorregou no piso, para logo em seguida Alexandre pisar em cima do seu tornozelo e com a força do seu peso dobrá-lo ao meio. Para completar, todo o peso do corpo de Niara concentrou-se em cima do mesmo tornozelo torto, que não teve alternativa a não ser dobrar. Enquanto fechava os olhos com gastura de imaginar com tanta clareza o acidente, perguntava a si mesma como isso foi acontecer. De quem era a culpa? Do seu salto gasto e antigo? Da sua incapacidade de dançar a coreografia de Alexandre? Do seu cansaço? Da sua falta de concentração? Por que isso aconteceu logo na véspera da apresentação mais importante da sua vida?

– Oi, Niara. Que bom que você acordou. Sua dor diminuiu? – Alexandre chegou perto dela e a tirou de seus pensamentos. Ela levantou a cabeça para encontrar o rosto dele. – Já falei da sua situação na recepção. Eles vão fazer a triagem e depois um médico vai examinar você.

– O que aconteceu? Eu só lembro de você pisando no meu pé. Depois não lembro de mais nada.

– Você desmaiou de dor segundos depois que caiu no chão. Fui ligar para o SAMU e quando voltei você estava desmaiada. Quase morri de tanto susto, mas graças a Deus a ambulância chegou rápido e eles conseguiram imobilizar o seu pé e te dar um sedativo para dor. Você ficou adormecida o caminho inteiro, mas eles me disseram que você estava bem. Mediram seus sinais vitais e te deram oxigênio.

– Entendi – Niara respondeu, ainda sentada na cadeira de rodas. Abaixou o rosto e voltou a olhar para o seu pé – Obrigada, Alê.

– Que isso, não precisa pedir desculpas. É... Niara, infelizmente eu não vou poder ficar aqui até você ser atendida. Pode me mandar uma mensagem assim que sair daqui?

– Mensagem?

– Qualquer coisa eu posso voltar. Não fica desesperada, tá? Tenho certeza que tudo vai ficar bem. Não deve ser nada sério, é que tudo que machuca o no nosso pé dói demais mesmo. Eles devem enfaixar o seu tornozelo e te dar alguns remédios. Em breve você estará melhor, tenho certeza. Aí voltaremos a ensaiar.

– Tá bom – Niara não olhou nenhuma vez para o rosto de Alexandre. Ele esperou alguns segundos para ver se Niara falaria mais alguma coisa, mas ela continuou em silêncio. Imaginou que ela estava dopada de tanta morfina na veia. Olhou para os lados, para o hospital lotado de gente e colocou uma mão vacilante no bolso. Seu cabelo castanho e encaracolado estava grudado em sua testa ainda suada. Olhou mais uma vez para Niara e então se encaminhou para saída do hospital.

Assim que Alexandre foi embora, Niara respirou fundo algumas vezes, segurando o choro. Esperou com paciência e medo o atendimento no hospital até finalmente ser encaminhada para um médico.

– Bom dia, senhorita. O que foi que aconteceu por aqui? – um homem de meia idade, aparentemente uns 50 anos, falou. Sua pele era branca feito a neve, com rugas nos olhos e na testa. Tinha um pequeno volume na barriga que não era suficientemente grande para ser considerado gordo. Seus cabelos pareciam pretos, mas fios marrons nas laterais relevavam que ele tinha o costume de pintá-los. Automaticamente Niara imaginou o médico em um salão, pintando os cabelos enquanto lia as notícias pelo celular.

– Bom dia, doutor. Eu acho... que quebrei o meu tornozelo.

– Como isso aconteceu?

– Eu sou dançarina. Estava ensaiando hoje à tarde com meu parceiro de dança e não sei o que aconteceu, mas ele acabou pisando no meu pé e eu caí e senti muita, mas muita dor mesmo. Foi tanta dor que eu até desmaiei e só acordei aqui. Ainda estou sentindo, mas diminuiu bastante com o remédio.

– Você já tinha algum problema no tornozelo? – ele pegou o prontuário de Niara e leu com atenção. Ela balançou a cabeça negativamente. – Você está tomando um remédio fortíssimo para dor. Vamos fazer uma tomografia para saber o que aconteceu com seu tornozelo. Mas pelo seu relatório e o aspecto do seu pé, é quase certeza que você fraturou mesmo.

E, sem dizer mais nada, chamou uma mulher de jaleco azul que levou Niara para outro setor do hospital, mais gelado e menos cheio comparado à entrada.

Ela ficou na frente de uma porta toda branca com abertura no meio. Ainda na cadeira de rodas, Niara observava várias pessoas entrando e saindo dessa porta. “*Quanta gente, meu Deus*”, pensou, enquanto observava com atenção todos os detalhes em sua volta do primeiro hospital público que frequentava na vida. Queria se distrair ao máximo da dor que estava sentindo.

A mulher de jaleco azul reapareceu e levou Niara para uma sala bastante gelada, onde a coloraram deitada em uma mesa estreita e branca e pediram para ela não se mexer. A mesa desceu devagar em direção a um tubo branco com bordas pretas, que a engoliu por completo, enquanto sentia o frio do ar-condicionado em suas pernas. Fechou os olhos, respirou fundo e foi tomada por memórias infantis. Recordou-se que aprendeu a dançar antes mesmo de andar, quando seus pezinhos de bebê ainda cambaleavam, procurando um equilíbrio que a pudesse deixar imóvel, para logo depois decidir que queria continuar sempre desequilibrada, balançando e movimentando para lá e para cá. Enquanto as memórias a preenchiam, não deixava de lembrar do rosto da sua mãe. Niara agarrava os dedos de sua mãe com suas mãos pequenas, utilizando o apoio dela para dançar. Mesmo criança já sabia que aquele movimento era a melhor coisa que se poderia fazer com os seus pés.

Quebrar essa parte tão valiosa do seu corpo era como perceber que a realidade tinha se tornado uma daquelas madrugadas turbulentas da qual ela acordava assustada e se punha a rezar, mais pela força do hábito e dos costumes cristãos com que foi criada do que outra coisa, esperando que a sensação de mal-estar passasse logo e o sono voltasse ao normal. Não sabia se realmente tinha quebrado o pé ou se sofrera apenas uma daquelas torções insuportavelmente dolorosas. Esperava do fundo do coração que fosse a segunda opção. Decidiu continuar de olhos fechados até esse pesadelo passar.

2.

– Niara? – uma mulher de jaleco azul e cabelos presos chamou Niara, que levantou a cabeça letargicamente. – Os resultados dos seus exames ficaram prontos.

O Doutor Carlos já vem aqui falar com você, tá bom? Você está sentindo dor? Precisa de alguma coisa?

– Não – respondeu. A mulher saiu de perto dela. Niara acompanhou com o olhar os seus passos até ela desaparecer no corredor branco. Não era a mesma mulher de jaleco azul que a tinha levado para o exame mais cedo. Trocaram de turno, pensou, quando percebeu que estava há cerca de 8h no hospital. Não tinha comido nada desde o ensaio e não estava com a menor fome. Ao seu lado, várias pessoas doentes se amontoavam em camas hospitalares uma do lado da outra e gemiam de dores. Auxiliares de enfermagem circulavam pelo o ambiente, sem acompanhamento de médico algum.

Desde que saíra da casa dos seus pais nunca precisou ir ao hospital. Sua saúde era inabalável. Mas, agora, deitada em um leito de hospital público, com um tornozelo aparentemente quebrado, sem comer, com frio, fome e sono, sentia-se a pior doente daquele ambiente.

– Niara Siqueira? – O médico apareceu, diferente do homem de cabelos manchados. Agora era um homem totalmente grisalho, alto e magro. – Acabei de receber os resultados dos seus exames de imagem e de sangue. A senhora sofreu um acidente e tanto, não?

Niara permaneceu em silêncio.

– Bom, vamos lá. Eu vi aqui que você sofreu uma fratura no tornozelo em um osso chamado maléolo posterior. É uma fratura que fica na parte de trás da tibia, aquele “ossinho da canela” e no nível da articulação do tornozelo. Bom, na maioria dos casos esse tipo de fratura se cura sozinha com uma imobilização e repouso, mas, no seu caso, infelizmente, você vai precisar de uma cirurgia.

– Cirurgia? Por quê?! O que tem de diferente no meu?

– Dependendo do tamanho da fratura do maléolo posterior o seu tornozelo pode ficar instável. E essa instabilidade significa que você vai ter certa dificuldade de se equilibrar, de apoiar o seu pé no chão, de andar, de correr... – ele pigarreou ao ver a expressão assustada da paciente. – Se o fragmento fosse menor que 25% da articulação do tornozelo você não precisaria fazer cirurgia, mas você quebrou um pouquinho a mais do que 25%, então não tem como ele se curar sozinho. Você vai precisar fazer uma cirurgia para o seu tornozelo voltar ao normal

– Meu Deus...

– Mas olha, depois da cirurgia ele fica novinho em folha! Não é irreversível. Vai dar tudo certo. – O médico agachou para ficar na altura do olhar de Niara, sentada na cadeira de rodas. – Você vai ficar bem. Seu pé vai voltar ao normal.

Com as olheiras fundas de sono e cansaço, além dor no estômago da falta de comida e anestesiada de tanta dor, Niara já não sabia identificar mais se era apenas do seu tornozelo que doía tanto. O médico continuou falando, mas ela não conseguia escutar, entender ou absorver nada. Olhava para os cabelos grisalhos dele e lembrava do primeiro médico que a atendeu, com os cabelos manchados de marrom na raiz. Focou nos cabelos do médico, que brilhavam e brilhavam cada vez mais.

– Você está bastante abalada pelo acidente, então não vou falar sobre os procedimentos da cirurgia por enquanto. Vou pedir para as enfermeiras engessarem o seu pé agora temporariamente, até ele desinchar com os medicamentos que eu vou te passar. Você vai precisar ficar de repouso por algumas semanas, umas 8, por aí e depois marcar uma consulta para avaliar seu tornozelo e verificar se você já pode marcar a cirurgia. Você vai fazer uma solicitação e aguardar na lista de espera. Talvez demore um pouco mais do que o normal, já que essa cirurgia não afeta seu risco de vida. A não ser que decida fazer em um hospital particular.

Niara não respondeu. O médico decidiu continuar.

– O ideal é que você tome os remédios que eu vou te passar a cada 8h. Se a dor piorar, o que pode acontecer, já que aqui você está sob um efeito anestésico fortíssimo, pode tomar os remédios de 6h em 6h. Depois dessas 8 semanas você vai sentir uma melhora e poderá andar, mas com muita calma e cuidado. Quando isso acontecer, procure urgente um médico para conversar sobre a sua cirurgia. Temos algumas clínicas onde...

– Eu não poderei mais dançar?

– Desculpe, o quê?

– Eu não vou poder dançar se não fizer a cirurgia? Eu danço, doutor. Sou dançarina profissional de dança de salão. Eu tenho uma apresentação no exterior para fazer daqui a sete dias. Estou ensaiando há seis meses sem parar! É a minha única oportunidade! Não terei outra dessas tão cedo. – disse. O médico a olhou.

– Eu sinto muito.

– Não tem uma cirurgia de emergência, alguma coisa que eu possa fazer hoje, *agora?*

– Não temos como fazer a cirurgia em seu tornozelo agora, ele está bastante inchado. E a cirurgia que você precisa não será marcada com tanta facilidade. Pelo menos não aqui. Temos uma lista de espera para agendamento de cirurgia.

O médico juntou os lábios ao ver Niara colocar a mão no rosto e balançar a cabeça sem acreditar.

– Sinto muito, Niara. Infelizmente é o que podemos fazer por aqui. Em dois meses de recuperação e seguindo as recomendações, você poderá andar e realizar suas atividades normalmente. Mas a dança e atividades físicas de impacto somente após a cirurgia. A enfermeira já está vindo para engessar sua perna. Os seus atestados e receitas estão aqui. Espero de coração que você se recupere logo.

O médico deu um sorriso amarelo e foi embora. Niara, em choque, começou a ter dificuldade para respirar. Sentiu seu peito apertar, o seu coração começou a bater rápido e a falta de ar a sufocava. Continuou sentada na cadeira de rodas, com os seus exames e documentos em suas mãos.

– Tornozelo quebrado. Dois meses de recuperação. Só poderei dançar de novo após uma cirurgia... Que eu não tenho dinheiro para fazer em um hospital particular e por isso vou precisar entrar em uma lista de espera gigantesca da rede pública... – Enquanto repetia o que o médico tinha lhe falado, começou a chorar. Soluçava, entre choros e respirações transpassadas. Tampou a boca com a mão, para diminuir o barulho que fazia, mas todas as pessoas da sala já olhavam para ela.

A moça de jaleco azul que mais cedo tinha falado sobre os resultados dos exames apareceu novamente e falou coisas que Niara não prestou atenção. Na tela do seu celular vibrava uma mensagem de Alexandre escrito “*Alguma novidade?*”. Niara apagou a mensagem e foi levada para a enfermeira para colocar o gesso no pé.

Enquanto era levada para a sala de gesso, pensou em seus pais. Estava há tanto tempo sem falar com eles, tanto tempo sem *precisar* falar com eles. Desde que saíra da casa dos pais, conseguiu resolver todos os seus problemas tranquilamente. Arrumou um trabalho, pagava seu aluguel e suas contas, não precisou recorrer a eles nenhuma vez. Claro, não vivia de forma luxuosa, pelo contrário. Andava sempre de ônibus e não tinha condições de pagar um plano de saúde, mas até então nunca tinha se importado com isso. Era independente.

Mas agora, em um hospital, sozinha, sem ninguém para cuidar dela, pensava neles. Pensava em como poderia pedir ajuda para eles, nem que fosse para fazerem companhia para ela nesse momento.

Quebrar o seu tornozelo era um pesadelo, mas passar por isso sozinha era pior ainda. Alexandre não estava lá, mesmo sendo o seu parceiro de dança e também um dos responsáveis pelo acidente. Não tinha ninguém que confiasse o suficiente para ligar nesse momento. Ninguém a tinha procurado, mesmo ela passando quase 12h no hospital. Imaginou se sua mãe iria encontrá-la se soubesse do seu acidente. Seu pai talvez não quisesse, mas sua mãe jamais iria deixar na mão, mesmo depois de tudo o que aconteceu.

Engessou o pé enquanto pensava se ligaria ou não para os pais.

Assim que teve alta do hospital, foi para casa.

3.

Com dificuldade, Niara abriu a porta do seu apartamento e entrou. A sua quitinete, tão pequena, parecia enorme e aconchegante em comparação com o hospital lotado de que acabara de sair. Sentou-se no sofá verde musgo usado, que comprara em uma promoção na internet, e respirou fundo. Sua casa estava bagunçada, cheia de roupas espalhadas pelo chão. Com a bagunça, a sala que era cozinha e também quarto deixava ainda mais evidente essa falta de separação. Pratos vazios tinham seu lugar em cima da cama e roupas usadas pareciam à vontade penduradas na geladeira.

Niara chorou do momento que engessava o seu pé até todo o caminho do Uber para casa. O motorista perguntou algumas vezes se ela estava bem, mas ela não respondia, só balançava a cabeça várias vezes e continuava a chorar. Agora que estava em casa, as lágrimas deram uma pausa. Sentia apenas o seu pé doendo, além da coceira irritante do gesso que a incomodava. No seu celular, apitavam mais de 30 ligações do Alexandre ignoradas. Sabia que ele só estava ligando para saber como o pé dela estava, quando poderia voltar aos ensaios e se ela ainda conseguiria dançar.

Com muita dificuldade, ainda se acostumando com a falta de apoio no pé direito, decidiu tomar um banho. Ao chegar no banheiro, guiada pelas recomendações do hospital, enrolou uma toalha em volta do gesso para não molhar e pegou um banquinho redondo de madeira para sentar e deixar o pé engessado longe da água.

Abriu o chuveiro e esperou a água esquentar. Olhava para a água escorrendo no ralo do banheiro e sentia ao mesmo tempo a falta de ar apertar seus pulmões. Não podia fugir da realidade: seu pé estava engessado, seu corpo doía de tanta tensão e cansaço e, se fechasse os olhos por alguns segundos, a única cena que conseguia enxergar era o acidente. Suas mãos suadas e pequenas engolidas pelas mãos de Alexandre, que a apertava forte; seu osso da costela batendo no osso da cintura dele, seu pé ardendo dentro do salto preto com as tiras gastas de tanto usar.

Aquele era o seu salto da sorte, o que sempre usava em ensaios e bailes de dança importantes. Ele foi o primeiro salto que comprou para ir ao baile da *Cachanga*. Lembrava até hoje do dia que entrou pela primeira vez naquela casa de dança. Era tudo muito pequeno e abafado, as luzes coloridas em um ambiente escuro e aconchegante. Olhava os casais juntos dançando gafeira no meio da pista de dança. Atrás deles, uma parede de tijolinhos marrom que ia do chão até o teto era a marca registrada do baile. Ao entrar, sentiu uma energia quase inebriante. Sempre quis muito ir nesse baile, mas queria adquirir um pouco de experiência antes para não passar vergonha. Todos os melhores dançarinos de samba do Rio iam para lá, imagina se fosse tirada para dançar e não conseguisse acompanhar a dança?

Foi quando conheceu Alexandre.

Ele estava nesse baile e em todos os outros que foi depois daquele dia. Niara já tinha ouvido falar nele, mas nunca tinha visto pessoalmente, muito menos dançar. Naquele dia, no seu primeiro baile da *Cachanga*, depois de muito treinar nas aulas de gafeira da academia e de ter comprado seu primeiro salto para estrear no baile, ela o viu. Alto, imponente, dançava por toda a pista de dança. Ele deslizava do meio do salão até as laterais, sorrindo e olhando sempre para frente. Alexandre não parava de dançar nunca. Seus pés, corpo e mãos pareciam ter vida própria e nenhum pingo de suor caía de sua cabeça. Ele tinha um controle e um descontrole, tudo misturado, como se soubesse o que estava fazendo, ao mesmo tempo que deixava seu lado artístico guiar a criação dos seus passos.

Independente da moça que o acompanhava, ele dançava brilhantemente. Conseguia conduzir com perfeição quem quer que estivesse em seu abraço, da mais iniciante a mais avançada – e ele dançava com todas, sem restrição. Niara lembra de ter ficado hipnotizada pela dança dele e tê-lo admirado desde o primeiro momento.

Dois anos depois tinha se tornado a sua parceira de dança. E o seu salto da sorte tinha se tornado o salto mais azarento que usara na vida.

Não era louca de passar por cima de uma recomendação médica. Até queria e tinha tentado, mas desistiu ao sentir uma dor violenta toda vez que forçava seu tornozelo. O médico tinha razão: após passar o efeito dos remédios que tinha tomado no hospital, as dores aumentaram muito. Estava insuportável pisar o pé, ainda que engessado, no chão. Ficava o dia inteiro deitada com o pé para cima porque era a única maneira de diminuir a dor que sentia e, por causa disso, estava vivendo a base de *delivery* – de comida e de remédio, o que infelizmente acabava mais rápido com o seu dinheiro.

“*Morar sozinha às vezes é uma merda*”, pensou, enquanto se arrastava devagar para pegar o controle da televisão. Quando começou a sentir pontadas no pé, desistiu e resolveu pegar o celular que já estava ao seu alcance.

Ligações e mais ligações, mensagens e mais mensagens apitavam na tela do seu celular, todas recusadas ou não atendidas. Algumas eram da academia de dança onde trabalhava. Viu ligações do seu chefe, com certeza preocupado com o seu sumiço e o abandono das aulas; de Luana, a professora de Salsa com quem tinha feito amizade e deveria estar preocupada com ela; e de Alexandre que, após o segundo dia de tentativas, aparentemente tinha desistido de procurá-la. Bufou, irritada ao perceber isso, e bloqueou o celular novamente.

Desligou a luz e fechou os olhos. Niara estava deitada de pijama na cama há dois dias. Os seus cabelos crespos estavam soltos e ao redor da sua cabeça, vários fios finos e encaracolados apontados em direções diferentes. Não estava frio no Rio de Janeiro, mas ela se cobriu com seu cobertor de bolinhas vermelhas e brancas até a cabeça e decidiu ficar assim por alguns minutos. De vez em quando, escutava o celular vibrar, sem som, no modo silencioso, mas ignorava. Não estava com vontade e nem coragem ainda de ter contato com o mundo lá fora.

Caixas quadradas de comida chinesa estavam no chão jogadas e abandonadas. A toalha de tomar banho estava no canto da sua cama, junto com algumas roupas que tentou experimentar, até optar pelo pijama de ursinho que estava vestida há 3 dias sem trocar. Ficou assim por alguns dias, ou semanas. Não sabia. Perdeu a noção do tempo.

Como será que as suas aulas de dança ficaram? Arrumaram alguma professora para substituí-la? Será que algum aluno sentia sua falta? E Alexandre? Que parceira

ele deve ter arrumado de última hora para ir à apresentação que eles estavam ensaiando há uns 6 meses sem parar? Apesar de curiosa, estava inerte. Não conseguia sair do lugar, ligar, abrir as redes sociais, conversar, explicar, viver, seguir em frente. Queria que o tempo parasse até ela conseguir voltar a lidar com o mundo real.

Seguiria assim por sabe-se lá quanto tempo se não tivesse ouvido um barulho forte de batidas na porta. Levantou o rosto da cama assustada.

– Niara! Niara! Tem alguém aí? – uma voz conhecida falou do lado de fora. Começou a levantar aos poucos, tirou os lençóis de cima do corpo e tentou identificar de quem era a voz.

“Moça, eu tenho quase certeza que ela está aí mesmo” – uma segunda voz também irreconhecível falou.

– Mas você vê ela todos os dias? – a primeira voz perguntou. Niara foi identificando a voz de Luana, sua amiga da academia. Levantou-se da cama com cuidado e foi calmamente até a porta.

“Todos os dias não... Na verdade eu vi ela entrando esses dias aí, ia até falar com ela, porque escutei ela chorando, mas ela entrou tão rápido, se trancou e depois disso eu nunca mais vi ela. – Reconheceu a voz da dona Elza, a zeladora do seu prédio.

– Você tem certeza disso? – Antes que a zeladora pudesse responder, a porta do apartamento se abriu, revelando Niara à frente delas.

– Meu Deus, é você! Misericórdia, garota! Eu achei que você tinha morrido, ido embora do estado, evaporado de uma vez, sei lá!

Luana entrou rapidamente dentro de sua quitinete. Seu corpo magro e ossudo ficava quase que completamente escondido atrás da bolsa quadrada, gigante, trazida debaixo do braço, deixando à vista apenas as pernas e os olhos arregalados, que ficavam ainda mais assustadores com seu cabelo preso no alto da cabeça e as sobrancelhas arqueadas de tanta desconfiança.

Niara acenou a mão para zeladora, que apenas abaixou a cabeça e desceu as escadas, sumindo de vista.

– Você ficou louca? Como pode sumir desse jeito? – Luana gritou atrás de Niara, assim que ela fechou a porta.

Com um misto de felicidade e alívio, Niara caminhou de volta para cama, mancando. Após sentar, olhou para Luana que estava ainda parada perto da porta, tentando demonstrar indiferença.

– Mas que merda aconteceu com você?

– Como você pode ver, eu quebrei o pé.

– Isso eu já sei.

– Então.

– Mas... N-não... Não foi isso que eu perguntei. Espera, calma, deixa eu reformular a minha pergunta: porque tu simplesmente desapareceu sem dar notícia para ninguém, sem avisar nada! E a sua apresentação? E as tuas duas turmas de dança na academia esperando por você?

– Luana, eu quebrei o pé.

– Está todo mundo preocupado contigo, cara.

– É mesmo? Porque você é a primeira pessoa a vir na minha casa. – *“e eu estou aliviada demais em saber que existe pelo menos e uma pessoa no mundo que se preocupou comigo a esse ponto”*, pensou Niara.

Luana abriu a boca para falar, mas parou, respirando fundo. Seus ombros abaixaram junto com a sua respiração e ela tirou enfim a bolsa quadrada gigante do braço, jogando no sofá verde de Niara. Seu corpo alto e magro de dançarina se destacava no ambiente pequeno, como se não tivesse espaço o suficiente para se sentir à vontade. Arrumou os fios de cabelo loiro que saíram do seu coque em cima da cabeça e sentou-se no sofá musgo cheio de roupas jogadas. Assim que se sentou, apoiou os cotovelos em cima do joelho e juntou as mãos na frente do rosto.

As duas ficaram em silêncio. Luana observou o tornozelo de Niara todo enfaixado até metade do joelho, seu cabelo bagunçado e seu pijama sujo de comida. O aspecto geral de sua amiga não era dos melhores, assim como sua casa, que também refletia a mesma bagunça exterior.

– Ni, *porra*, eu sinto muito pelo seu tornozelo. Eu nem acreditei quando o Alexandre deu a notícia de que você tinha caído no ensaio, porque... Não era possível que isso estava acontecendo. Você lutou tanto para ter uma chance de se apresentar no Samba Rio. Eu lembro de todas as vezes em que você ficava ensaiando depois das aulas, e, posso não saber exatamente o que aconteceu, mas sei que você tem uma treta gigante com a sua família por causa da dança e ainda teve que aguentar aquele cabelo de miojo com o ego do tamanho do Cristo Redentor do Alexandre...

– Cabelo de miojo – Niara soltou uma gargalhada, mas Luana permaneceu séria.

– Enfim, sei que não somos melhores amigas, a gente se falava apenas na academia, mas eu realmente me preocupei com você. Não fazia sentido para mim esse seu sumiço, o Alexandre não explicou nada direito, foi uma correria da *porra*, ele arrumou outra parceira para apresentar com ele de última hora, você não respondia mensagens, os seus alunos me perguntavam de você toda hora... Bom, eu estava enlouquecendo, por isso precisei vim aqui.

– Luana, você não tem noção do quanto eu fico feliz em saber disso. Mas, é... Está sendo difícil. Sinto muito ter causado todo esse estresse.

– Não precisa pedir desculpas. Agora, aqui, te vendo desse jeito, acho que entendo um pouco. Você só sumiu por conta da fratura mesmo? Como é que é essa fratura? Quanto tempo de recuperação você tem?

– Eu sofri uma fratura em um osso bem específico do tornozelo, que agora esqueci o nome. Eu sei que é uma fratura rara e acontece que essa fratura só se cura com cirurgia, mas para fazer essa cirurgia eu preciso ficar 8 semanas de repouso até meu tornozelo desinchar.

– Ca-ra-lho. E você já marcou essa cirurgia?

– Não, não é simples assim... É absurdamente cara uma cirurgia de tornozelo. Eu liguei para umas clínicas particulares para ver o preço. E a lista de espera do hospital público é de mais ou menos dois anos, mas eu sinceramente não estou preparada para falar disso agora.

– Meu Deus!

– É.

– Olha, tudo bem, entendo que você está abalada com isso e eu vou parar de ser tão curiosa, mas, de verdade, eu jamais imaginaria que tinha sido algo tão sério assim. O Alexandre apareceu na academia maluco, irritado, dizendo que você tinha sofrido uma *torçãozinha* leve, mas que não dava para esperar sua recuperação. Você acredita nisso? Que filha da puta...

– Por que isso não me surpreende? – Niara deu um sorriso falho, balançando a cabeça. – Era tão óbvio que ele não iria se responsabilizar pelo meu acidente. Ele sempre agiu assim: como se tudo fosse culpa minha. Mesmo ele tendo pisado no meu pé e feito com que eu caísse em cima do meu tornozelo.

– O quê?!...

– Eu só *desmaiei* de tanta dor, Luana. Fiquei 15h sozinha naquele hospital público, tomando tanto remédio e sedativo que mal conseguia falar. Foi a pior experiência da minha vida. – Niara vomitou as palavras, tremendo de tanta raiva. Luana permaneceu em silêncio, impressionada demais para falar alguma coisa. Após Niara terminar o relato inteiro de seu acidente, Luana estava com os olhos quase saltando das órbitas.

– Ni..., o que você vai fazer agora?

– Esperar as 8 semanas para eu tirar o gesso para voltar a andar.

– E depois?

– Não sei. – As duas ficaram em silêncio por vários minutos.

– Quer ajuda pra limpar a casa?

4.

10 dias.

Esse era o prazo que Niara tinha para pagar os 2 aluguéis atrasados antes de ser oficialmente despejada do seu apartamento. Apesar da seriedade da situação, tinha acabado de tirar o gesso do pé e voltar a andar normalmente, e só isso foi o suficiente para preencher a sua mente de possibilidades. Já tinha tentado correr, rodopiar e dançar sozinha em casa, mas em todas as vezes sentiu a sua pisada vacilante, um desequilíbrio e uma dor aguda no centro do seu tornozelo.

Depois de tentar mais uma vez um passo de dança e sentir a dor aguda de sempre, desistiu e sentou-se na cama, juntando as duas pernas em seguida. Esticou-as em sua frente para observar a diferença entre as duas. Conseguia ver claramente que o pé direito estava maior do que o esquerdo. Além disso, a perna direita parecia mais esbranquiçada que a esquerda, lembrando da cor amarelo queimado do lápis que usava na escola para pintar seus desenhos horrorosos que dava para a sua mãe de presente, só para vê-la sorrir e dizer que estava lindo.

Jogou o corpo para trás, deitando-se de costas. A *playlist* de samba tocava no fundo para acompanhar o seu treinamento. Seu apartamento ainda estava uma zona

e, pior do que isso, cheirando a comida velha e roupas sujas. Considerou seriamente em ir para a sua academia de dança pedir desculpas para o dono e ter o seu emprego de volta. Sim, tinha sumido sem dar notícias e explicações há meses, tinha abandonado suas 3 turmas de samba de gafieira iniciante e iniciado e não atendeu nenhuma ligação do seu chefe, mas se ela explicasse o quanto tinha ficado abalada com a fratura em seu tornozelo – abalada ao ponto de não conseguir ter reação para nada – talvez eles a aceitassem de volta.

Ou não.

De qualquer forma, pensou, Alexandre estaria lá dando aula com a sua nova parceira. Iria contar várias vezes a história de como eles foram para a apresentação em São Paulo fazer a seleção para o campeonato mundial. E foram finalistas... E já estavam ensaiando uma coreografia para irem para o a apresentação nos Estados Unidos daqui a 6 meses... E já estão fazendo vaquinhas de arrecadação de dinheiro para viagem...

Sentiu um arrepio na espinha ao pensar nisso. Seria uma tortura sem fim.

Fora que todos especulariam o motivo pelo qual ela sumiu por tanto tempo. Já deveriam ter criado tantos boatos que também seria uma angústia lidar com mentiras ao seu respeito. Ou também era provável que ninguém se lembrasse mais dela. Talvez só lembrassem de Alexandre com a nova parceira. Afinal, foi ela que apresentou com ele recentemente. Mesmo se dedicando durante 3 anos e indo religiosamente todos os dias para a academia, era capaz de já terem esquecido que ela um dia fora professora, monitora ou dançarina de lá.

Niara balançou a cabeça, tentando espantar os mil pensamentos que a atordoavam. Era melhor assim. No dia em que Luana a visitou, implorou para ela não falar para ninguém da academia sobre ela. Queria continuar sem contato com ninguém, sem ninguém saber da sua vida, do seu acidente, do seu fracasso. Mais uma vez segurou a vontade de pegar o celular, abrir as redes sociais e ver tudo o que estava acontecendo. Ver a nova parceira de Alexandre, os vídeos da apresentação, os novos professores da academia. Ver como estava o mundo que abandonou durante os dois meses em que ficou de recuperação.

Quem iria imaginar que quebrar o seu tornozelo poderia acabar com tudo o que construiu nos últimos anos.

Automaticamente o rosto de sua mãe apareceu como uma névoa em sua mente. Pegou o celular que estava largado na cama e procurou pelo número de

telefone dela. Desde que quebrou o pé, essa era a segunda vez em que sentia vontade de ligar para os seus pais. Isso a deixava atordoada, pois jamais imaginou que precisaria tanto da ajuda deles, principalmente quando saiu de casa. Talvez tenha sido pura ingenuidade ou imaturidade, ou talvez – e era mais provável que fosse isso – um desejo muito grande de acreditar que suas escolhas tinham sido certas. E voltar a falar com seus pais depois de ter escolhido a dança com tanta determinação, provaria exatamente o contrário. Além disso, não sabia se seria recebida positivamente. Não sabia como seus pais poderiam reagir com a volta repentina dela, após tanto tempo “desaparecida”.

Ainda lembrava do dia em que seu pai e sua mãe praticamente a expulsaram de casa. Tinha acabado de chegar de uma de suas aulas cansativas na academia, recém aprovada na companhia de dança e com uma felicidade gritante que se esvaía quando percebia que não tinha com quem compartilhar.

Sua mãe e seu pai estavam na sala do apartamento em que crescera e vivera boa parte de sua vida. Sua mãe mal conseguia olhar em seus olhos, ao contrário do seu pai, que a mirava com os olhos vermelhos de tanta raiva. Sempre foi assim. Sua mãe firme, porém, com um olhar compreensivo. Seu pai, em contraste, não demonstrava o menor sentimento de compreensão. Pelo contrário, era quase um rancor que ele sentia de Niara toda vez que ela contrariava suas ordens, desejos ou expectativas. E aquele era um desses dias: tinham finalmente descoberto que ela largara a faculdade há alguns meses e estavam prontos para escutar uma explicação.

Foi aí que a bomba estourou.

Após tantos anos em pé de guerra com seus pais por não apoiarem a sua escolha profissional, finalmente aconteceu a briga que culminou em sua saída de casa e o corte definitivo de contato com eles. Seu pai, um cirurgião, não admitia de jeito nenhuma que sua única filha tivesse ido para o lado dos desocupados. Era assim mesmo que ele chamava todos os dançarinos e artistas com que Niara convivia: desocupados. Lembrava da sua mãe chorando ao ver ela no quarto arrumando as coisas, as palavras duras de seu pai bombardeando seus ouvidos e a sensação de que estava perdendo algo muito valioso, mas que custaria muito caro para recuperar.

Niara respirou fundo, puxando o ar com força pelo nariz e expulsando ele pela boca. A lembrança era tão clara que conseguia escutar a voz de seu pai como se ele estivesse ali, na sua quitinete com aluguel atrasado. Inclusive, se ele soubesse que ela estava nessa situação, daria outra bronca e já até sabia o que ele iria dizer:

“Nós não passamos o que passamos para criar uma mulher que vive em uma quitinete com aluguel atrasado”. Ela conseguia ouvir a voz do seu pai falando isso dentro dos seus pensamentos. Levantou-se da cama com rapidez, mas pisou com o pé direito no chão com delicadeza.

Precisava de um emprego.

5.

O barulho e o cheiro que exalava no baile da *Cachanga* não se encontrava em outro lugar. Lá tinha uma mistura de suor com perfume, além do cheiro forte de lavanda dos produtos de limpeza utilizado minutos antes do local ser preenchido com corpos variados e ansiosos para dançar a noite toda.

Era 19h da noite e Niara usava um vestido preto colado até metade da coxa e um tênis branco. O cabelo crespo estava amarrado em um coque alto como se fosse um buquê em cima de sua cabeça, com dois fios laterais descendo pelas suas bochechas. Estava quente, como sempre. O ar abafado combinava com a energia dos jovens que andavam pelas ruas do bairro da Lapa, procurando o melhor lugar para beber e curtir o resto da noite, ainda que acabassem sempre na calçada de algum dos bares e baladas por ali.

Assim que chegou na entrada do baile, o segurança olhou para de cima a baixo, surpreendido pela sua presença.

– Niara! Caracas, quanto tempo! Tem meses que você não vem dançar. A gente já estava começando a ficar preocupado contigo, cara! – o segurança riu. Niara abriu um sorriso gigante. Adorava ser reconhecida.

– Quanto tempo, mesmo! Eu já estava morrendo de saudades. Como está aí dentro?

– Ainda está tranquilo, mas daqui a pouco fica daquele jeito que você conhece. Pode entrar! Hoje é por minha conta. – O segurança sorriu animado e fez sinal para Niara entrar. Ela abaixou a cabeça agradecida e entrou dentro da casa de dança. A familiaridade do ambiente a preencheu com sentimentos de prazer e nostalgia. Nunca

tinha ficado tanto tempo sem ir ao baile da *Cachanga*. Era seu compromisso semanal, desde que começou a dançar. Além de ser parada obrigatória de vários dançarinos, amadores, profissionais, curiosos, jovens, senhorinhas de idade que adoravam dança de salão e até turistas de fora do Rio de Janeiro que não deixavam de visitar o baile mais tradicional da cidade.

Por mais frequente que fosse, Niara sempre entrava na *Cachanga* como se fosse a sua primeira vez. Olhava para cima, para os andares superiores e adorava observar quando a casa enchia e podia-se ver casais dançando em cada um dos andares, em uma espiral quase infinita de giros, balanços, rodopios e gingados. Ainda era cedo, então poucos casais arriscaram dançar. A maioria ainda estava sentada nas cadeiras, tomando uma cerveja, conversando, escolhendo silenciosamente o seu par. Como de costume, as primeiras músicas que tocavam eram as mais lentas e românticas, que pareciam mais um bolero do que samba. Niara observou alguns rostos conhecidos de alunos e dançarinos da zona norte, mas tentou passar despercebida e se acomodou em um canto escuro.

Foi difícil tomar a decisão de ir ao baile sem poder dançar. Enquanto se arrumava em casa e calçava o tênis e não o salto alto costumeiro pela primeira vez, sabia que poderia se arrepender da decisão. Luana brigaria com ela se soubesse o que estava fazendo. Mas ela só queria estar ali, respirando aquele ambiente, vendo, ouvindo, sentindo a música, mesmo que isso lhe custasse alguns encontros desagradáveis, situações difíceis, sentimentos ruins e lembranças sobre o seu acidente.

Mas, pensou, se ficasse no canto escuro ninguém iria reconhecê-la. Não iria dançar mesmo, só queria ver as pessoas dançando. Só isso lhe bastava. Só isso lhe preenchia um pouco a falta que a dança fazia na sua vida. O mundo podia cair lá fora – e estava caindo, inclusive, com seu aluguel no terceiro mês atrasado e nem um real no bolso, nem para tomar uma cerveja no bar. Riu quando lembrou que pelo menos o segurança a reconheceu e a deixou entrar de graça na casa. Pelo menos teria um dinheiro para beber uma água ou algo assim.

– Vamos dançar uma, moça? – um rapaz de cabelo cacheado apareceu na sua frente, estendendo a mão. O coração de Niara quase saltou da boca. Não é possível! Alexandre? Não, respirou aliviada quando olhou mais de perto e viu um completo desconhecido.

– Não, muito obrigada. Hoje só estou olhando. – Niara se encolheu mais no canto, tentando esconder seu pé atrás do corpo automaticamente, em um gesto automático de defesa. O rapaz desconhecido deu de ombros e partiu para a próxima moça disponível para dançar.

Poucos minutos depois o espetáculo começou. Assim como quando soava o sinal do recreio da escola, bastou uma música animada começar a tocar para a imensidão de corpos se juntar no centro do salão e ocupar todos os espaços da casa. Niara reconheceu José e Natália, um dos casais famosos que faziam apresentações pelo Rio. Já teve aula com eles uma vez. Natália tinha um corpo alto e robusto e fazia todos os giros difíceis se tornarem fáceis para quem estava vendo de fora. Além deles, encontrou outros colegas de profissão e até uns alunos – ao que ela se escondeu mais ainda, para que ninguém a visse. Quando já estava se fundindo com a parede, de tão encolhida que estava, escutou uma voz do seu lado.

– Desse jeito você vai acabar sendo confundida com um quadro na parede. – Um rapaz alto falou ao seu lado, com um sorriso gigante. Niara parou alguns segundos tentando identificar se conhecia ele de algum lugar.

Não conhecia.

– É para não atrapalhar quem quer dançar.

– Imagino que sim. Vamos dançar a próxima?

– Não, obrigada.

– Começando agora? – ele perguntou. Niara não conseguia parar de olhar para ele. Era tão bonito. Tinha os olhos bem escuros, assim como o cabelo, um *black power* grande que circulava sua cabeça. Usava uma blusa preta e uma calça jeans clara. Seu braço parecia forte e definido, mas ele não era musculoso demais. Niara automaticamente pensou como ele deveria ser por baixo da roupa.

– Não, eu danço há anos. Mas hoje estou aqui para olhar.

– Olhar? – ele olhou desconfiado para ela, colocando a mão na cintura. – Ninguém vai para um baile de gafeira para olhar. Só quem não tem par, mas você tem. – Ele estendeu a mão novamente, abaixando um pouco o corpo, pedindo permissão. – Não se preocupe, não vou fazer você passar vergonha.

– Olha, eu gostaria muito, mas é que eu não estou podendo dançar agora.

– Hum... Tudo bem. Então vou fazer uma última tentativa. Se eu acertar qual vai ser a próxima música que o DJ vai tocar você dança comigo? Se eu errar, deixo você em paz. Prometo.

– Combinado. – Antes que pudesse perceber, já tinha concordado. Então se deu conta da situação. E se machucasse mais ainda seu pé recém recuperado e fosse parar no hospital de novo? E se passasse a maior vergonha da sua vida caindo na frente de todo mundo? E se o seu tênis não fosse bom o suficiente para fazer um *picadilho*? Tinha realmente dito sim para esse cara só porque ele era bonito?

– Então... A minha aposta de próxima música que vai tocar é *Joia Rara*. – Ele disse, segundos antes da música que estava tocando acabar. Niara esperou o DJ escolher a próxima música com o coração na mão. Ele parecia confiante demais. Será que era amigo do DJ? Se bem que o DJ estava tocando músicas bem lentas ainda e dificilmente ele iria mudar o repertório para uma música um pouco mais animada como essa. A não ser que ele já tivesse combinado com o DJ antes. Niara conhecia a música que ele tinha sugerido. Era uma das suas favoritas, e a que mais escutava quando começou a dançar.

Em meio a pensamentos ansiosos, a introdução da música começou a tocar. Niara ficou arrepiada quando escutou as batidas de *Joia Rara* saindo pelos alto-falantes do baile. Virou para o rapaz que a esperava sorrindo, quase gargalhando com seu espanto e viu sua mão estendida para ela.

– Você prometeu. – Ele falou. Inconformada, com medo e ao mesmo tempo feliz por ter a oportunidade de dançar, ela segurou a mão dele. Os dois se abraçaram lentamente. Ele enrolou seu braço esquerdo nas costas dela e ela segurou o ombro dele com seu braço direito. O encaixe foi automático. Sentiu um pouco da barriga dele na sua, mas estava confortável. Os dedos da mão esquerda dele seguravam com firmeza a sua costela e só isso fez Niara perceber que ele era um dançarino profissional. Só alguém com bastante conhecimento sabe abraçar dessa forma.

A primeira vez que o sol brilhou na terra

E a sua luz beijou o mar

Foi pra celebrar você

Minha joia, minha identidade

Meu estado de felicidade

Só depende de você

A voz do Walmir Borges preencheu o salão. Niara era apaixonada por essa música. Seu ritmo era lento no início e animava logo em seguida; perfeita para entrar

no ritmo aos poucos, pegar confiança nos passos e depois se soltar. Conforme a música ia tocando, os dois dançavam em direção ao centro do salão.

Niara sentiu um frio na barriga intenso, parecido com a sua primeira vez dançando em um baile. O rapaz que a segurava começou a balançar, de um lado para o outro, uma perna encaixada no meio de suas pernas, conduzindo-a no passo mais básico do samba de gafeira: o balanço. A condução era tão leve que Niara esqueceu por um segundo que seu tornozelo estava em recuperação. Apenas se concentrou na música e fechou os olhos.

*Ontem sonhei que o teu amor era meu
E estava tudo em seu lugar
Pela manhã a ilusão se perdeu
E deu vontade de ligar e gritar
Que hoje eu acordei e não pensei em nada além
Do que encontrar você*

– Qual é o seu nome? – ela perguntou, abrindo os olhos. A música começou a ficar rápida no refrão, mas ele não acelerou os passos. Manteve o ritmo do início, calmo e cadenciado. Ele não era o tipo de dançarino que gostava de fazer passos grandes ou muito distantes do corpo. Desde que tinham se abraçado ele não separou o seu tronco do dela. Dançavam colados, apenas mexendo as pernas e os pés. Sua bochecha encostava na lateral da testa dela, portanto não se olhavam, apenas sentiam a respiração um do outro.

– Liam.

– William?

– Não, Liam. Sem o “W” e o “i”. – Ele riu. Niara pode sentir o abdômen dele contraindo na hora do riso. – E o seu?

– Niara.

– Naiara?

– Não, Niara

– Niara? N-i-ara?

– Isso! – Deu uma risada. – Acho que nossos pais apelaram nos nomes.

– Nem me fala. O que significa o seu nome?

– Não sei. Só sei que é um nome indígena. Minha mãe me disse uma vez quando era pequena. Como você sabia que essa música ia tocar?

– Eu não sabia.

– Que mentira.

– É verdade... Bom, para ser sincero, eu sabia de uma maneira intuitiva.

– Intuitiva?

– Aham... Eu venho quase sempre para *Cachanga* e já reparei no padrão de repertório musical. Eles sempre tocam essa música depois de algumas *lentinhas* para o baile começar a esquentar. – Ele a virou de repente em um giro e Niara se assustou. Foi a primeira vez que seu tronco descolou do dele. Seu pé vacilou um pouco, pois não estava tão ágil como antes, mas Liam a segurou com a cintura com firmeza antes que ela pudesse se desequilibrar e a puxou de volta para o corpo dele.

– Entendi. Então você mentiu para mim mesmo. – Niara voltou a encostar a lateral de sua testa nas bochechas de Liam. Respirou aliviada ao voltar para o abraço seguro dele. Nessa posição, conseguia sentir seu perfume e olhar de relance para as suas costas, definidas atrás da blusa preta. Sentia a escápula dele se movimentando na palma da sua mão, ao segurar as suas costas com firmeza para se equilibrar.

Minha cara joia rara, pérola!

Ah, eu preciso de você

Hoje eu acordei e não pensei em nada além

Do que encontrar você

Minha cara joia rara, pérola

Ah, eu preciso de você

– Eu não menti para você. – Liam respondeu após um tempo. – Só usei meus conhecimentos de repertório musical a meu favor.

– É, entendi, mas se eu soubesse disso não teria aceitado dançar com você.

– Eu sei. – Ele deu uma risadinha, jogando a cabeça para cima e desconectando seu rosto do dela por um segundo. – Mas me diz, Ni-ara, por que você não queria dançar?

– Ah, porque eu... Ai! – bem no meio de um passo, Niara sentiu uma dor aguda no tornozelo machucado. Liam parou automaticamente a dança e a olhou arregalando os olhos – Meu tornozelo acabou de ser fraturado.

– O quê?!

– Calma, eu não fracturei agora. – Niara se afastou e abaixou o corpo para tentar pressionar com os dedos seu tornozelo, mas continuou segurando a mão dele. – Eu disse que o motivo de não querer dançar é porque meu tornozelo acabou de ser fraturado, tem uns 2 meses.

– Por que você não me contou *isso*?!

– Eu falei que não podia dançar.

– Mas eu jamais ia imaginar uma coisa dessas. Se não teria deixado tu quietinha no teu canto.

– Ah, então a culpa agora é minha?

– Não foi isso que eu quis dizer. Vamos, vem cá. – Ele puxou a mão de Niara para cima, fazendo ela voltar a posição normal e passou o braço pelas suas costas, ajudando-a a caminhar. Direcionou ela para uma das cadeiras de plástico brancas vazias do baile e pediu um minuto, sumindo de vista.

Niara sentiu seu tornozelo latejando e um arrepio subiu pela sua espinha. Será que ela tinha machucado ele de novo? Não era a mesma dor que tinha sentido da primeira vez que quebrou, então pelo menos a fratura não abriu. Ficou pressionando com os dedos o centro do seu tornozelo, tentando aliviar as pontadas e, minutos depois, Liam apareceu com um saco transparente enrolado com pedrinhas de gelo dentro e um copo de cerveja.

– O gelo é para o seu tornozelo. A cerveja é para você. – disse, sentando-se em uma cadeira ao lado dela. – Por experiência própria, após alguns copos de cerveja você nem vai mais sentir dor nenhuma.

– Primeiro me forçou a dançar, agora quer me embriagar. Estou começando a ficar com medo de você, “William”.

– Não começa a me chamar assim. – ele levantou o dedo indicador na altura do seu rosto, franzindo as sobrancelhas. Niara deu uma gargalhada, mas logo depois parou e gemeu de dor com mais uma pontada no tornozelo. – O que rolou com seu tornozelo, moça?

– A história é bem longa...

– Eu não estou com pressa.

– Não, que isso. Vai dançar. Outras damas estão esperando um cavalheiro que dança bem como você.

– Eu danço quase todo dia. Prefiro ouvir a sua história. Claro, se você quiser contar. – Ele deu de ombros e olhou nos olhos dela. Estavam em uma mesa no cantinho do baile, que inclusive encheu de forma assustadora. As músicas que agora tocavam eram bem agitadas e Niara podia ver que o baile tinha ficado fervoroso, cheio de casais dançando, suados, girando pelo salão para não trombarem sem querer um no outro. O cheiro de perfume, suor e lavanda de sempre estava ainda mais forte e a energia contagiava Niara. Queria muito poder levantar, voltar para o centro do salão e dançar até suas pernas ficarem bambas. Olhou de lado para Liam tentando decidir se desabafava a sua história com um desconhecido que acabara de conhecer e que por acaso estava atraída por ele.

Não era muito boa de flertar, mas definitivamente falar sobre o seu trauma não era a melhor forma de conquistar um cara na balada.

– Não vou estragar a sua noite com a minha história.

– Ah, qual é! Eu estou morrendo de curiosidade. Você é *muito* misteriosa.

– Eu não sou misteriosa – Niara começou a rir – Só não quero pesar o *rolê* com uma história nada legal como essa. Você merece se divertir, dançar. Afinal, você veio aqui para isso, né?

– Tudo bem. Não vou te pressionar, acho que pressionei o suficiente por um dia.

– Obrigada, William.

– *Liam!* – ele reclamou, e ela riu de novo. Os dois ficaram em silêncio. Niara achou que ele fosse se levantar e ir atrás de outra pessoa para dançar. Já tinha ajudado ela com o gelo e com a cadeira, não precisava mais ficar ali, mas ele não saiu do lugar. Após alguns minutos de silêncio, Niara começou a estalar os dedos das mãos e dar leves batidinhas no chão com o pé não fraturado. Liam permanecia sério, observando os casais dançando. Parecia não ter a intenção de sair dali tão cedo. Niara foi ficando cada vez mais desconfortável, então respirou fundo e fechou os olhos.

– Eu fracturei meu tornozelo ensaiando com meu ex-parceiro de dança uma coreografia que iríamos apresentar no *Samba Mundo*, uma competição de samba de gafieira lá em São Paulo, sete dias antes da apresentação. Estávamos dançando muito rápido e sem querer eu escorreguei e ele pisou em cima do meu tornozelo. Ele quebrou na hora. Doeu tanto que eu desmaiei e só acordei no hospital. Fiquei 2 meses em casa, com gesso, tomando analgésico para dores e mal podendo andar. Perdi a

apresentação que estava ensaiando há 6 meses direto e meu emprego de professora de dança. E é bem possível que minha carreira tenha acabado, já que para meu pé voltar ao normal ele precisa de uma cirurgia caríssima que não tenho condições de pagar. – Niara despejou tudo de uma vez, abrindo os olhos e olhando para frente. Sentiu Liam virando o rosto para encará-la, mas ela não conseguiu olhar para ele. Continuou observando os casais dançando na pista de dança.

– Hã... Uau... – Liam balbuciou, em choque.

– Eu disse que ia pesar o *rolê* contar essa história. Enfim, obrigada por me trazer gelo e cerveja. Você tinha razão. Eu quase não estou sentindo mais nenhuma dor. Já vou indo – Arrependida por ter despejado tudo o que tinha acontecido com ela, Niara se levantou calmamente da cadeira, mancando um pouco por causa do tornozelo machucado e caminhou para saída do baile. Assim que saiu de dentro da *Cachanga*, sentiu o vento fresco da madrugada no seu rosto. A rua estava um pouco vazia, mas ainda podia-se ouvir risadas e barulhos de pessoas nas esquinas. Balançou a cabeça negativamente, suspirando e abriu a bolsa, procurando o celular. O segurança da entrada já não estava mais ali. Será que ainda dava para pedir um Uber? Enquanto vasculhava a sua bolsa procurando o celular, sentiu uma mão pousar em cima do seu ombro.

– Ei. – Liam apareceu do seu lado. Agora que estavam fora do baile conseguia enxergá-lo com mais clareza. – Quer dar uma volta?

– Agora?

– Sim, o que que tem?

– É que eu já estava indo pra casa.

– Depois eu te deixo lá. Onde você mora?

– Na Tijuca.

– Fechou. Você gosta de beber drinks? Tem um bar ali do lado que eu adoro ir.

– Sim.

– Então vamos? Consegue andar? – Quando ela assentiu com a cabeça, Liam começou a caminhar na frente de Niara. As duas mãos estavam enfiadas no bolso da frente da calça jeans clara que vestia. O vento jogou o seu perfume na direção dela, que sorriu com os lábios fechados ao sentir o cheiro. Começou a caminhar também, tomando cuidado para não pressionar o pé machucado com força no chão. Não sabia para onde estava indo, mas não conseguia dizer não para esse cara. Ele tinha um

jeito hipnotizante de convencê-la a fazer qualquer coisa. Primeiro a dançar, segundo a falar sobre o seu acidente (algo que até agora não tinha entendido o porquê de ter falado tanto) e, terceiro, a ir em um bar no meio da madrugada. Liam conseguia distrair ela dos seus pensamentos e ansiedades – e isso já era motivo para ela se sentir à vontade, tranquila e até um pouco segura com ele.

Andaram algumas ruas em silêncio. Liam estava andando na frente, mas olhava para trás de vez em quando para se certificar de que ela estava seguindo. Aos poucos, foi reduzindo a velocidade dos passos para que Niara o alcançasse e por fim andavam lado a lado. Ele tirou uma das mãos do bolso da calça e levantou o braço para abraçar Niara pelos ombros, puxando-a para perto dele. Ela não disse nada. Apenas encostou em seu corpo. Continuaram andando por alguns minutos até chegarem na frente de uma porta de madeira azul escura aberta, com uma escadaria toda preta com luzes brancas nas laterais.

– Chegamos!

– Que lugar é esse?

– Você vai ver. – Ele disse, empurrando com delicadeza Niara para frente, pois só cabia uma pessoa por vez. Ela passou na frente dele e começou a subir as escadas com cautela. Olhou para trás e viu ele sorrindo e balançando a cabeça, indicando-a a continuar subindo. Ao chegar no final da escada uma bilheteria com duas moças atrás de uma cabine igualmente preta apareceu. Liam chegou perto da bilheteria e falou com as moças da entrada alguma coisa que Niara não escutou, mas viu que elas deram para ele um cartão branco que parecia ser uma comanda de consumação. Ele tirou do bolso uma carteira e entregou para elas uma quantia de dinheiro. Niara ficou no vão entre a bilheteria, a escada que acabaram de subir e um portal também preto que aparentemente dava acesso ao bar. Olhava de um lado para o outro, ansiosa e um pouco nervosa.

Após ele pagar a entrada, passaram pelo portal e entraram finalmente no *pub*. Niara se surpreendeu com o charme do local. Era pequeno e aconchegante, como a *Cachanga*, mas no lugar da pista de dança do baile, várias mesas redondas com cadeiras acolchoadas em volta cobriam o ambiente. O bar era bem destacado por um balcão reluzente e várias garrafas de bebidas iluminadas por lustres dourados e espelhos que refletiam a luz. As paredes do pub eram decoradas por quadros gigantes com imagens de mulheres negras com cabelo afro, tranças e roupas coloridas. Niara ficou hipnotizada com toda a estrutura do lugar. Era uma mistura de sofisticado com

artístico. Ao mesmo tempo que se sentia em um bar chique pelas mesas com sofás e um balcão com drinks sofisticados, sentia-se em um museu de arte com os quadros e os desenhos nas paredes ao redor. Viu pessoas sentadas em grupos, sozinhas e casais. Algumas pessoas bebiam drinks de diversas cores no balcão com banquetas amarelas e pretas. Adorou toda a energia do lugar, principalmente a música que tocava: uma mistura de hip hop e uma batida de trance que fazia Niara querer se movimentar.

– Meu Deus, que lugar!

– Gostou?

– Eu amei! De onde você conhece?

– É um bar de um amigo meu. Eu o ajudei a decorar o ambiente.

– Mentira!

– É verdade. Fizemos essas fotos dos quadros juntos na época da faculdade.

Aliás, eu não me apresentei direito para você, mas eu sou músico e artista plástico.

– E dançarino. – Niara completou. Liam riu, colocando uma das mãos no bolso da calça jeans e encolhendo os ombros.

– É, eu danço. Mas eu não ganho dinheiro para fazer isso como você. – Liam ficou de frente para Niara. – Vamos beber?

– Vamos. – Liam levou Niara para o balcão do pub. Sentaram-se em uma das banquetas, em um canto mais distante da maioria das pessoas e do barulho para conseguirem conversar. Niara não conseguia parar de olhar ao redor, de tão admirada. Liam que escolheu seu drink, pois estava tão empolgada observando todos os detalhes, que mal respondeu quando ele perguntou o que ela queria beber. Apesar de ser tarde da noite, o bar ia enchendo cada vez mais. Porém, percebeu que a grande maioria das pessoas que frequentavam o bar eram negras, assim como ela e Liam.

– Por que só tem pessoas negras aqui? – Niara pensou em voz alta. Liam olhou pra ela confuso. – Foi mal, acabei pensando alto demais.

– Não tem problema. Aqui é um afro-pub. Um bar dedicado a cultura negra. Não é à toa que toda a decoração é com pessoas negras. As fotos, os desenhos... A ideia é atrair mais pessoas negras para cá.

– Mas por quê?

– Você não se sente à vontade frequentando lugares onde a maioria das pessoas são como você?

– Acho que nunca parei para pensar nisso. – falou. – Mas faz sentido.

– Sim, faz muito sentido. Aqui está sua bebida, é um mojito de morango.

– Huum! Obrigada.

– De nada.

– Achei esse lugar *super sexy*. As mulheres que frequentam aqui são lindas de morrer.

– Concordo. – Liam levantou o seu drink, que também era um mojito de morango para brindar com Niara. Ela levantou seu copo também e os dois encostaram rapidamente em um brinde. Ela deu um gole pequeno, para provar o gosto da bebida. Não era muito forte para álcool, então precisava ir com calma. Em comparação, Liam deu um gole tão grande que o líquido do copo chegou na metade

– Alguém está com sede, hein...

– Onde está o seu ex-parceiro nessa história toda?

– Hã?

– O cara. Que pisou no seu pé e quebrou seu tornozelo.

– Ah... tá. – Niara franziu a sobrancelhas. Achou que ele tinha esquecido completamente a história. – Ele arrumou outra parceira dois dias depois e apresentou do mesmo jeito. Não tive mais notícias.

– Você só pode tá brincando. – Liam balançou a cabeça em reprovação, bebendo outro gole da bebida.

– Não, é verdade. – Niara suspirou, abaixando a cabeça e passando o dedo indicador pela superfície do copo de vidro cheio de mojito. – O Alexandre... Ele é muito bom, é um dos melhores dançarinos do Rio. Foi uma grande conquista ter tido ele como parceiro, e só por causa dele eu tive a chance de ir para essa apresentação. Ele não podia jogar tudo para o ar por causa do meu acidente, sabe?

– Você fala como se o acidente fosse só culpa sua. O cara quebrou seu pé, Niara. E te substituiu dois dias depois. Ele pelo menos te procurou para saber como você estava? Você tinha falado pra ele que seu acidente foi sério?

– Não, pelo contrário, ele... peraí. Por que você voltou nesse assunto do nada? – Niara deu um sorriso vacilante, olhando com as sobrancelhas arqueadas para Liam, que já tinha finalizado sua bebida e estava pedindo outra. – Deixa isso para lá, ficar com raiva dele não vai mudar em nada a minha situação. Você quis saber do acidente e foi isso. É meio deprimente, eu sei, mas não tem como mudar. Fiquei dois meses isolada para poder entender isso.

– Não é deprimente, é a sua história. Não sabia que você era uma dançarina tão importante assim.

– Eu não sou.

– Claro que é. Um acidente não apaga tudo o que você construiu até aqui. Você dança muito bem, eu vi com meus próprios olhos e senti quando dançamos juntos. – Ele falou, sussurrando as últimas palavras. O coração de Niara acelerou quando viu o rosto dele se aproximar do dela. Prendeu a respiração quando percebeu que ele a beijaria, mas Liam apenas sorriu com os lábios fechados e se afastou, terminando de beber o seu drink em outro golão. Niara soltou a respiração. *“Ele tá me testando? Ou será que está me zoando?”*, pensou.

– Vou no banheiro. – disse e levantou as pressas. Liam olhou para ela preocupado, mas não disse nada; apenas observou com o canto do olho Niara praticamente correr para o banheiro do bar. Quando finalmente entrou no banheiro feminino, se olhou no espelho pela primeira vez naquela noite. Apesar do calor, sua maquiagem ainda não tinha derretido. Seu batom vermelho estava intacto na boca, mas as mechas já estavam desmanchadas assim como o coque do seu cabelo que começava a desfazer. Pegou o celular na bolsa e olhou as horas: já eram 3h da manhã e estava em um bar desconhecido com um cara igualmente desconhecido bebendo mojito de morango.

A ficha caiu.

Como foi parar ali? Tinha saído de casa de só para ver algumas pessoas dançarem. Planejou voltar no máximo meia noite, comer uma comida chinesa e dormir. Jamais imaginou que estaria no banheiro de um pub, frustrada demais por não beijar um cara com que tinha flertado a noite toda – se é que poderia chamar o que fez de flerte. Será que estava imaginando coisas? Será que ele só ficou com pena dela por causa da história do seu tornozelo e a trouxe para cá só para distraí-la? Enquanto remoía na sua mente diversas hipóteses e sentimentos sobre Liam, um grupo de mulheres entrou no banheiro, conversando e gargalhando alto. Niara observou as mulheres, todas negras, altas e magras, com cabelos de diferentes texturas e cores. Sentiu-se acuada ali, sozinha e deslocada, enquanto o grupo de mulheres se maquiavam, conversavam e usavam o banheiro.

Alguma coisa a inquietou, mas não sabia o que era. Intimidada pelo impacto que essas mulheres a causaram, Niara apenas lavou as mãos e saiu do banheiro.

– Tudo bem por aí? – encontrou Liam parado na frente da porta do banheiro feminino, aparentemente preocupado com o sumiço repentino dela. – Quer ir embora?

– Tudo bem, sim. Não quero ir embora. Vou terminar meu drink primeiro. – Ela sorriu. Liam também sorriu e deu a mão pra ela. Voltaram juntos para o balcão e continuaram a beber. Quando Niara terminou o mojito, decidiu beber um drink com gin. Ao perceber que tinha tocado em uma ferida muito aberta, Liam mudou de assunto e não falou mais sobre a história do seu tornozelo. Perguntou sobre sua vida, onde morava, sobre seus pais e também contou um pouco sobre ele.

Não sabia se era o álcool fazendo efeito após apenas dois drinks, mas sentia um fascínio por tudo o que ele falava. Descobriu que ele tinha feito faculdade de música e artes plásticas na Universidade Federal do Rio de Janeiro e apesar de ter conseguido oportunidades de emprego muito rápido, não quis sair da favela onde morou desde que nasceu. Ao invés disso, abriu junto com mais 4 amigos um Centro Cultural para crianças da favela que estavam na escola, com o objetivo de evitar que elas fossem para o tráfico. Em pouco tempo o centro cresceu muito e ele começou a receber propostas de parcerias de ONGS e patrocínios de investidores e empresas que apoiavam o projeto. Hoje ele vivia exclusivamente da arte e da cultura, como sempre quis.

Dançava apenas por hobby e de vez em quando tocava em alguns bares por diversão, mas sua maior paixão mesmo era dar aula e cuidar das crianças do seu Centro Cultural. Quando Niara perguntou de onde nasceu essa paixão toda para artes, ele prontamente respondeu de sua família, inteira de artistas. Quando falava, podia ver seus olhos brilhando de orgulho e admiração por seus pais, irmãos e família.

– Uau... – ela disse, terminando de ouvir uma das histórias de Liam.

– O quê?

– A sua história. Você sabe que é muito raro isso que você viveu, né? Essa família que te apoia a seguir carreira artística. Na minha casa foi bem diferente.

– Sim, eu faço ideia. Já ouvi muitas histórias de amigos que tiveram que brigar com os pais ou até mesmo fingir que trabalhavam ou estudavam outra coisa mais “séria”. Como se arte fosse um hobby ou coisa de vagabundo. – Balançou a cabeça.

– Você chegou a brigar com seus pais ou algo assim quando decidiu dançar?

– É, mais ou menos isso. Hã... Acho que estou bêbada. – Niara cerrou os olhos e deu um soluço, gargalhando em seguida.

– Se você estivesse bêbada de verdade não falaria isso. – disse – Mas já podemos ir embora. Eu te deixo na sua casa. De Uber. Estou sem condições de dirigir. – Os dois se levantaram do balcão cambaleando e rindo de sua própria embriaguez. Liam colocou seu braço nos ombros de Niara e a puxou para si. Andaram juntos para o mesmo local da entrada e desceram as escadas após Liam pagar o cartão de consumação na bilheteria.

– Você é um cara legal. Você pagou meus drinks hoje. Gostei. Principalmente do mojito de morango. Acho que deveria ter bebido mais um. – Niara soluçou novamente. Tudo rodava em sua cabeça, então ela ficou de frente para o corrimão da escada, segurando-o com firmeza e descendo devagar. – Da próxima vez eu te pago um mojito de morango de volta.

– Não esquenta com isso. – Liam segurava o ombro de Niara atrás dela, torcendo para que ela não escorregasse ou caísse. Quando finalmente pisaram na calçada, as ruas do bairro estavam silenciosas. A lua já estava indo embora dando espaço para o sol aparecer e clarear a cidade inteira. Niara e Liam riam e tropeçavam no meio da rua, bêbados demais para pedirem um Uber com rapidez. Quando finalmente conseguiram entrar dentro de um carro e foram em direção a casa de Niara, Liam a beijou no banco de trás.

6.

Assim que Niara abriu os olhos, sentiu como se um tijolo tivesse caído em sua cabeça. A dor era latejante e mal a deixava abrir os olhos. Mesmo assim, fez um esforço para levantar a cabeça, pesada e dolorida da ressaca do dia anterior, e descobrir onde estava. Reconheceu seu apartamento bagunçado como de costume. A pouca luz que entrava vinha das frestas abertas das cortinas da sala e da janela do banheiro. Olhou ao redor e viu Liam ao seu lado na cama dormindo, coberto unicamente por um lençol amarelado, o mesmo que o dela. Olhou para si mesma e viu que estava completamente nua. Suas roupas e as de Liam estavam jogadas pela cama e pelo chão do apartamento.

Ela arregalou os olhos, em choque. Não lembrava de absolutamente nada após terem entrado no Uber. A última coisa que se lembrava era de Liam tê-la finalmente beijado assim que entraram no carro. Inclusive, foi um beijo maravilhoso. Lembrava claramente da sensação quente e gostosa do beijo dele, com gosto cítrico dos vários drinks que tinham bebido. Depois disso, nada. Assustada, confusa e nervosa, Niara levantou-se da cama, com cuidado para não acordar Liam e correu para o banheiro, fechando a porta.

Enquanto abria a torneira da pia e lavava o rosto, procurou a melhor forma de lidar com a situação. O que iria dizer quando ele acordasse? Mandaria embora? Faria um café da manhã e o convidaria para ficar? Será que ele se lembrava de tudo e ficará ofendido se ela disser que não se lembra de nada? Meu Deus, será que teria que fingir que se lembra do que aconteceu para não magoar ele? E se só tiverem dormido? Estavam tão bêbados que era bem provável que tivessem apenas tirado a roupa e decidido dormir.

“Nem eu acredito nisso...” Niara pensou, agradecendo a Deus mentalmente quando viu um roupão pendurado na porta do seu banheiro. Pegou-o e cobriu-se. Sua cabeça ainda latejava e ela só queria tomar um analgésico, voltar para a cama e fingir que nada tinha acontecido.

Quando saiu do banheiro, Liam estava sentado na beirada da cama com a mão na cabeça. Usava o lençol para cobrir suas partes íntimas, mas Niara conseguia ver suas costas definidas, seus ombros e braços expostos. Segundos após ela sair do banheiro, Liam olhou para trás e a viu.

– Oi. Bom dia. – Ele disse. Parecia igualmente constrangido. *“Ele não se lembra de nada também?”*

– Bom dia. Minha cabeça está explodindo. – Niara riu de nervoso. – Quer um analgésico?

– Aceito.

– Se quiser usar o banheiro também... Vou pegar uma toalha para você.

– Obrigado. – Liam abaixou para pegar sua calça e saiu debaixo do lençol, jogando-o para o lado e ficando todo despido. Levantou-se calmamente da cama e jogou as pernas para dentro da calça. Niara não conteve o seu olhar para todo o corpo de Liam. Fazia anos desde a última vez que dormira com alguém. Tanto que até se envergonhava em pensar na sua performance na noite anterior. O fato de não lembrar

de nada piorava ainda mais a situação, pois não sabia o nível de vergonha que deveria sentir dele por causa disso.

Entregou uma toalha limpa para ele e, quando Liam entrou no banheiro, Niara correu arrumar minimamente sua quitinete bagunçada. Quando escutou o chuveiro sendo ligado, aproveitou para lavar a pilha de louça da cozinha e guardar tudo que estava fora do lugar.

– Eu sou a pessoa mais imunda da face da terra. – falou para si mesma, ao olhar com mais clareza a bagunça que estava o seu apartamento. Nem se lembrava da última vez que tinha feito uma limpeza de verdade na sua casa.

– Eita, você deu uma geral aqui. – Escutou a voz de Liam e olhou para trás. Ele vestia a sua calça jeans clara e usava a toalha para secar os cabelos. Seu *black power* tinha desaparecido, dando lugar a um amontoado de cachos molhados e contidos acima de seu ombro. O cheiro do xampu de frutas vermelhas que Niara deixava no box do banheiro e que estava no finalzinho preencheu o quarto inteiro.

– É, infelizmente não a tempo de você ver melhor o meu *jeitinho* bagunceiro. – respondeu, saindo de perto da pia da cozinha e segurando um pano para secar as mãos. Liam sorriu com os olhos e foi até a cama pegar o resto de sua roupa. Vestiu a camiseta preta do dia anterior e deixou a toalha em cima da cama enquanto calçava seus sapatos.

– Tem uma padaria aqui perto?

– Tem. Bem aqui embaixo. Do outro lado da rua.

– Então vou ali comprar alguma coisa pra gente tomar café. – Liam levantou-se e foi em direção a porta da frente, saindo do apartamento e fechando a porta atrás de si.

– Estranho... – Suspirou aliviada quando percebeu que estava finalmente sozinha. Apesar de saber que ele voltaria em poucos minutos, deitou na cama de barriga para cima e olhou para o teto. Não sabia o que estava realmente sentindo. Queria tanto beijá-lo na noite anterior, tinha ficado atraída por Liam desde o primeiro momento que o viu. Adorou o bar, a companhia dele, o acolhimento e o interesse pela sua história. Mas agora, que já era outro dia e estava com dor de cabeça e agonia por não se lembrar de nada, só desejava que ele fosse embora para que ela colocasse as ideias no lugar.

Respirou fundo e levantou-se da cama. Aproveitou que ele tinha saído para tomar seu banho um pouco mais relaxada e colocou uma roupa confortável. Quando

estava na cozinha passando um café, Liam chegou abrindo a porta sem avisar, totalmente à vontade. Estava com um saco de pães, biscoitos e mais guloseimas da padaria. Ele já estava mais acordado e começou a conversar, entrando na cozinha de Niara e preparando um café da manhã completamente tranquilo, até mesmo animado. Aos poucos, mais pelo jeito empolgado e extrovertido de Liam, Niara relaxou. Tomaram café juntos, conversaram e Liam até a beijou na testa quando se levantou para pegar mais café preto, demonstrando um carinho repentino que ela não esperava.

– Bom, obrigada pelo café e pela sua maravilhosa hospitalidade, mas eu já vou tenho que ir – disse, colocando as mãos nos bolsos da calça para conferir se estava esquecendo alguma coisa e olhando ao redor.

– Já? – Niara falou, com tom de desapontamento.

– Já. Mas eu queria te fazer um convite. – Ele chegou perto de Niara, que estava em pé na bancada da cozinha terminando de comer seu pão torrado com ovos e a puxou para perto dele, abraçando-a pela cintura e ficando com o rosto perto do dela. – Eu queria levar você lá no meu centro cultural, se você quiser ir, é claro. Acho que seria bacana você dar uma olhada nas aulas de dança das crianças. Elas dançam mais danças urbanas, como hip hop, mas acho que se interessariam também por dança de salão.

– Claro, eu adoraria conhecer. – Ela respondeu. Liam sorriu e beijou Niara para se despedir. – Só acho que você devia pegar meu número se quiser que a gente se veja de novo. – Os dois riram e Liam sacou o celular do bolso, anotando o número de Niara e se despedindo novamente. Ela o levou até a porta e o viu sumir de sua vista pelas escadas do seu prédio.

Ao fechar a porta, feliz e levemente apaixonada, correu para a cama e pensou em quem poderia contar sobre a noite passada. Quando desbloqueou o celular para enviar uma mensagem para Luana, viu uma mensagem de dona Menezes, a dona do apartamento em que alugava, recebida às 22h da noite anterior.

“Oi, Niara, tudo bem? Já se passaram mais de 3 meses desde o último aluguel que você pagou. Se até segunda-feira eu não receber o depósito infelizmente eu terei que solicitar a sua saída do apartamento. Aguardo seu retorno o mais breve possível. Abs.”

7.

Seguiu o endereço recomendado por Liam e em 25 minutos já estava chegando no bairro Santa Teresa e subindo o Morro dos Prazeres, favela onde Liam cresceu e onde mora até hoje. Lembrava vagamente da sua mãe ter falado sobre essa favela, mas Niara nunca tinha ido lá. Sabia que eles nasceram e cresceram em uma favela mais pobre do Rio de Janeiro. Quando ainda era criança, Niara perguntou para o seu pai por que eles nunca quiseram que ela fosse visitar o resto da família, mas eles diziam que não tinham mais contato com ninguém e que não valia a pena. E, ainda que não entendesse muito bem até hoje o que isso significava, Niara não perguntou mais.

Na adolescência, chegou a ir com algumas amigas em bailes e festas em favelas mais afastadas do centro. Sempre, claro, escondido dos seus pais, pois sabia que eles ficariam revoltadíssimos se soubessem. Lembrou-se com pesar do quanto mentiu para eles durante a sua adolescência inteira e até a fase adulta, quando se interessou pela dança de salão. Mas seja pelo cansaço de mentir, seja por ter internalizado de alguma forma que tinha que ficar longe dos morros, naturalmente se distanciou desses bairros.

Conhecia muito pouco e precisou pesquisar antes de sair de casa para saber como chegava na favela de Liam. Leu em um site que o Morro dos Prazeres era uma favela bem turística, pois de lá podia-se ver o Pão de Açúcar e a Baía de Guanabara, além do Aterro do Flamengo e a Torre Central do Brasil. Sabendo que o bairro Santa Teresa ficava a poucos minutos de onde morava, Niara pediu um Uber pelo seu aplicativo no celular.

Quando estava chegando perto da entrada da comunidade, o motorista do aplicativo avisou para Niara, indicando alguns pontos marcantes para ela observar. Bem no início podia-se ver o Casarão, um edifício construído em 1920, que atualmente abriga um centro cultural com aulas para crianças e adolescentes. Niara sorriu com a explicação do motorista. Era realmente uma casa gigante, com as paredes vermelhas e portas e janelas de madeira, além do telhado clássico de casarões antigos, com tijolinhos amarelados. Além disso, logo adiante do caminho podia-se ver grafites variados e mirantes que Niara ficou doida para ver a vista.

Em poucos minutos, tinham chegado no endereço que ele enviou por mensagem 4 horas antes do horário combinado. O Centro Cultural de Liam e dos seus 3 outros sócios se chamava Raízes. Era um prédio de dois andares, cinza, com janelas brancas. A fachada do prédio era toda preenchida por desenhos, grafites e pichações de vários estilos e cores. Tinha desenhos de humanos e animais e uma grande faca rosa foi desenhada do chão até quase o primeiro andar, passando por toda a lateral do prédio e chegando à janela branca do andar superior, como se quisesse arrancá-la de lá. Niara imaginou que quem tinha desenhado deveria ter sido os alunos ou os professores do Centro e ficou observando por alguns minutos depois que saiu do Uber, completamente imersa nas narrativas e histórias presentes em cada rabisco, pichação ou desenho artístico da fachada do prédio.

– Há quanto tempo você está aí? – escutou a voz de Liam chegando perto dela e olhou para o lado. Ele estava vindo em sua direção. Dessa vez usava uma bermuda marrom e uma camisa preta de colas curtas com botões alaranjados. Seu cabelo estava todo penteado para trás, preso em um pequeno coque. Niara sorriu com a presença dele. O perfume que ele usava já estava começando a ficar na sua memória. Os dois se abraçaram e Liam deu um beijo em sua bochecha, segurando-a pela mão e puxando ela para a entrada do Centro.

Se por fora já era lindo, a parte de dentro era impressionante. Niara ficou ainda mais surpresa quando viu salas preenchidas por crianças de várias idades. As salas eram todas de vidro, mas a acústica era tão boa que ela não escutava nada o que estava acontecendo lá dentro, apenas via de fora. Conduzida por Liam, olhava tudo e todos. As paredes por dentro eram decoradas com murais, quadros e desenhos. Algumas estavam apenas pintadas em cores diferentes. Avistou um corretor destacado dos demais, com portas de madeira escrito “secretaria” e “administração” e imaginou que fosse ali que os adultos trabalhavam. Passou por um espaço aberto, onde pôde ver a entrada de um campo de futebol e logo em seguida um vestiário. Percebeu que algumas crianças corriam para dar tchau para Liam pelo vidro das salas assim que o viam passando pelo corredor principal junto com Niara.

– Titio Liam. Quem diria! – ela falou. Pôde ver o sorriso de orelha a orelha de Liam quando ele virou a cabeça para olhá-la. – Que amor de lugar, Liam. Fiquei até emocionada.

– Eu sei. A gente fica mesmo. A maioria dessas crianças são de favelas vizinhas também. Muitas perderam os pais ou vêm de uma família bem pobre. Alguns nem para escola conseguem ir.

– É maravilhoso que isso aqui exista.

– Já conhecia esse bairro?

– Você diz a favela? – Liam assentiu – Eu confesso que só ouvi falar muito dela, mas nunca cheguei a visitar.

– É, Prazeres é uma favela bem famosinha aqui no Rio. Sempre tem altos gringos por aqui e o turismo bomba, principalmente ali na entrada do morro, com o Casarão, os mirantes e tudo o mais. Mas, mais pra cima, é uma favela como qualquer outra.

– Entendi. Você nasceu aqui?

– Não exatamente aqui. Nasci em outra favela, mas quando era criança os meus pais conseguiram comprar uma casa aqui e então esse foi meu lar a vida inteira. E, tirando o inferno de gringo que aparece todos os dias com um guia turístico da pior qualidade, aqui é bem legal. – Niara deu uma risada, segurando o braço dele. – No início, não queríamos abrir o Raízes aqui, eu e meus sócios.

– Por que não?

– A gente tinha pensado em ir pra alguns morros mais distantes, onde o acesso à cultura é realmente escasso para as crianças. Mas, acabou sendo ótimo fazer ele aqui porque, como tem uma movimentação alta de turistas e cariocas, nós conseguimos atrair o interesse de vários empresários que procuravam um projeto social para financiar. Em pouco tempo, a gente tinha recurso o suficiente para implementar as atividades aqui dentro.

– Que maravilha!

– Vem, quero te mostrar as aulas de dança. Acho que você vai gostar. – Chegaram em frente a uma porta de madeira de correr, a qual Liam puxou para o lado para entrarem, revelando uma sala enorme, rodeada por espelhos até o teto e com chão de tacos de madeira bem lisa – clássico das salas de academias e escolas de dança. Niara sentiu um arrepio ao entrar novamente nesse ambiente. A última vez que tinha ido a uma sala de ensaio foi justamente no dia que em sofreu seu acidente.

– Ainda não chegou ninguém. A aula só começa daqui a meia hora, por isso eu quis te trazer aqui logo, para você dar uma olhada na sala e também porque eu... Niara? – Quando Liam olhou para Niara, viu seus olhos vermelhos e cheios de

lágrimas. Confuso, ficou olhando enquanto ela entrava calmamente na sala, jogava sua bolsa no chão e se sentava no meio do salão. Puxou os joelhos contra seu corpo e abaixou a cabeça, finalmente deixando tudo o que lutou tanto para guardar dentro de si sair de uma vez como um vulcão em erupção. Niara sentia seus pulmões pegando fogo pela falta de ar, assim como seu coração apertar toda vez que olhava para aqueles espelhos.

Como se aquela sala tivesse puxado um gatilho, sua trajetória na dança passou pela sua mente em minutos. Reviveu uma, duas, três vezes a cena do seu acidente. Lembrou do rosto de Alexandre, da sua sandália preta de salto que tinha ido para o lixo, da sua primeira vez em uma aula de samba de gafeira, da briga com seus pais. Lembrou do seu primeiro ensaio na companhia, da primeira vez em que ganhou dinheiro dando aula de dança. Lembrou de quando alugou o seu apartamento, dos bailes em que ia toda sexta-feira depois do ensaio do grupo. As memórias iam levando Niara para um estado de entorpecimento.

– Liam, vou precisar sair do meu apartamento. – Depois de um tempo, falou.

– Do seu apartamento? Por quê?

– Não tenho dinheiro para pagar. – Liam ficou em silêncio. – A minha única fonte de renda eram as aulas de dança e as apresentações da companhia. Eu tinha 3 turmas lotadas de samba de gafeira. Mas desde que eu tive esse problema no tornozelo eu nunca mais nem pisei na minha antiga academia. Meu antigo chefe deve me amaldiçoar até hoje, porque foi ele que me deu a minha primeira oportunidade de dança na vida, mas nem me despedir eu tive coragem de ir. Da companhia então, nem se fala. Era doloroso demais pra mim. Com certeza foi uma atitude idiota e imatura, mas eu realmente não consegui. Era como se eu fosse encerrar um capítulo de uma história, da minha carreira, e eu não queria isso.

– Não foi idiota.

– Eu tenho que sair do meu apartamento até amanhã. – falou, dando de ombros. – Eu nem sei o que estou fazendo aqui ao invés de procurar emprego.

– Niara...

– Sério, é como se o apocalipse estivesse surgindo ao meu redor e eu simplesmente ignorasse. Será que eu preciso urgente de terapia? – ela deu um sorriso nervoso.

– Niara, eu quero você aqui.

– Hã?

– Eu quero você dando aula para os meus alunos. Foi para isso que eu trouxe você aqui. Eu queria saber se você topa trabalhar no Raízes dando aula de dança para crianças. – Quando Liam terminou de falar, Niara ficou em choque, olhando para ele com olhos arregalados e a boca aberta. As lágrimas que caíram de seus olhos secavam em suas bochechas vermelhas de recém-choro. – Eu tive que demitir a última professora que estava com esse cargo porque ela estava batendo nas crianças quando eu e os outros sócios não estávamos aqui. Ela já tinha uns antecedentes meio complicados, estava tentando ficar sóbria e mesmo assim nós decidimos dar uma chance para ela e enfim... as aulas de dança foram suspensas. Hoje vai vir uma colega minha da dança, mas só hoje.

– Liam...

– Não estou fazendo isso porque você me contou essa parte do seu apartamento agora. Na verdade, desde que eu te vi na *Cachanga* eu fiquei pensando nisso. Acho que você seria perfeita para dar aula aqui. Eu sei que seu tornozelo te impede de fazer movimentos muito bruscos, mas, como são crianças, você não vai se aprofundar muito. Não é a mesma coisa que dar aula para adultos, né?

– Mas eu nunca dei aula pra crianças. – Ela falou. Jogada no meio do salão, agora com as pernas esticadas para frente, os ombros caídos e a expressão ainda assustada, Liam começou a rir.

– Não tem segredo. Só esquece a técnica por enquanto, porque, no final das contas, elas só querem se divertir. – Ele foi andando calmamente até ela e agachou para ficar na altura de seus olhos. – Você é uma professora de dança e uma dançarina incrível. Tem mais do que capacidade suficiente para dar aula para elas. Por favor, aceite o emprego.

Niara parou alguns segundos e observou o rosto de Liam.

– Aceito. – E o beijou.

8.

A primeira vez que conheceu a família de Liam, algumas semanas depois de conhecê-lo, foi como estar em um universo paralelo. Sua mãe, dona Maria, era uma mulher extremamente acolhedora, barulhenta e tinha um cheiro forte de hortelã.

Quando viu Niara pela primeira vez, abraçou-a com tanta firmeza que ela sentiu suas costelas tremerem. Logo depois veio a gargalhada estridente no seu ouvido e o cheiro de hortelã saindo de sua pele e roupas de viscose. O impacto de dona Maria era tão grande que ela ficou sem reação por vários minutos, apenas sorrindo e assentindo enquanto recebia os abraços, perguntas e as xícaras de cafés passados com canela.

Dava para sentir o quanto dona Maria ficava feliz com os filhos – 3 ao total –, bem mais altos do que ela, ao seu redor, beijando sua cabeça coberta por um turbante alaranjado que separava os cabelos crespos encaracolados. Seu marido, Odilon, era mais reservado e ficava sempre no canto, com os braços cruzados vendo a esposa tomar a atenção de todos para si. Logo depois, ele saía para trabalhar e só voltava no fim da noite, quando tudo estava mais calmo.

A casa de Liam era simples, mas não faltava nada. Todos os móveis eram novos e bem cuidados, as paredes pintadas e com quadros pintados por ele na época de sua faculdade e vários vasos de flores por todo o ambiente. A mesa era sempre cheia de bolos, biscoitos e café passado; dona Maria tinha uma plantação de ervas em uma das janelas da cozinha, o que explicava o seu cheiro forte de hortelã. A casa ficava a alguns quilômetros do centro Raízes e tinha dois andares. Na parte de baixo, ficava a cozinha, sala e o quarto de dona Maria e seu Odilon e, em cima, os 3 quartos dos filhos, que ainda moravam com ela e que só saíam de casa casados – afirmava dona Maria com convicção.

Foi recebida tão bem desde a primeira vez, que teve dificuldades de ir embora. Começou a passar vários dias e noites entre a casa de Liam e o Raízes e praticamente ficava 24h com ele. No entanto, pagava o aluguel de seu apartamento na Tijuca e continuava deixando suas coisas por lá. Em alguns momentos, considerou desocupar o apartamento e ir morar de vez com Liam, mas seu relacionamento com ele aconteceu tão rápido que Niara tinha medo de tudo acabar igualmente rápido e ela precisar ter um lugar para voltar.

Estava cada vez mais próxima dele e de sua família que, apesar de acolhê-la desde o primeiro momento que a viu, lhe causava um certo estranhamento. A sua mãe era muito diferente de dona Maria. Seu pai, então, nem se fala: era completamente oposto de seu Odilon. Niara foi filha única; então não entendia a lógica de ter irmãos. Ainda sim, a relação do Liam com seus dois irmãos era muito diferente de tudo o que viu ou escutou falar. A cada dia que passava com eles, a cada gargalhada estridente de dona Maria, a cada abraço caloroso e discussões amigáveis

de família, Niara sentia-se acuada e desadequada, como se estivesse indo com frequência a restaurantes finos e não soubesse se comportar com nenhuma das regras de etiqueta.

Piorava ainda mais quando eles soltavam piadas e comentários sobre sua cor. Eram raras as vezes em que Niara entendia o que eles falavam. A naturalidade com que brincavam sobre sua vivência racial era uma novidade pra ela, que quase não lembrava de ter conversas sobre sua cor com seus pais, amigos e com ninguém em geral. Em uma das primeiras vezes em que foi na casa dele, dona Maria fez uma piada constrangedora sobre o alívio em que estava em vê-la e por ela ser negra. “*Graças a Deus você não é uma loirinha de olho azul*”, falou, rindo logo em seguida. Niara, no entanto, permaneceu séria sem entender muito bem até Liam chegar e pedir para a mãe parar. Episódios como esse aconteciam com uma frequência assustadora. No entanto, tentava aprender uma nova maneira de lidar com esse assunto através da família de Liam, da sua forma de ver o mundo e de se posicionar enquanto negros.

Envolver-se profundamente com Liam abria uma ferida que sempre tentou esconder e tampar a todo custo, mas que desde o seu acidente estava aflorando cada vez mais: a sua relação com seus pais. A risada alta de sua sogra lembrava automaticamente a seriedade de seu pai. O jeito prestativo do seu cunhado a lembrava do jeito polido de sua mãe. O carinho de Liam a lembrava de todas as vezes que sentiu falta desse mesmo cuidado dentro de casa, quando passava vários dias sem ver seu pai durante os plantões do hospital e sua mãe que vivia em audiência. Ainda sim, não tinha como negar que ficar ao redor deles tinha sido a melhor coisa que acontecera na sua vida desde a dança. Sentia-se viva e útil novamente e as suas aulas no Raízes não poderiam estar melhores: a cada criança aprendendo um passo de dança de salão a deixava em êxtase e cheia de alegria. Uma parte dentro dela morria de saudades de dançar e isso não iria passar nunca. Sabia disso. Mas só de estar dando aulas e vivendo no ambiente em que mais amava, era o suficiente para amenizar a falta causada pela quebra do seu tornozelo.

– E aí? Como estão as suas aulas, *professora*? – Liam se sentou do lado dela no sofá da sala. Dona Maria estava assando um bolo que cheirava a casa inteira e os dois irmãos de Liam tiravam os instrumentos guardados de suas respectivas bolsas e ligando os amplificadores na tomada. Os irmãos de Liam eram músicos e, assim como ele, também tocavam vários instrumentos musicais. Em cada canto que olhava se via diante de um violão, uma guitarra ligada a uma caixa de som, pandeiros ou

microfones. Além disso, era tradição na família toda sexta-feira a noite se reunir e cantar algumas músicas juntos, enquanto saboreavam as gostosuras de dona Maria, que se acabava de cantar com os filhos até não ter mais voz ou até descobrir a cerveja tinha acabado.

– Estão lindas! As crianças estão me adorando. Até me chamam de tia, acredita?

– Acredito. – Liam sorriu.

– Tem um menino na minha turma, o nome dele é Maurício. Ele tem por volta de uns 8 anos e me adora. Ele sempre chega cedo e fica me contando várias coisas e já até me disse que quer ser dançarino quando crescer. Eu fiquei muito emocionada, ainda mais porque... Bom, você sabe, essas crianças vivem cada coisa que nem dá pra acreditar.

– Eu sei. Mas é pra isso que serve o espaço. Eu fico feliz em saber que você já é alguém que eles confiam e buscam suporte. Ah! Falando nisso, recebi mais inscrições hoje... Já tem adolescentes e adultos querendo abrir uma turma de dança contigo.

– Sério?! – Liam viu os olhos dela brilharem.

– É, para ser bem sincero essa era uma ideia minha para o futuro, sabe, ter aulas também para adultos... e seria ótimo começar por você, mas aí você teria que dançar pra valer e com o problema tornozelo... Falando nisso, tu foi no médico alguma vez depois ver o negócio da cirurgia?

– Não. Não fui. É perda de tempo. – Niara desviou o olhar e balançou a cabeça negativamente.

– Por conta da grana?

– E da demora. A lista de espera é gigante.

– Mas você não quer tentar?

– Mas tentar o quê?

– Crianças! Venham aqui pra perto. – Dona Maria gritou e Liam e Niara logo se levantaram do sofá e foram para cozinha.

– Eu posso... te ajudar. Claro, se você quiser. – Liam falou perto do ouvido dela, enquanto chegavam perto da mesa cheia de doces e biscoitos. – Não sei quanto é a cirurgia, mas podemos ver uma forma de levantar essa grana.

– Nem pensar. – Niara riu. – Eu não aceitaria esse tipo de ajuda.

– Por quê?

– Ah, não me sinto a vontade. E você já faz muito por mim me dando o emprego no Raízes.

– Mas...

– Esquece isso. – Niara sentou-se na mesa e começou a beliscar os biscoitos. Mais adiante, dona Maria se posicionava ao lado dos filhos para começar a cantar. Liam juntou-se aos irmãos nos instrumentos e seu Odilon chegou do trabalho abastecendo o freezer de cerveja. Enquanto a maioria das pessoas saíam em busca de lugares ao ar livre para se refrescarem no intenso calor do Rio de Janeiro, a família de Liam encontrava nas latinhas de cerveja Antártica dentro do isopor e nas cantorias afinadas de dona Maria a melhor forma de apaziguar o calor. Nesses momentos de reunião familiar, Niara conseguia enxergar de fato a verdadeira essência deles. Conseguia olhar para dona Maria muito além da mãe e dona de casa, conseguia olhar para Thiago, o irmão mais novo de Liam, além de apenas um músico. Conseguia olhar para seu Odilon além de um pai e um marido. Enxergava neles almas cheias de anseios, vontades e segredos; olhava seres humanos intensos dentro de sua complexidade. Assim como na primeira vez que viu Liam falar sobre sua vida no balcão do bar da Lapa, ela sentia o mesmo fascínio que sentiu por ele, agora pela sua família inteira. Em contrapartida, evitava falar sobre sua própria origem para Liam e para a dona Maria, que de vez em quando perguntavam como eram seus pais, onde eles moravam, onde ela nasceu; mas Niara tentava fugir do assunto o máximo que podia. Não se sentia à vontade em falar que seu pai era médico e sua mãe advogada, que ela morou na zona sul desde quando era criança e estudou a vida inteira em escola particular. Muito menos mencionar que tinha saído de casa para tentar a vida como dançarina sem o apoio dos pais. Tinha medo da reação que eles poderiam ter, de mudarem sua opinião sobre ela, de não a considerarem mais um deles. Portanto, preferia apenas contar sobre sua vida a partir do momento em que começou a morar na Tijuca, trabalhando como dançarina e professora de dança.

Enquanto bebia sua cerveja no isopor para conservar a bebida mais gelada, Niara viu Liam soltar a voz junto com a sua mãe em um dueto tão afinado que parecia que tinham ensaiado várias vezes só para aquele dia. Sorriu ao ver Liam cantando, sentindo-se ainda mais atraída por ele. O bolo que dona Maria estava fazendo queimou dentro do forno, mas ninguém percebeu, de tão felizes que ficavam ao poder cantar até de madrugada.

9.

Apesar de Niara dizer para esquecer do assunto, Liam não conseguiu tirá-lo da cabeça. Adorava vê-la ensinando dança para as crianças. Via o carinho que ela tinha com seus alunos e como adorava planejar as aulas e treinar os passos e, talvez, por causa disso, quisesse tanto vê-la voltar a dançar. Mais do que isso, queria ajudá-la! Sabia que perda da mobilidade no pé afetava Niara e, ainda que ela tentasse não falar sobre esse assunto, ele conseguia compreender a profundidade da dor que ela sentia. Era como se de uma hora para outra ele perdesse o movimento das mãos ou tivesse complicações nas suas cordas vocais. Como iria tocar ou cantar? Como iria exercer a sua profissão e fazer o que mais amava desde criança? *“Perder o pé para um dançarino é o mesmo que um cantor perder sua voz”*, pensou.

Além disso, percebia em Niara uma barreira impenetrável, da qual ele tentava algumas vezes passar e era constantemente barrado. Ainda sabia pouco sobre seu passado, sua família ou amigos. Ela insistia em não compartilhar com ele nada sobre sua vida além do que estava vivendo atualmente. Porém, a cada dia que passava do lado dela, Liam tinha uma necessidade mais urgente de conhecer a fundo a mulher com que estava se relacionando, trazendo para dentro de sua vida e de sua família.

– Você ainda não dormiu? – Escutou a voz sonolenta dela perto de seu ouvido. Tirou o rosto do teto e olhou para o lado, vendo-a se aninhar em seu peito dentro de uma de suas blusas pretas com manchas brancas, que acabou se tornando a roupa favorita dela para dormir desde a primeira noite em que passou em sua casa. Seu cabelo estava solto, preenchendo boa parte do travesseiro com seus cachos.

– Estou refletindo... – Liam voltou a olhar para o teto, ajustando o braço dobrado em que apoiava sua cabeça.

– O quê? – ela perguntou. No quarto escuro, ele conseguia ouvir e sentir ao mesmo tempo a respiração de Niara.

– Nada demais. Pode dormir, meu bem. Você está cansada.

– Mas o que você está pensando?

– Em você.

– Em mim? – ela abriu os olhos. Liam percebeu que ela despertou um pouco mais. Observou enquanto ela tirava a cabeça de seu peito, enrijecendo o corpo e

ficando alguns centímetros afastada dele. Abaixou o seu olhar até as pernas dela e viu suas coxas descobertas. Uma de suas pernas estava levemente levantada, com o joelho apontado para cima e delicadamente encostado no outro joelho esticado. Liam automaticamente sentiu vontade de colocar uma de suas mãos no meio das pernas de Niara e de levantar a blusa que ela estava vestindo.

– Sim, em você. – Falou, chegando seu corpo mais perto do dela. Intrigada, Niara ficou em silêncio por alguns segundos. Não sabia se continuava ou assunto ou se ignorava.

– O que você quer saber de mim? – ela finalmente perguntou, olhando para o teto. Com delicadeza, porém firmeza – da mesma forma que fez quando dançaram juntos a primeira vez – Liam buscou a cintura de Niara e a puxou para perto dele. Os dois ficaram com os corpos rente um ao outro, deitados de lado. Bem devagar, ele desfrouxou a mão da cintura dela e subiu pelo seu corpo lentamente, passando os dedos pela sua costela, barriga até chegar aos seus seios por debaixo da blusa. A pele dela se arrepiou com o toque e ela prendeu a respiração automaticamente. Liam encostou a seus lábios nos dela, ao mesmo tempo que apertava seu seio esquerdo e deslizou a boca para a bochecha de Niara, depositando beijos leves em seu rosto, até chegar ao lóbulo de sua orelha e pescoço. Surpresa e excitada ao mesmo tempo, Niara soltou o ar em um pequeno gemido e logo sentiu Liam puxar sua blusa para cima e sua calcinha para baixo.

– Tudo. – Sussurrou em seu ouvido. Assim que se viu livre das poucas peças de roupa que cobriam o corpo dela, ele inclinou seu próprio corpo sobre o de Niara e abriu caminho até o meio de suas pernas.

– Olha, essa é uma ótima forma de arrancar tudo o que você quiser de mim. – disse, se sentindo enfraquecer sob seus beijos curtos e úmidos, se excitando e se arrepiando embaixo do corpo dele. Liam deu uma risada, levantando o rosto e encarando Niara. Na escuridão do quarto, quase não podia vê-la completamente, se não pelo pequeno feixe de luz que entrava pela janela, passando pela fresta da cortina e iluminando um pedaço do seu rosto. Como era linda, pensou. Na ansiedade causada pela excitação que sentia, Niara arrancou a blusa de Liam e enrolou os braços em seu pescoço. Podia senti-lo esfregando suavemente seu corpo contra o dela, com o têsão à flor da pele, buscando sua boca e a beijando com intensidade.

Os dois se perderam em uma dança sensual, frenética, entre respirações ofegantes e encaixes precisos. A cada toque e beijo de Liam, ela sentia pontadas de

choques prazerosos que iam ficando cada vez mais fortes, conforme ele aumentava o ritmo dos movimentos. Liam mergulhava no corpo de Niara, inebriado pelo seu cheiro e gosto. Nunca tinha sentido um tesão tão grande por alguém antes dela. Era um desejo que nunca acabava, como se estivesse se jogando em um buraco cada vez maior e fundo e não escutasse mais nada ao seu redor. Niara fechou os olhos para aproveitar todas as sensações gostosas e prazerosas que sentia. Finalmente, quando sentiu o ritmo de Liam aumentar, com um gemido contido, ela se curvou enquanto o tremor do orgasmo a percorria pelo o seu corpo de ponta a ponta.

Extasiados, Liam e Niara se abraçavam entre os lençóis. A cabeça dela pousava no peito dele e, de vez em quando, se mexia procurando uma posição mais confortável.

– Então... era *nisso* que você estava pensando? – Niara perguntou. Liam começou a rir, balançando a cabeça.

– Não, não era só isso. – Falou.

– Agora eu fiquei curiosa. – Liam respirou fundo e olhou para ela.

– Eu quero saber mais sobre você. Eu vejo... eu sinto que existem várias coisas que você não abre para mim.

– Liam...

– Por que você não quer ver a cirurgia do seu tornozelo? Era algo tão importante pra você. Estava até com apresentação marcada na gringa...

– Ah, meu Deus, de novo esse assunto? – Niara revirou os olhos, se afastando e virando o corpo de lado, porém de costas para ele.

– Eu não consigo entender por que você age assim quando eu te pergunto isso.

– Eu não quero receber sua ajuda! Já te expliquei. E você continua me pressionando. – Irritada, Niara aumentou a voz. Ainda era madrugada, mas podia sentir que o sol já começava a querer nascer. Fixou seu olhar para a janela do quarto e torceu para que Liam não a respondesse.

– Nunca passou pela minha cabeça que querer te ajudar era a mesma coisa de te pressionar.

– Você me pressiona, sim, quando insiste em um assunto que eu já disse mil vezes que não quero. Não quero seu dinheiro, não quero sua ajuda, não acho legal você forçar a barra em uma situação que demorei muito para aceitar. Eu não pedi

ajuda nem para o meu pai que é médico, vou pedir pra um cara que eu acabei de conhecer? – ainda de costas, Niara despejou sua irritação. Segundos depois, sentiu Liam se movimentar na cama e ficar em silêncio por um tempo.

– Seu pai é médico? – ele perguntou. Ela virou levemente a cabeça para olhá-lo. Sentado, Liam a observava com bastante seriedade. “*Droga*”, pensou, ao lembrar que nunca tinha comentado sobre isso com Liam. Queria poder dizer a ele que não tivera tempo para isso, mas, a verdade é que sempre fugia do assunto. Sentia vergonha, mas, talvez, fosse também apenas uma maneira de se preservar. Ainda existiam muitas lacunas dentro de si que não queria que Liam descobrisse.

– É, ele é, sim. – Voltou a olhar para a janela esperando a bomba que viria a seguir.

– Meu Deus, Niara, seu pai é médico. – Ele deu risada, sem conseguir acreditar. Se remexeu na cama, passou a mão pelo rosto e pelos cabelos, tentando se acalmar, mas em vão. – E eu aqui igual um idiota querendo te ajudar. Você só está sendo imatura.

– Você não sabe nada de mim pra dizer isso.

– Exatamente. Eu não sei nada sobre você. Eu não sabia que seu pai era médico, eu não sei de nada. Eu sou apenas um estranho, não é? Agora, você acha realmente justo comigo? Eu estou te trazendo para dentro da minha casa, da minha família, da minha *vida*, Niara. Eu estou igual um palhaço toda hora querendo saber por que você não quer ir atrás da cirurgia do seu pé.

– Claro que não!

– Desde que você apareceu na minha vida eu tenho feito o máximo... – Interrompeu, irritado. – O máximo que eu posso para que você se sinta bem, principalmente com relação ao seu acidente. Tenho pesquisado, tentado fazer você se sentir confortável, porque eu imagino a merda que deve ser isso pra você. E mesmo fazendo tudo isso, você nunca comentou comigo que você tinha um médico na família. Nem ao menos me disse que você tinha uma saída pra resolver esse problema.

– Você nem sabe o que está falando. Chega. – Niara disse, mas Liam ignorou, tamanha a indignação que estava.

– ... e pra completar, acabo de descobrir que você me considera um estranho.

– Liam, *para*. – Niara rebateu, com uma vontade imensa de chorar e ir embora. Encolhida, puxou todo o lençol da cama para se cobrir até metade do rosto e fechou os olhos. Liam percebeu que ela estava já na beirada do colchão, de tão distante que

tentou ficar dele. Abalado, nervoso e magoado também, Liam virou o corpo para o outro lado e ficou em silêncio. Queria falar mais, brigar, cobrar uma resposta dela, mas conteve-se. Esperou um tempo para ver se ela falaria algo, mas não escutou nada.

Ele demorou a se acalmar. Ainda estava com as emoções inquietas. Queria levantar da cama, sair do quarto, fazer um café, tocar uma música ou qualquer coisa que pudesse aliviar um pouco a tensão da discussão que teve com Niara. Virou de um lado para o outro na cama, procurando o sono e, de vez em quando, olhava para Niara de costas para ele, sem se mexer. Queria saber se ela estava realmente dormindo ou se estava com a cabeça a mil igual a dele, mas não tentou se aproximar. O colchão embaixo de Liam pegava fogo e já podia sentir, pelo calor que fazia no quarto, que o sol estava perto de nascer. Porém, aos poucos e sem perceber, acabou adormecendo.

Quando abriu os olhos novamente, Niara já não estava mais lá.

10.

Ao abrir o apartamento, Niara sentiu um cheiro forte de poeira que a fez espirrar assim que fechou a porta atrás de si. Seu apartamento, fechado há meses, implorava por um pouco de ar fresco. Correu para as janelas e abriu todas, balançando as cortinas para que liberassem toda a poeira que tinha acumulado nesse tempo. Assim que a luz preencheu o ambiente, Niara olhou ao redor. Estava tudo do jeito que deixou na última vez em que foi lá para pegar algumas peças de roupa. O sofá verde usado continuava intacto, apenas com uns rasgados a mais – com certeza por causa das inúmeras vezes em que ela e Liam tinham se agarrado lá. Respirou fundo, fechando os olhos. Andou calmamente até a cozinha e fez um café para si, tentando organizar os pensamentos.

Sabia que a decisão de manter o apartamento era certa. Neste momento, aquela quitinete minúscula que alugara assim que saiu da casa dos pais e recebia menos que um salário-mínimo para pagar, era o único lugar do planeta em que se sentia segura e livre para chorar, gritar e se soltar o quanto quisesse. Após tomar um

café, deitou na própria cama ainda empoeirada e ficou em silêncio, observando os detalhes do teto do seu apartamento, as rachaduras e as manchas pretas de infiltrações na parede perto do banheiro.

Saiu da casa de Liam assim que tinha amanhecido e ele ainda estava dormindo. Por sorte, ninguém tinha levantado e ela pôde sair sem precisar dar explicações. Uma hora depois que tinha saído de lá recebeu várias ligações de Liam, as quais ignorou. Mas, conhecendo o jeito dele, sabia que, se o continuasse ignorando, ele daria um jeito de ir atrás dela e o seu apartamento era um local muito óbvio para procurá-la. Por isso, respondeu algumas mensagens avisando onde estava e pedindo um tempo para pensar. Liam podia ser tudo, mas não era invasivo a esse ponto.

Remexeu-se na cama, lembrando da madrugada anterior em que tiveram a discussão. Talvez ele tivesse razão. Ela só estava sendo imatura de não pedir ajuda para os seus pais. Podia ter ligado para eles quando estava no hospital. Por um momento quase fez isso. Eram seus pais. Jamais lhe negariam ajuda, ainda que estivessem magoados com ela. Porém, toda vez que pensava na ideia de falar para eles que quebrou o pé dançando, seu estômago revirava. Começava a imaginar tudo o que eles iriam falar. As críticas, os “avisos”, as opiniões. Por um lado, não suportava o fato de eles não levarem a sério seu ofício. Por outro, tinha uma vergonha imensa por ter fracassado, por não ter se tornado uma dançarina de sucesso, por ter quebrado seu pé de uma maneira ridícula e ficado sem emprego, sem dinheiro e sem carreira.

Era uma mistura de sentimentos conflitantes e não sabia como explicar isso para Liam. Não sabia nem por onde começar a explicar a bagunça que estava dentro dela. Como ele poderia entender? Logo ele, que tem uma família tão unida; uma família que não importa quantas vezes brigue, discuta ou se desentenda, nunca se separa. Sim, ela queria fugir dessa conversa por enquanto; queria que ele esquecesse isso e aceitasse apenas o que ela poderia oferecer agora.

Sem que percebesse, fechou os olhos adormeceu em sua cama empoeirada por um tempo. Durante o sono, recordou-se de algumas memórias antigas um pouco alteradas pela sua consciência adormecida. Estava em uma sala de aula rodeada por crianças de mais ou menos 12 anos. Não podia se ver, mas sabia de alguma forma que também era uma criança daquela idade. A professora na frente do quadro escrevia alguma coisa que não dava para enxergar, mas nenhuma criança prestava atenção. Estavam todas conversando, em seus respectivos grupinhos. No entanto,

ela estava sozinha e não conseguia se aproximar de ninguém. Existia uma barreira invisível no sonho que a impedia de sair do lugar e andar até as crianças. O contrário também acontecia: nenhuma criança chegava perto dela e parecia que ela olhava a sala de longe, como se não estivesse ali. Sentiu uma espécie de angústia e tentou falar, mas nenhum som saía de sua boca. Desesperada, tentava de comunicar, chamar atenção, mas nada acontecia.

Fechou os olhos no sonho e quando abriu de novo já estava em outro lugar. Olhou em volta e se descobriu na varanda de uma pousada na beira da praia. A mesma pousada que sempre ficava hospedada com seus pais durante suas férias escolares. Sua mãe estava logo a frente, de vestido branco longo e cabelos soltos. O cabelo de sua mãe era igual ao dela, um crespo marrom cheio de cachos que pareciam pequenas molas de brinquedo caindo de sua cabeça. Dessa vez, Niara não era uma criança como no ambiente anterior de seu sonho. Era ela mesma, adulta, indo de encontro a sua mãe, que sorria. Podia-se ver algumas ruguinhas espalhando-se envolta dos seus olhos quando ela sorria e a cabelereira gigante ao vento. Ao chegar perto dela, ela a abraçou forte e Niara pôde sentir o seu cheiro. As duas ficaram ali por um tempo, abraçadas. Depois Niara se afastou e olhou ao redor. Estavam na praia. Andaram juntas e de mãos dadas pela areia até a beira do mar e, nesse momento, quando chegaram perto da água, uma emoção muito forte tomou conta de Niara, que começou a chorar. Quando acordou, percebeu que não tinha chorado apenas no sonho ao ver seu travesseiro inteiro molhado.

Levantou-se desnorteada pelo sonho e pegou seu celular.

– Alô?

– Mãe, sou eu. Niara. – O telefone ficou em silêncio por alguns minutos. Niara achou que a ligação tinha caído, mas alguns segundos depois escutou a voz falha da sua mãe no outro lado da linha.

– Niara! Meu Deus, é você?

Após ficar mais de uma hora no celular com a sua mãe, que chorava e soluçava a cada duas palavras, Niara decidiu ir até a casa dos pais, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Atravessou a cidade de Uber para ver a família que não via há anos.

Na época em que decidiu sair de casa, Niara trocou de telefone. Estava com tanta raiva que parou de falar com todos os colegas e amigos de infância que tinham

algum contato com seus pais, com medo de eles falarem alguma coisa sobre ela. Não mediu esforços para não ser encontrada, acreditando que era isso que seu pai queria. A raiva e o orgulho que sentia motivaram a sua determinação de fazer as coisas darem certo na sua vida. Não teve um dia em que não fosse pra academia, ensaiasse em casa, na companhia, ou em apresentações de teatro. Começou a respirar a dança como nunca antes. Porém, nunca parou pra pensar que sua mãe sentisse sua falta – ela também sentiu, várias vezes, ainda que tentasse se lembrar com mais frequência dos sentimentos de raiva para poder seguir em frente sem remorso.

Quando ligou para sua mãe, horas antes, em um ímpeto de coragem após sonhar com ela, imaginou todas as reações negativas possíveis, mas não imaginou que Carmem chorasse tanto e estivesse tão aliviada em saber que ela estava bem. As duas conversaram por muito tempo. Sua mãe lhe perguntou onde ela estava, onde morava, se estava passando fome, frio e várias outras perguntas sobre sua integridade física. Niara respondeu, mas de maneira superficial. Queria entender primeiro em que pé estava a relação das duas. Omitiu, portanto, uma série de questões sobre sua vida atual.

Parou na frente da portaria do prédio onde seus pais moravam. Era um prédio de uns 20 andares com segurança 24h na portaria. Dentro da guarita da entrada, um senhor de meia idade que usava uma gravata azul tão apertada que parecia que ia se enforcar a qualquer momento a olhou desconfiado. Ele não sabia quem era ela, por isso barrou a sua entrada e pediu um documento de identificação. Niara olhou ao redor enquanto ele fazia a verificação padrão e protocolada de todos os visitantes. Há anos evitava passar nessa parte do bairro. Ao lembrar disso, balançou a cabeça negativamente. Foram muitos os artifícios criados para evitar qualquer contato com os pais, desde parar de falar com amigos de infância até parar de frequentar inúmeros lugares na sua própria cidade. Olhou para os pilotis do prédio e se viu correndo por entre os pilares de mármore branco quando tinha uns 10 anos, a idade em que seus pais decidiram morar naquele lugar. Debaixo daquele prédio, brincou muito de pique-esconde, corrida, boneca e até mesmo deu seu primeiro beijo. Teve momentos felizes ali, uma infância e adolescência tranquila apesar de tudo, pensou.

Um sentimento ruim foi tomando conta dela e, assim que passou pela portaria, sentiu uma falta de ar agonizante. Andou calmamente pelos pilotis até a entrada dos apartamentos, onde entrou no elevador e subiu até o quinto andar. A cada segundo a sua ansiedade aumentava e já não sabia mais definir o que sentia. A única coisa que

sabia era que suas costas queimavam, suas mãos suavam e seu pulmão parecia que ia explodir.

Quando o elevador abriu no respectivo andar, Niara procurou uma parede para se apoiar e tentar respirar com calma. Abaixou a cabeça por um tempo e tentou controlar a sua respiração. Não sabia que teria uma crise de ansiedade tão forte naquele momento. Subestimou demais sua capacidade de lidar com essa situação, pensou, arrependendo-se de ter ligado para sua mãe e aceitado reencontrá-los após tanto tempo.

Quando se recompôs e voltou a andar em direção ao familiar apartamento, viu que a porta já estava aberta e sua mãe estava lá, com um vestido bem parecido com o que ela usava no sonho de Niara: um vestido branco e longo. Porém, diferente do sonho, os cabelos dela estavam presos no alto de sua cabeça, bem penteados e contidos dentro de um coque perfeito. Carmem estava parada na porta desde que o porteiro avisou que Niara iria subir. Assim que a viu, caminhando em sua direção, não aguentou e caiu no choro mais uma vez.

– Minha filha... Minha filha... – Carmem soluçava entre as palavras, segurando Niara com a maior força que tinha ao abraçá-la. – Graças a Deus. Entra, entra.

Niara entrou no apartamento em silêncio. Olhou ao redor e viu que tudo estava como antes. Os móveis, a decoração, os quadros nas paredes e até mesmo a cortina da sala eram os mesmos. Ao observar tudo, teve lembranças misturadas com uma sensação de *déjà vu*. Procurou seu pai com olhos ansiosos e o encontrou sentado na mesa de jantar. Estava com o jaleco habitual do hospital, uma calça jeans escura e tênis marrom. Suas mãos estavam cruzadas em cima da mesa. Quando viu Niara, levantou-se calmamente da cadeira e abriu um sorriso. Niara percebeu que ele tinha engordado um pouco, bem na região do abdômen. Seu cabelo continuava o mesmo de sempre: raspado, sem nenhum fio de cabelo crespo aparente. Com menos calma do que gostaria, foi até ele. Os dois se abraçaram e assim permaneceram por um tempo. Niara pôde sentir seu cheiro, misturado com o cheiro característico do álcool e roupas esterilizadas do hospital. Ele deveria ter saído de um plantão há pouco tempo, pensou, enquanto se afastava dele e o encarava.

Apesar de não estarem mais abraçados, Ricardo continuou segurando as mãos dela quando ficaram de frente um para o outro.

– Quanto tempo, minha filha. Que bom que você está bem. – Com a voz grave, porém suave, Ricardo falou. Os 3 ficaram em silêncio por um tempo. Niara olhava de um para o outro, sem acreditar ainda que estava ali e tinha sido bem recebida.

– Pai, mãe. – falou – Eu... Não sei nem o que dizer. Obrigada por me receberem.

– Niara, eu te procurei tanto. – Carmem sentou no sofá, colocando as mãos no rosto e desabando de chorar. – Mas tanto...

– E te encontramos. – Ricardo falou. – Após um tempo te encontramos. Vimos uma apresentação sua, de dança.

– O quê?! – Niara arregalou os olhos. Soltou suas mãos das de Ricardo e olhou para Carmem no sofá.

– Nós encontramos você na sua academia de dança. – Ricardo repetiu, sentando-se novamente na mesa. – Não quer se sentar?

Niara sentou-se no sofá em frente a sua mãe. Os três ficaram paralelos um ao outro, em um círculo semiaberto. Niara agarrou a bolsa que usava rente ao seu corpo e a apertou.

– Vocês sabiam onde eu estava esse tempo todo?

– Mais ou menos. Tentamos, mas não sabíamos nada desse seu... mundo. – Ricardo pigarreou. – Procuramos na internet, em tudo quanto é lugar. Até que encontramos a sua companhia de dança. Vimos fotos suas nas redes sociais dela e decidimos ir até o endereço que estava no site.

– Nós vimos você dançar e... eu fiquei impressionada, Niara. – Carmem continuou. Conseguiu se acalmar por um momento, parando de chorar e secando as lágrimas. – Com tudo.

– Descobrimos uma pancada de academias de dança no Rio. – Ricardo deu uma risada. – Recebo e-mail marketing delas até hoje, de tanto que me cadastrei em sites e nas redes sociais. Tentamos ver você apresentar, mas não conseguimos por vários motivos.

Niara continuava de olhos arregalados. Nada, absolutamente nada a tinha preparado para o que acabou de acontecer. Imaginou que esse encontro seria difícil, emocionante ou até mesmo trágico. Achou que iria se arrepende e ir embora pra casa, que eles poderiam brigar novamente, achou qualquer coisa menos o que estava acontecendo. Atordoada, continuou sem silêncio, tentando processar o que eles acabavam de falar.

– Eu quis falar com você..., mas seu pai não deixou.

– Sua mãe queria ir direto até você e te arrastar pra casa, mas eu a convenci esperar você decidir voltar. No seu tempo. Quando quisesse e se quisesse. – Ricardo suspirou. – Óbvio que nenhum de nós esperava que você fosse ficar tanto tempo sem dar notícias.

– Pai...

– Você estava feliz. – Ricardo disse. – Nunca imaginei que você fosse ser feliz daquele jeito, mas aparentemente você estava.

– Meu Deus... – Niara disse. Olhava para de um lado para o outro. Queria chorar, assim como sua mãe, mas não conseguia. Ao ver seus pais ali em sua frente, emocionados por vê-la e chorosos, contando que a encontraram – mesmo com todos os seus, aparentemente inúteis, esforços para que isso não acontecesse – sentiu-se a pior pessoa do mundo. Sentiu-se uma filha ingrata, injusta e até mesmo cruel. Olhou novamente sua mãe chorando de felicidade ao vê-la e sentiu-se uma dor inexplicável na barriga, subindo para o seu estômago e peito. Não queria acreditar que isso estava acontecendo. Sempre colocou seus pais como os principais vilões de sua vida. Os vilões que a impediam de ser quem era ela, de fazer o que queria, de ser feliz. Mas, agora, escutando o que eles tinham acabado de dizer, os papéis se inverteram. Era ela quem tinha se tornado a vilã da história. Era ela que se afastou de sua própria família para puni-los de uma dor da qual eles não sabiam e nem compreendiam que ela sentia.

De repente, toda a ficha caiu em seu colo como um presente indesejado. A imagem dela mesmo aos 22 anos passou pela sua cabeça. Olhava para a Niara de anos atrás com a visão da Niara atual e percebia o quanto tinha sido irresponsável e ingênua. Relembrou-se com pesar de tudo o que sofreu quando saiu de casa, com duas mochilas cheias de roupas, livros e sapatos; do sofrimento ao trabalhar de graça para conseguir emprego na academia de dança; do apartamento para o qual ela não conseguia fiador para alugar e precisou implorar a confiança da dona para ter onde morar; dos assédios sexuais que sofreu em várias aulas, bailes e congressos de dança; das vezes em que ficou doente e achou que ia morrer, mas não quis ligar para sua mãe; das humilhações diárias no ensaios com o Alexandre e dos momentos em que esteve completamente sozinha e não teve ninguém para ajudá-la – nem mesmo quando quebrou o seu tornozelo.

O que, afinal, ela conseguiu conquistar durante esses anos?

– Você está realmente bem? Onde está morando? – Após um tempo, Carmem perguntou. – Você ainda está trabalhando naquela academia? De vez em quando, você aparecia nas redes sociais dela, mas tem um tempo que não vemos você por lá. – Carmem falava para preencher o silêncio desconfortável que se instalou, mas Niara continuava em estado de transe, imersa em pensamentos.

– Eu não estou... Eu não danço... – ela tentou falar, mas não conseguiu.

– Tudo bem. Deixa isso pra lá. Você vai ter tempo pra contar pra gente. Quer dizer, você... vai continuar nos dando notícia? – sorriu quando viu Niara assentir. – Ah, graças a Deus! – suspirou aliviada e nervosa ao mesmo tempo. – Então vou pegar alguma coisa pra gente comer. Já volto.

Quando Carmem saiu da sala, Niara e o pai continuaram em silêncio por um tempo. Mesmo com várias memórias passando pela sua mente, ela tentou se concentrar no momento presente, mas não conseguiu. Estava com mais vergonha agora do que antes de chegar no apartamento e descobrir que seus pais sabiam onde ela estava esses anos todos. Evitou olhar nos olhos do pai, que continuava sentado na mesma cadeira e apenas mexia a perna de vez em quando, procurando uma posição mais confortável.

– Você não respondeu à pergunta da sua mãe... Não quer que saibamos onde você mora? – Ricardo perguntou de repente.

– O quê? Ah! Não, não é isso. Eu estou morando na Tijuca e continuo trabalhando como professora de dança, mas em outro lugar.

– Compreendo.

– Pois é.

– Está dançando?

– Não. Eu... Hã... Parei por um tempo.

– Por quê? – Ricardo estranhou quando viu Niara mexer com mais força a bolsa que segurava na frente da sua barriga, como se estivesse tentando se esconder atrás de um pequeno pedaço de plástico preto. Ela não conseguia tirar os olhos do próprio pé, o que fez com que ele olhasse na mesma direção.

– Voltei! Niara, você ainda gosta de cachorro-quente? Eu fiz pra gente lanchar. Não costumo comer muito essas coisas hoje em dia, mas eu lembro que era uma das suas comidas favoritas. – Carmem chegou com uma bandeja fumegante, com vários pães diferentes cortados ao meio e molhos ao lado e depositou na mesa onde Ricardo estava. Niara sentiu o cheiro forte do molho de tomate e lembrou que não tinha comido

nada o dia todo, quando saiu cedo da casa de Liam. Sua mãe continuou a falar incessantemente, fazendo-lhe várias perguntas, uma atrás da outra: se ela queria refrigerante ou não, se ela iria dormir lá ou voltaria para casa e se queria carona para voltar. Porém, Niara não conseguia processar nada com clareza. Estava confusa, ansiosa, nervosa e todos esses sentimentos a estavam sufocando tanto que precisava de espaço o mais rápido possível.

– Mãe, obrigada, mas eu preciso voltar pra casa. – Ela disse, levantando-se do sofá com rapidez. Precisava ir embora urgente. Era dessa forma que lidava com o caos, tanto interno quanto externo: ficando sozinha.

– Está tudo bem? Fizemos algo de errado? – Carmem assustou-se. – Você não gosta mais de cachorro-quente?

– Não, mãe, não é isso. Eu amo cachorro-quente, meu Deus, obrigada por ter se lembrado disso. – Sem que percebesse, Niara começou a chorar. – Eu senti muita, mas muita falta de vocês.

– Niara... – Carmem voltou a chorar novamente.

– Eu preciso ir agora, mas eu volto. Prometo que volto. – Estava indo em direção a porta quando viu seu pai levantar da mesa.

– Niara, espera. – Ele disse. Niara parou de andar e olhou para ele. – A gente nunca pensa que algo assim pode acontecer com a gente. Eu mesmo nunca pensei que... que tudo aconteceria daquela forma. Mas, independente do motivo que a fez ter voltado, Niara, eu sou muito grato. Saiba que estaremos sempre aqui. – Ricardo disse, respirando fundo logo em seguida. Carmem continuou chorando, segurando as mãos no rosto. Niara também já não conseguia conter as lágrimas que desciam pelo seu rosto. Ela assentiu para ele e saiu, fechando a porta atrás de si.

Quando Niara chegou no seu prédio, encontrou Liam sentado na frente da porta do seu apartamento. Ele estava com os braços cruzados na frente do corpo, apoiando sua cabeça levemente no encosto da porta e com os olhos fechados. Aparentemente ele tinha cochilado ali mesmo, esperando-a chegar. Niara balançou a cabeça negativamente, sem acreditar que ele tinha feito algo assim. Caminhou lentamente até ele para acordá-lo, mas ele escutou seus passos e abriu os olhos, desnorteadado.

– Você chegou. – disse, levantando-se do chão e abanando a calça. – Ni, eu sei que você pediu um tempo, mas eu te mandei mensagem e você não respondeu então eu obviamente fiquei preocupado e... – Antes que ele pudesse terminar de falar, Niara o agarrou e o beijou. Liam retribuiu o beijo, surpreso e aliviado ao mesmo tempo. No entanto, quando se separaram e ele olhou o rosto dela de perto, a sensação de preocupação o preencheu novamente. – Niara, tudo bem com você? Aconteceu alguma coisa?

Niara estava com os olhos vermelhos e um pouco lacrimosos, mas assentiu. Passou por Liam e abriu a porta do apartamento. Ele ainda estava com cheiro de mofo e poeira, tanto que Liam espirrou assim que entrou, tossindo logo em seguida. Niara foi até a pia da cozinha e pegou um copo de água.

– Onde você estava?

– Na casa dos meus pais. – falou calmamente, bebendo a água do copo e enchendo de novo para dar para Liam. Desconfiado, ele a esperou falar alguma coisa. Bebeu a água que ela tinha dado para ele e sentou-se no sofá verde empoeirado.

– Na casa dos seus pais? – completamente confuso, Liam perguntou. Estava com trilhões de perguntas na cabeça, mas tentou se controlar e dar espaço para Niara falar. Já tinha falado demais, mais até do que deveria, ao ponto de sentir-se péssimo depois. Observou enquanto ela saía de perto da pia da cozinha e ia para cama. Sentou-se, virada de frente pra ele.

Niara respirou fundo, fechando os olhos.

– Eu tentei... Ser adulta. Ser madura e falar com os meus pais, porque quando eu saí de casa eu tinha apenas 22 anos. Era uma criança, mas era orgulhosa demais para ficar em um ambiente onde me sentia humilhada e diminuída, onde eu era criticada constantemente pelas minhas escolhas. E por um tempo deu certo. Eu arrumei emprego, aluguei esse apartamento, consegui sobreviver, ainda que dá forma mais simples possível. Mas eu sobrevivi e não olhei pra trás... Porque eu estava indo atrás do meu sonho. Estava dançando, dando aula de dança, começando a ser notada na cena aqui do Rio e naquele momento tudo valeu a pena... Só que... quando eu tive esse acidente, quando eu vi tudo indo por água abaixo eu lembrei do dia que saí de casa. Do dia que eu, no alto da minha prepotência, disse tchau definitivamente para a minha família. E quando nem meu parceiro de dança se importou comigo e eu me vi completamente sozinha e doente dentro de casa eu fiquei pensando por um segundo se meus pais não estavam certos. Se eles não queriam me proteger, no final

das contas. Porque a verdade é que foi muito frágil, Liam, foi muito frágil. Tudo o que eu construí foi frágil a ponto de acabar em um segundo, em um dia dançando errado, em um dia quebrando o pé. *E eu larguei tudo por uma vida frágil.* Eu perdi minha mãe, meu pai. Não tive amigos por um bom tempo, não tive namorado. Eu nunca tive ninguém do meu lado nesses últimos anos. E desde que eu sofri esse acidente eu fiquei remoendo isso dentro de mim. Várias vezes pensei em ligar para os meus pais, mas eu tive medo. Medo de como eles iriam reagir ao me ver após esse tempo. Eu sei nem como eles estavam, meu Deus, e se eles não estivessem bem e eu não soubesse de nada? E se eles nem quisessem olhar na minha cara? Era tudo muito difícil de prever, muito difícil de imaginar. E eu não tinha coragem de voltar atrás, de assumir que estava errada, de pedir desculpas e de recomeçar. Então eu só deixei os dias passarem. Dia após dia. Aí você apareceu. E tudo se acalmou. Porque você me deu tudo o que eu precisava. E... ontem, quando a gente discutiu você estava certo. Eu estava sendo imatura, mas não era só isso. Tinha toda uma história que você não sabia minha e...

– Esquece isso, Ni. Pelo amor de Deus, eu que peço desculpas. Não tinha o direito de falar aquilo pra você.

– Você estava certo.

– Não, eu não estava.

– Eu achava que você nunca ia entender o que eu passei. Por isso que eu não falava. Me desculpa.

– Para de pedir desculpas. Por favor, está tudo bem. – Liam levantou do sofá e foi até Niara, para abraçá-la. – Eu estava chateado, magoado com o fato de não saber nada de você e te pressionei demais quando não deveria. Eu tinha que ter te respeitado.

– Liam, eu sou um monstro. – Niara abraçou ele de volta. – Eu fiz tudo errado, tudo.

– Não, não fez, está tudo bem. Você não fez nada errado. – Ele a afastou, segurando com as duas mãos o seu rosto. – Olha pra mim, Ni, você não fez nada de errado. Você foi corajosa, seguiu seus sonhos. Você é uma mulher incrível.

– Mas eu sofri muito...

– Eu sei, eu sei, eu imagino o quanto deve ter sido difícil pra você. Mas está tudo bem. Vai ficar tudo bem. Eu prometo. – Ele a abraçou de volta e, por um tempo, os dois permaneceram assim, abraçados. Liam não soltou até que a percebeu se

acalmado em seus braços e sua respiração ficando cada vez mais lenta. Com bastante delicadeza e cuidado, ele a puxou para deitar na cama. Niara se aninhou nos lençóis calmamente, fechando os olhos e deixando que o cansaço dominasse seu corpo. Liam tirou os sapatos dela e a acomodou melhor na cama, e, quando viu que ela estava adormecendo, levantou-se e foi para cozinha ver se tinha alguma coisa para comer.

Não conseguiu entender muito bem a história de Niara. Ela apenas despejou um monte de informação que ele sempre quis saber de uma vez, mas, ainda sim, não conseguiu compreender completamente. Porém, algumas coisas começaram a fazer sentido para Liam, principalmente o fato de ela nunca querer falar dos pais ou do seu passado. Suspirou, tentando completar o quebra-cabeça em sua mente. Ainda tinha muitas dúvidas, mas não iria perturbar mais Niara com esse assunto. Dava pra ver o quanto ela estava cansada e abalada com essa história, seja ela qual fosse. Daria todo o tempo que ela precisasse para poder confiar nele e lhe contar melhor os seus problemas.

Niara adormeceu por horas e não acordou mais naquela noite. Preocupado, Liam resolveu passar a noite por lá. Os dois adormeceram na cama empoeirada, embalados pela exaustão.

11.

– 5, 6, 7 e 8... dois passos pra frente e dois passos pra trás. – Niara gritou para os seus alunos. O salão onde dava aula estava preenchido cerca de 20 casais, entre adultos e adolescentes. Era a primeira turma de adultos do Raízes e Niara estava inaugurando com a aula de samba de gafieira iniciante. Como o nível era básico, decidiu arriscar dar a aula, mesmo com o tornozelo lesionado. Mas não imaginava que a turma fosse lotar tanto em tão pouco tempo. Em menos de um mês, já tinha 40 pessoas inscritas e Liam precisou colocar as outras interessadas na lista de espera para a próxima turma.

Assustada, porém feliz, Niara deu seu máximo para que os alunos ficassem satisfeitos. Como eram adultos, ela podia ousar mais nos movimentos, o que a

deixava nostálgica e com vontade de dançar de verdade. E, assim como qualquer turma de samba iniciante, a maioria ainda se confundia com os passos base e tropeçava, pisando no pé do seu par ou se perdendo na marcação da música. Niara ia em cada casal consertando os passos e indicando a postura correta.

O mais incrível de uma turma composta por pessoas de várias idades era que sempre os mais novos aprendiam os passos com mais rapidez. Por isso, Niara colocava um adolescente para fazer par com um adulto. Assim, os que aprendiam mais rápido ajudavam os mais lentos a evoluírem no mesmo ritmo e a turma inteira subia de nível no mesmo tempo. Isso evitava que os mais lentos se desestimulassem e deixassem de ir para as aulas ao sentirem que estavam ficando para trás.

O resultado não podia ser melhor: os alunos sempre terminavam a aula animados, agradecidos e satisfeitos com seu progresso; e Niara cada dia mais acreditava no potencial da sua didática e no seu talento como professora.

– Fessora! – gritou Maurício, um dos seus alunos da turma infantil, que tinha evoluído tanto que Niara o colocou como ajudante na turma de adultos. No início, todos acharam estranho e engraçado ver uma criança tão nova como monitora de uma turma de adultos, mas Maurício era tão talentoso e dedicado que logo todos queriam dançar com ele. – Pode ajudar *nóis* aqui? – ele chamou Niara para ajudá-lo a conduzir uma mulher mais velha – aparentava ter uns 40 anos, era baixa e robusta – que estava com dificuldade de fazer o passo básico. Niara foi até a moça e a segurou, fazendo papel de condutor, para descobrir qual erro ela estava cometendo. Porém, não contava que o peso dela poderia fazer seu tornozelo lesionado doer. A mulher segurou Niara e ela, ainda iniciante para ter consciência sobre seu próprio peso, jogou todo o seu corpo para cima dela, que não conseguiu segurar e caiu no chão.

– Ai, meu Deus, professora! – a moça que tinha caído em cima de Niara falou, levantando-se. – Alguém chama uma pessoa pra ajudar? Professora, você está bem.

– Eu estou bem, calma, gente. – Niara falou, tentando se levantar com dificuldade. Sentiu pontadas agudas em seu tornozelo lesionado e gemeu de dor. Quando levantou, viu que a turma inteira estava ao redor dela com olhares preocupados.

– Niara? Niara! – Liam apareceu de repente no meio da multidão de alunos que tinha se formado. – O que aconteceu? Você caiu?

– Eu caí em cima dela, moço. – A mulher de 40 anos disse. – Ela foi dançar comigo e eu não sei o que aconteceu, acho que ela se desequilibrou ao me segurar e aí eu caí em cima dela.

– Eu estou bem. Estou bem. Foi só um desequilíbrio. – Niara falou. – Liam, eu estou bem. Foi só um pequeno acidente. Turma, todos voltem a suas posições. Vamos continuar!

– Niara...

– Depois nos falamos, tá? – Niara disse para Liam, indicando-lhe para sair da sala. Seus alunos não sabiam de sua lesão e ela queria que continuasse assim. Ela se recompôs e, mesmo com dor, terminou a aula, evitando fazer o máximo de esforço possível com o pé. Quando todos já tinham ido embora, Liam apareceu novamente em sua sala.

– Eu estava com medo de algo assim acontecer. – Ele disse, vendo Niara arrumar suas coisas no salão vazio. – Ni, sei que você não gosta desse assunto, mas não acha que está na hora de você ir atrás dessa cirurgia?

– Sim, você tem razão. – Niara falou, tirando o fio que ligava seu celular ao alto falante da sala e guardando-o em sua bolsa. Foi até a janela e fechou e começou a apagar as luzes.

– Ei, o que está fazendo?

– Fechando tudo. – Niara respondeu. Liam foi até ela e pegou de volta o fio conector do alto falante, conectando-o em seu celular e escolhendo uma música da própria *playlist*. – O que está fazendo?

– Lembra da primeira vez em que dançamos juntos?

– Sim. No baile da *Cachanga*. – As memórias do dia em que conheceu ele foram aparecendo na cabeça de Niara. Ela sorriu. – Depois dançamos uma vez para sua mãe, porque ela implorou pra ver a gente dançando.

– Sim, eu lembro desse dia. – Liam começou a rir. – Quer dançar comigo?

– Agora? – perguntou, escutando uma música lenta tocar baixinho dentro da sala de aula. Olhou em volta e viu que ele tinha fechado a porta. Pelo horário, todos já tinham ido embora e só os dois estavam ali. – Liam, você quer ... aqui?!

– Não! – Gargalhando e balançando a cabeça negativamente, ele foi até ela e a segurou com firmeza. Depositou suas duas mãos entre a cintura de Niara e colou seu corpo com o dela. – Eu só quero dançar um pouco.

– Que música é essa? – Perguntou, sendo conduzida por ele em movimentos estranhos, com passos largos para frente e para trás. Automaticamente Niara corrigiu sua postura, ficando com o corpo ereto e levemente inclinado para frente, equilibrando-se como uma dançarina profissional. As duas mãos dele continuavam em sua cintura, portanto Niara apoiou os próprios braços em seus ombros e se deixou ser conduzida. – Eu não sei dançar isso não.

– Sabe, sim. – Ele disse. – Você é uma dançarina. – A música era lenta e sensual e ela não fazia ideia dos movimentos que estava fazendo, mas Liam conduzia tão bem que, sem perceber, já estavam dançando um ritmo totalmente diferente do seu velho e conhecido samba. Aos poucos, começou a se lembrar vagamente daquele estilo. Era um tipo de dança de salão bem famoso, mas que nunca tinha dançado, estudado ou até mesmo se interessado em aprender.

Liam tirou a mão esquerda da cintura dela e puxou um dos braços que Niara apoiava em seu ombro. Ao invés de segurar a mão dela no ar, como geralmente se faz para dançar, ele entrelaçou os dedos nos dela e puxou a mão dela para o seu peito, encostou sua testa na dela e continuou a dançar. Os passos foram ficando mais rápidos, dessa vez para o lado e para o outro. Liam empurrava e puxava a cintura de Niara para que ela inclinasse o corpo para frente e para trás, girando-a no mesmo eixo e, logo após, girando seu pescoço com movimentos delicados. Ela fechou os olhos para se concentrar no toque dele. Sua condução era tão suave e precisa que bastava ele apertar levemente sua cintura ou para ela entender para qual lado deveria seguir. Quando voltou a colar o corpo com o dele, após vários giros, abriu os olhos e viu que Liam estava sorrindo, encarando-a. Parecia satisfeito com o fato dela entender perfeitamente todas as sugestões de passos que ele propôs apenas com a condução. Niara não tropeçou e nem errou o ritmo da música em nenhum momento. Os dois dançaram por vários minutos, em silêncio, somente escutando a respiração um do outro.

Sentia uma conexão ao dançar com o Liam tão forte que não deixou de comparar com Alexandre. Quando dançava com ele, sentia um nervosismo e um medo que a paralisava e a fazia suar. Com Alexandre, fechava os olhos para tentar se concentrar mais ainda nos passos e não errar de jeito nenhum. Com Liam, fechava os olhos para aproveitar o seu toque e a música. Não se preocupava se estava acertando ou não os passos, pois confiava cegamente que ele a conduziria de forma correta. Em certo ponto, parou de pensar se estava bonita, ereta, perfeita; se sua

postura a deixava leve ou pesada, se os passos estavam corretos; esqueceu até mesmo do seu tornozelo lesionado. Era a primeira vez em que conseguia aproveitar de fato a dança, sentir as batidas da música junto com a sua frequência cardíaca, como se fossem uma só.

Não sabia que poderia dançar outro estilo de dança sem nunca ter dançado antes. Liam a fez dançar Zouk por horas sem ela conhecer os passos direito, apenas com a sua condução e com a consciência corporal de Niara para dança a dois. Em um momento, Liam empurrou as costas de Niara para que ela inclinasse o corpo todo para trás. Em seguida, a puxou de volta para si, girando seu corpo duas vezes seguidas. Para o movimento ficar ainda mais suave, Niara ficou na ponta do pé. E, mesmo assim, seu tornozelo não doeu.

Quando a playlist de Liam acabou, os dois estavam suados e ofegantes. Com o coração disparado, Niara o abraçou, feliz e emocionada ao perceber que ainda conseguia dançar.

12.

Desde o dia em que foi na casa dos seus pais, sua mãe ligava para ela com frequência. Niara atendia todas as vezes e, aos poucos, a situação foi ficando menos desconfortável. Ela começou a ir mais na casa dos pais para jantar, contar sobre sua vida, seu trabalho e comentou com eles sobre Liam, mas nunca falou nada a respeito do seu acidente no tornozelo. Quando os pais perguntavam quando ela ia realizar uma apresentação de dança, Niara apenas dizia que estava ocupada demais com seus alunos e que isso dava mais dinheiro pra ela do que apenas dançar. O seu pai ficava desconfiado, não acreditava muito, mas sua mãe aparentemente achava plausível seus argumentos.

Para Niara, era estranho lidar com a nova postura dos pais. Na cabeça dela, eles tinham mudado da água para o vinho. Não pareciam fazer juízo de valor sobre seu trabalho e sua escolha profissional. Estavam interessados em saber sobre sua vida de uma maneira tão exagerada que várias vezes Niara se pegava tentando esconder algum fato, por mais simples que fosse. Somente depois de um tempo, percebeu que mentia pela força do hábito, não porque houvesse motivo real para tal.

Até que um dia, conversando com seu pai assuntos triviais, ele de repente se abriu. Contou como ele e sua mãe se sentiram quando ela foi embora, sem dar notícias. No início, eles ficaram tranquilos. Acharam que era apenas mais uma de suas revoltas e que, em pouco tempo, ela estaria de volta em casa. Mas, quando ela não voltou, a preocupação se tornou parte do dia a dia deles.

As fases de preocupação foram várias. A primeira de todas foi a preocupação física. Será que ela estava bem? Viva? Se alimentando? Foi nessa fase que Carmem não aguentou mais esperar e pediu para ir atrás dela. Quando descobriram onde Niara estava, por um lado, sentiram um alívio, mas, por outro lado, surgiu a segunda fase da preocupação: o que aconteceu para que chegar a esse ponto? Enquanto Ricardo contava, Niara revivia também tudo o que ela mesma passara do outro lado, o que sentiu, os perrengues que passou e viveu. Mas preferiu não compartilhar nada com o pai. Queria continuar escutando o que ele tinha a dizer.

Aos poucos e de maneira dolorosa, a ficha dos dois foi caindo. Carmem começou a ter insônia e crises de ansiedade por ficar longe da filha e não poder fazer nada. Ricardo sentiu-se culpado por ver a mulher adoecendo, ao mesmo tempo que não sabia o que estava acontecendo com Niara – apenas torcia para ela estar bem e com saúde, respeitando a sua decisão de estar longe. Era o mínimo que podia fazer. No início, queria ir atrás de Niara e perguntar o que eles tinham feito para merecer tanto desprezo. Ricardo acreditava que tinha feito tudo certo e, se tinha ido longe demais algumas vezes, era por temer que ela passasse o que ele passou: fome, medo, vergonha, falta de esperança. Quando ele e Carmem conseguiram sair da favela onde nasceram, sentiram-se vitoriosos. Finalmente conseguiram vencer o sistema, saíram de um buraco que nunca gostaram de chamar de lar. Ele e Carmem nunca sentiram orgulho de serem pobres, de morarem no meio da violência. E, ao contrário de muitas pessoas da família que diziam que jamais largariam sua origem, eles almejavam exatamente o contrário: *se um dia tivessem a chance de mudar o destino que lhes fora dado, começariam criando um filho bem longe de onde nasceram*. Aquilo martelava em sua cabeça sempre, com convicção. Porém, quando viu que Niara decidiu cortar relação com eles, Ricardo percebeu a necessidade de repensar todas as convicções que tinha sobre a vida.

Niara escutou o relato do pai com atenção. Depois desse dia, nunca mais conseguiu mentir para eles sobre nada, por mais inofensiva que a mentira fosse.

Era o mínimo que podia fazer.

13.

Um ortopedista ou um fisioterapeuta.

Foi o que Liam disse para Niara procurar desde quando ela caiu em uma de suas aulas por causa da instabilidade no seu pé. Após esse episódio, Niara percebeu uma preocupação dele com ela jamais vista. De vez em quando, percebia que ele soltava indiretas em relação a sua lesão, até mesmo dizendo que não poderia arriscar abrir mais turmas no Centro porque ela poderia se machucar.

Sabia que ele estava certo. O médico da emergência tinha lhe avisado que seu pé jamais voltaria ao normal se ela não fizesse cirurgia; que teria instabilidade ao pisar e se equilibrar sempre que quisesse e que, quanto mais demorasse para realizar o procedimento, mais ficaria difícil de voltar ao normal. Mas Niara tinha um receio muito grande de voltar ao hospital para verificar como estava a situação do seu pé. Talvez fosse trauma do acidente ou medo de cirurgia. De qualquer forma, sentia um arrepio toda vez que pensava nisso.

Além do mais, uma fisioterapia poderia não ser má ideia e tinha prometido para Liam que iria atrás disso assim que possível.

No entanto, desde que decidiu reencontrar seus pais, sua vida tinha se tornado um turbilhão de acontecimentos e novidades que mal tinha tempo de respirar: as suas aulas no Centro que cresceram de repente, as idas rotineiras na casa dos pais para atualizá-los sobre sua vida, a sua relação com Liam, que recentemente a tinha chamado para morar com ele e inclusive já estavam praticamente se mudando para um novo apartamento. Tudo acontecia tão rápido que não dava tempo de processar.

E, algumas coisas, ainda não conseguia nem aceitar, como o fato de ter que apresentar Liam ao seus pais.

Algo a dizia que esse encontro não seria agradável, que Liam e seus pais poderiam não se dar bem, já que pensavam diferentes demais um do outro. Mas, após pedidos incessantes de sua mãe para conhecê-lo e também de Liam estar tão curioso em saber como era a família de Niara que mal podia esconder sua ansiedade, ela, enfim, decidiu colocar todos no mesmo ambiente e fazer esse encontro acontecer.

– É virando a próxima? – Liam perguntou, dirigindo em direção ao prédio onde seus pais moravam. Quando Niara confirmou positivamente, ele entrou na avenida

perto do condomínio e, poucos segundos depois, estavam estacionando em frente ao edifício. – Uau, quer dizer que é aqui que você morava? Deve ter sido difícil alugar aquele *muquifo* que você chama de apartamento.

– Não fala assim da minha casa! – Niara reclamou, batendo no braço dele enquanto saíam do carro. – Eu adoro a minha quitinete do jeitinho que ela é.

– É, claro que adora. Mas ainda bem que vamos sair de lá. – Liam disse, sorrindo. Os dois caminharam em direção a portaria do prédio e Niara foi direto na entrada de moradores. Seus pais tinham deixado com ela uma cópia da chave de entrada para ela não precisar mais esperar na entrada de visitantes e, mesmo dizendo que não precisava, eles insistiram para ela usar. Enquanto andavam pelo térreo do prédio em direção aos elevadores, Liam observava tudo com bastante atenção.

– O segurança ficou olhando pra gente.

– Problema dele. – Niara deu de ombros, de mãos dadas com Liam.

– Dois pretos entrando sem se identificar em um prédio na Zona Sul. Bem comum mesmo.

– Liam, sem paranoia. Está tudo bem.

Quando os dois estavam chegando, Carmem abriu a porta do apartamento, radiante. Abraçou Liam com entusiasmo e logo depois abraçou Niara com força, como sempre fazia desde que a reencontrou, como se a intensidade dos seus abraços pudesse impedi-la de sumir novamente.

– Que bom que veio aqui, Liam. Estávamos ansiosos para conhecer você! – Carmem disse, abrindo espaço para eles entrarem.

– Obrigado, dona Carmem. Eu também estava.

– Sentem-se. Seu pai já está chegando, Niara. Ele disse que ficou preso na clínica.

Os três então se acomodaram na sala de estar do apartamento. Liam olhava ao redor, interessado na decoração do apartamento, principalmente nos quadros e nas obras de arte que sua mãe fazia coleção. Com bastante naturalidade, os dois começaram a conversar sobre interesses em comuns e deixaram Niara de lado. Carmem ficou maravilhada com o conhecimento dele em artes plásticas, algo que sempre adorou na época da faculdade, e lhe fez inúmeras perguntas. Eles se deram tão bem logo de cara que Niara se tranquilizou, enquanto observava os dois conversando assuntos dos quais ela não fazia ideia, mas que, pelo visto, tanto sua mãe quanto Liam adoravam.

Continuaram assim, imersos em assuntos sobre artes, até que Ricardo interrompeu abrindo a porta e chamando todos os olhares para si. Assim que ele entrou na sala, todos ficaram em silêncio. Carmem e Liam pararam um assunto que estavam conversando e observaram Ricardo fechar a porta e caminhar até o centro da sala.

– Boa tarde. – Ele falou. Liam logo levantou-se do sofá e o cumprimentou em pé, com um aperto de mãos e um aceno de cabeça. – Fiquem à vontade, eu vou me trocar e já me junto a vocês.

– O almoço já está pronto, Rick. Só estamos esperando você. – Carmem gritou quando viu o marido seguir pelo corredor do apartamento, sumindo de vista. – Bom, meninos, querem sentar à mesa? Liam, depois quero que você vá ao meu escritório. Vou te mostrar alguns quadros que estão lá também.

– Claro. – Liam sorriu, levantando-se e indo para mesa junto com Carmem. Logo em seguida, Ricardo voltou e todos sentaram-se à mesa para almoçar. A conversa entre seus pais e Liam fluía de forma tão natural e tranquila que Niara chegou a se perguntar por que algum dia teve receio de apresentá-lo para eles. Liam conversou horas com a sua mãe e também falou de diversos assuntos com seu pai, assuntos que ela jamais imaginou que eles pudessem ter em comum.

Porém, quando começaram a falar sobre como eles se conheceram e se Liam também dançava, Niara sentiu um mau pressentimento.

– Liam, você já viu a Niara nos palcos? – Ricardo perguntou em um determinado momento, entre uma colherada de comida e outra.

– Ah, não, infelizmente quando eu a conheci ela já tinha parado de dançar por causa do acidente no tornozelo. – Liam soltou de repente. Assim que ele terminou de falar, todos na mesa arregalaram os olhos e pararam de comer. Ricardo soltou o talher no prato, chocado demais até para continuar segurando com a mão. Carmem olhava para Liam como se ele tivesse acabado de xingar sua família até a última geração.

– Acidente no tornozelo? Como assim?! – Carmem perguntou.

– Hã... – Liam olhou para Niara do seu lado, confuso. Não fazia ideia de que ela não tinha contado esse detalhe para os pais.

– Niara, o que aconteceu? Você sofreu um acidente recentemente? Foi dançando? – Uma enxurrada de perguntas começou a vir na direção de Niara, que continuava olhando para o prato sem dizer nada.

– Eu sabia que tinha alguma coisa errada... – Ricardo falou. – Eu sabia que você estava escondendo alguma coisa de nós.

– Eu não escondi nada. – Niara rebateu, finalmente olhando para os pais. Liam coçava a testa com a mão, tampando metade do seu rosto e tentando se eximir da discussão que se seguiu. Ricardo e Carmem continuaram a fazer perguntas sobre o acidente de Niara e, por mais que detestasse tocar nesse assunto, ela contou tudo. Além disso, lembrou-se da promessa que fez a si mesma na última conversa que teve com seu pai.

Nunca foi o tipo de pessoa que falava sobre suas dores abertamente. Enquanto elas ainda doíam, preferia guardar para si, até que o simples ato de falar não fosse mais um problema. A vida inteira lidou com seus problemas desse jeito. Mas, ultimamente, estava se sentindo pressionada a falar de dores que ainda não estavam cicatrizadas dentro dela. Esse era o problema de ficar muito tempo sozinha, pensou, ao finalizar a história do seu acidente. Não sabia lidar com as pessoas preocupadas com ela. Às vezes tinha vontade de gritar, brigar com todos que tentavam ultrapassar a barreira invisível que ela tinha criado na sua cabeça. Mas, quando a raiva passava e conseguia pensar com mais razão, percebia que não estava sendo coerente.

– Onde foi essa fratura? – Ricardo perguntou, após Niara terminar de contar o relato.

– No maléolo posterior. – respondeu. – O médico da emergência disse que eu quebrei mais de 25% do osso e por isso a fratura não se curaria sozinha, só com uma cirurgia.

– Você fez algum exame depois que tirou o gesso? – Niara balançou a cabeça negativamente. – Há quanto tempo você está com esse tornozelo assim?

– Faz pouco mais de 7 meses. – Quando Niara respondeu, Ricardo fechou os olhos, colocando as mãos na têmpora. Sua expressão era de quem tinha acabado de ouvir uma péssima notícia.

– Niara, você precisa ir ao hospital fazer um exame urgente. Ouviu? Urgente. Você vai comigo pra clínica agora.

– Não. – Ela rapidamente disse. – Não, pai. Depois eu resolvo isso.

– Niara, se você não for agora comigo, seu tornozelo tem sério risco de não voltar ao normal nem mesmo com uma cirurgia. – Quando Ricardo disse isso, Liam se levantou da mesa, assustado. – Você demorou demais para fazer essa cirurgia. Não pode esperar mais.

– Eu disse, Ni, eu disse. Faça o que seu pai está falando. Vamos no hospital.
– Liam cutucou o ombro dela. Niara tirou as mãos dele com força.

– Eu não quero ir. – disse, levantando-se da mesa também. – Só eu que acho uma falta de respeito essa insistência de vocês? Isso me incomoda tanto que, se vocês sentissem 1% da raiva que eu sinto, nunca mais tocariam nesse assunto de novo. Liam, vamos embora.

– Niara...

– Se você não quiser, pode ficar aí. – falou, pegando sua bolsa de cima da mesa e indo em direção à porta. Liam deu um sorriso amarelo para os pais de Niara, que ficaram na mesa sem se mexer, e foi atrás dela. Os dois saíram pela porta da frente e desceram as escadas, pois Niara estava nervosa demais para esperar o elevador. Enquanto desciam, Liam tentava pensar na melhor maneira de convencê-la a ficar sem que isso a fizesse explodir de vez, mas não conseguiu. Assim que estavam chegando no carro, ele parou de andar e a puxou pelo braço.

– Ni, espera. Eu sei que dói falar sobre isso, mas você não pode ignorar essa lesão pra sempre.

– Me deixa em paz! – Niara gritou.

– Não posso deixar você ficar assim sabendo que existe solução para isso. Eu não *consigo*.

– Você não pode me forçar a fazer nada. Eu já disse que *não quero*. – Niara tentou soltar seu braço do de Liam. – Liam, qual é o seu problema? Me solta. – ele puxou com mais força o braço Niara, trazendo o corpo dela inteiro pra ele e a abraçou. No início ela se debateu, empurrou com os punhos cerrados o peito dele, tentando afastá-lo, mas Liam continuou prendendo-a em seu abraço até que, aos poucos, Niara foi trocando os punhos por palmas fracas e inofensivas, cedendo ao abraço dele. Segundos depois, estava chorando nos braços de Liam com o corpo inteiro tremendo.
– Eu *tô* com medo, Liam, eu *tô* com medo dessa cirurgia. Tenho medo de tudo dar errado mais uma vez. – falou, entre tremedeiras e soluços.

Liam continuou abraçando Niara, sem falar nada, até ela se acalmar. E, após vários minutos em silêncio e abraçados, ela se recompôs. Mesmo resistente, concordou quando Liam a convenceu a voltar na casa dos seus pais e terminar de ouvir o que seu pai tinha a dizer. E, antes que pudesse perceber, estava a caminho do hospital para fazer exames de imagem.

14.

Depois de fazer todos os exames que seu pai pediu do tornozelo – e mais alguns exames de rotina que acabou fazendo porque sua mãe queria saber o estado de sua saúde, Niara voltou pra casa com Liam. Os dois foram para o seu apartamento na Tijuca e ficaram por lá, observando as inúmeras tomografias e ressonâncias do seu tornozelo esquerdo, da análise da fratura que os médicos da clínica onde seu pai trabalhava fizeram. Liam estava mais interessado nos laudos do que ela, lendo por horas um prontuário do exame com atenção e pesquisando na internet as palavras que ele não entendia.

Niara olhou ao redor e viu sua quitinete estava praticamente vazia. Todas as suas coisas já estavam encaixotadas, o seu sofá verde musgo tinha sido doado, assim como a maioria dos móveis que tinha comprado quando se mudou para lá. Restavam apenas a cama e uma geladeira velha que provavelmente iam ficar na quitinete de presente para a proprietária. Ela e Liam já tinham escolhido o novo apartamento para morarem juntos. Estavam se mudando aos poucos, ficando entre a quitinete de Niara e a casa dos pais de Liam, no Morro dos Prazeres, enquanto o novo apartamento dos dois não estava totalmente pronto pra morar.

Estava iniciando uma nova fase da sua vida com Liam, decidindo morar de vez com ele. Suas aulas no Centro Raízes estavam cada vez maiores e melhores, o que ela considerava um novo ciclo de sua carreira.

Da mesma forma, a proximidade com os pais marcou uma nova fase na sua vida e sentia que tinha se livrado de um peso enorme que carregou durante anos sobre as costas. E, apesar de ainda não ser as mil maravilhas, estava feliz demais de ter seu pai e sua mãe novamente em sua vida. Sentia-se sortuda por ainda ter eles, mesmo após tudo o que aconteceu. Enfim, estava finalmente virando a página e começando tudo de novo do zero.

A única coisa que a impedia de seguir em frente por completo era essa maldita cirurgia. Toda vez que pensava em fazer a cirurgia do seu pé, lembrava de como era a sua vida na dança e, principalmente, de como era a sua vida antes do acidente. Sem Liam, sem os pais, sem os seus alunos do Centro, sem nada disso que tinha agora. E, automaticamente, sentia um incômodo. Não queria voltar a ser a Niara dançarina.

Ela tinha trazido bastante sofrimento, mesmo que, na época, não enxergasse dessa forma. Aquela fixação por dançar e por ser uma dançarina de sucesso a levou ao que considerava o fundo do poço. Não sentia mais tantas saudades da sua vida anterior, dos ensaios desgastantes na companhia, das coreografias horríveis e exaustivas que tinha que fazer com Alexandre – de quem, graças a Deus, nunca mais teve notícias.

Em suma, queria finalmente virar a página. Tinha sido difícil tomar essa decisão, já que durante bastante tempo se lamentou pela perda do movimento do seu tornozelo, sonhando com a chance de voltar a dançar de novo. Mas, agora, que realmente poderia fazer a cirurgia, que seu pai já tinha dado um jeito de colocá-la na agenda de um dos seus colegas cirurgiões ortopedistas, que já estava fazendo todos os exames para entrar no centro cirúrgico e realizar o procedimento, não sentia vontade nenhuma de seguir em frente.

Mas por mais que gritasse, esperneasse, brigasse e ameaçasse fugir várias vezes, Liam não a deixava desistir da cirurgia. Nem ela e nem seus pais, que, por incrível que pareça, também ficaram bastante abalados com o acidente dela e queriam de qualquer jeito que ela recuperasse – contrariando mais uma vez tudo o que ela pensou um dia que eles pudessem fazer.

A cirurgia ia acontecer de um jeito ou de outro. Já não tinha mais para onde fugir. No entanto, tinha tomado a sua decisão: com ou sem cirurgia, iria virar a página. Iria recomeçar uma nova história na sua vida, sendo apenas professora de dança e, quem sabe, ajudando Liam na administração do Raízes. Faria uma faculdade, de música ou pedagogia, ou de outro assunto que a interessasse. Faria cursos e cursos dos mais variados temas, fortaleceria mais a sua relação com seus pais, formaria uma família com Liam e esqueceria de vez essa história de dançar.

Essa ideia martelou em sua mente durante todos os dias. Enquanto ia dar suas aulas, durante a mudança para o seu novo apartamento e principalmente quando foi no hospital fazer todos os exames pré-operatórios. Estava convicta de que sua vida mudaria de uma vez e pronto. Sem arrependimentos.

– Está nervosa? – Liam perguntou ao seu lado. Estavam na sala de espera da ala cirúrgica do hospital. – Você vai voltar a dançar... – ele cantarolou, fazendo cosquinhas na cintura de Niara, vestida apenas com um roupão e uma touca branca descartável.

Finalmente tinha chegado o tão esperado momento da cirurgia.

Seu pai estava correndo de um lado para o outro, tentando resolver todas as autorizações da cirurgia. De vez em quando, ele mandava mensagem no seu celular para perguntar se estava tudo bem e Niara sempre respondia que sim. O tratamento que estava recebendo no hospital onde seu pai trabalhava era absurdo. Jamais conseguiria o mesmo atendimento se estivesse na fila de espera de um hospital público.

O médico que ia fazer a sua cirurgia, colega de profissão de Ricardo, já tinha chegado e a esperava na sala onde iam fazer o procedimento. Niara escolheu Liam para acompanhá-la até onde ele pudesse entrar. Ele era a pessoa mais adequada para esse momento, além de estar completamente animado e feliz com a cirurgia, mais do que qualquer um.

Na verdade, ele estava feliz desde o momento em que ela fez o primeiro exame de imagem do seu tornozelo.

– Liam, eu preciso te falar uma coisa. – Niara respirou fundo antes de continuar. – Eu não vou voltar a dançar. Queria que você soubesse disso. – Quando falou, Liam parou de sorrir e olhou nos olhos dela.

– Entendo. – Ele disse, após alguns segundos em silêncio. Os dois estavam de mãos dadas, sentados um do lado do outro na poltrona da sala de espera.

– Eu estou falando isso porque não quero te desapontar. Você está mais feliz do que qualquer um com essa cirurgia, mas a verdade é que... pra mim não importa mais.

– Entendo. – Ele suspirou, olhando para frente. – Não tem problema.

– Não tem problema? – ela arregalou os olhos. – Você não está surpreso?

– Não. Porque não quero que você volte a dançar. Eu quero que você tenha uma escolha.

– Escolha?

– Ni, a pior coisa da vida é a gente não ter escolha. Se mesmo depois da cirurgia você não quiser mais dançar, tudo bem. Você fez uma escolha.

– Liam...

– Eu não queria que você parasse de dançar porque seu tornozelo quebrou. – Ele olhou nos olhos dela. – Você nunca ia se perdoar. – Assim que ele terminou de falar, os olhos de Niara encheram de lágrimas.

– Tem uma coisa que eu sempre quis te dizer: esse acidente não foi culpa sua. Você não fracassou. Mas você jamais ia conseguir entender isso se carregasse um

tornozelo lesionado para o resto da sua vida. – Falou. Já aos prantos, Niara colocou a mão no rosto para conter as lágrimas. Não conseguiu falar nada depois do que Liam disse, apenas sentiu um alívio tão grande no seu peito que podia sentir todos os seus músculos tensos relaxarem ao mesmo tempo, como se as palavras de dele tivessem atingido seus nódulos um por um, liberando-os e trazendo uma sensação de relaxamento inebriante.

Toda a angústia, medo e desespero que sentira ao longo desse tempo tinham saído dela como se Liam puxasse pela mão e jogasse fora. De repente, sentia-se segura e, pela primeira vez desde que tinha sofrido seu acidente, acreditou que tudo ia ficar bem.

Liam beijou a mão dela, que estava entrelaçada na dele, e juntos esperaram um enfermeiro aparecer com uma maca, deitar Niara nela e levá-la direto para a sala de cirurgia.

Epílogo

– Será que vai ser menino ou menina? – perguntou, passando a mão pela própria barriga, ainda pequena demais. Segundo sua médica seu bebê era do tamanho de uma tâmara.

– Não sei. Você quer que seja o quê?

– Tanto faz. – respondeu. Olhou para seu marido ao seu lado na cama. Ele lia um jornal dobrado ao meio com óculos de grau preto de lentes grossas. – Você ainda usa esses óculos horrorosos?

– Sim. Até hoje. Não se fazem mais óculos como antigamente. – Ricardo tirou os óculos de grau, abaixando o jornal e olhando para Carmem com ligeira curiosidade.

– Se pra você tanto faz, por que quer tanto saber o sexo do bebê?

– Pra escolher o nome. – Ela respondeu. Ricardo começou a rir, beijando sua testa. – O que foi? Quando você beija minha testa é porque não está me levando a sério.

– Claro que estou. Eu só acho engraçado.

– Vamos, me dá 5 nomes diferentes de meninas e 5 nomes diferentes de meninos.

– Amor, agora? – Ricardo gemeu, esticando seu corpo na cama e virando para o lado. – Ainda temos uns 7 meses para decidir isso. Até lá achamos um nome bonito quando descobirmos o sexo.

– Eu quero *agora*.

– Tudo bem, tudo bem... – Ricardo suspirou. – A gravidez tem deixado você agressiva demais. Que tal Roberto?

– Hum... E se for menina?

– Mariana.

– Mariana é um nome bonito.

– É nome de quem um dia vai ser uma cirurgiã respeitada. – Carmem começou a rir. – O que foi?

– A criança mal nasceu e você já está chamando de cirurgiã. Cuidado que o tiro pode sair pela culatra, viu?

– Engraçadinha. – Ricardo deitou de costas na cama. – E você? Quais nomes tem em mente?

– Se for menino, eu gosto de João. E, se for menina, eu gosto de Niara.

– Niara?! Que nome esquisito! – Assim que terminou de falar, Ricardo se arrependeu no mesmo minuto. Podia sentir a raiva de Carmem por todo colchão da cama em que estavam deitados. – Desculpa, amor.

– Era o nome da minha bisavó... – Carmem respondeu, passando novamente a mão. – É um nome indígena.

– Sério? Eu não sabia que você tinha essa ligação com a sua bisavó.

– Ela morreu faz muito tempo, mas eu sempre gostei do nome dela. Você sabe o que significa?

– Niara?

– Sim. – Carmem sorriu ao ver o interesse repentino de Ricardo. – Niara significa mulher em busca de grandes objetivos. É um nome lindo e forte.

– Uau. Com esse significado ele ficou até mais bonito. – Ricardo disse. Carmem revirou os olhos e virou o corpo para o outro lado, ficando de costas para ele. – Amor, estou brincando, eu gostei do nome.

– Boa noite, Rick. Vamos dormir.

– É sério, eu gostei mesmo. Também é o nome de alguém que pode ser uma cirurgiã respeitada. – Brincou novamente. Carmem desligou a luz do abajur e mandou ele calar a boca. Ricardo riu e se acomodou na cama para dormir.

– Niara. – Sussurrou, fechando os olhos. – Até que é um nome bonito mesmo.